

- (EF09GE02)** Analisar a atuação das corporações internacionais e das organizações econômicas mundiais na vida da população em relação ao consumo, à cultura e à mobilidade.
- (EF09GE04)** Relacionar diferenças de paisagens aos modos de viver de diferentes povos na Europa, Ásia e Oceania, valorizando identidades e interculturalidades regionais.
- (EF09GE06)** Associar o critério de divisão do mundo em Ocidente e Oriente com o Sistema Colonial implantado pelas potências europeias.
- (EF09GE08)** Analisar transformações territoriais, considerando o movimento de fronteiras, tensões, conflitos e múltiplas regionalidades na Europa, na Ásia e na Oceania.
- (EF09GE13)** Analisar a importância da produção agropecuária na sociedade urbano-industrial ante o problema da desigualdade mundial de acesso aos recursos alimentares e à matéria-prima.

Considerações sobre o capítulo

Neste capítulo, estudaremos a China, país mais populoso e uma das maiores economias mundiais. Para esse estudo, abordaremos primeiramente alguns aspectos gerais do país, como localização, extensão e população, além dos contrastes naturais que o dividem em China Oriental e Ocidental. Em seguida, traçaremos um panorama desse país desde o período do Império, passando pela instauração do socialismo, até os dias atuais.

Explicaremos como ocorreu o surgimento da civilização chinesa, o fim do império e o começo da república, discutindo como o socialismo implantado assumiu novas feições e possibilitou o crescimento do país. Veremos que, inicialmente, a China adotou

Capítulo 13 China: o grande dragão da Ásia

A economia chinesa causa assombro e inveja aos economistas e políticos ocidentais. Seu crescimento nas últimas duas décadas do século XX e na primeira do século XXI foi praticamente ininterrupto, com taxas anuais superiores a dois dígitos, medidas pelo Produto Interno Bruto (PIB), que, atualmente, é o segundo maior do mundo, atrás apenas dos Estados Unidos. Por isso, a China vem sendo considerada o grande “dragão econômico” do século XXI. Sua milenar história começa há cerca de 5 mil anos, com os primeiros assentamentos no vale do Huang-Ho (o Rio Amarelo), que, junto com os assentamentos na Mesopotâmia e os do vale do Rio Nilo no Egito, constituíram os berços da civilização humana.

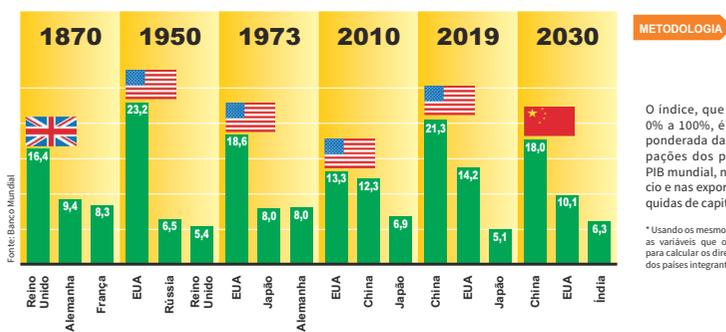
Atualmente é considerado um país com dois sistemas econômicos: politicamente socialista, que resiste nas regiões mais distantes e, sobretudo, nas relações de propriedade; e economicamente capitalista, que organiza cada vez mais as relações de produção e de trabalho, sobretudo nas regiões mais modernas.



Rio Amarelo (Huang-Ho), na cidade de Lanzhou, Província de Gansu, China.

Domínio econômico

Índice para os três principais países a cada ano, em %*



Objetivos didáticos

- Estudar e compreender as principais características do país mais populoso do mundo: a China.
- Investigar aspectos sócio-históricos da China, sua economia e política.
- Traçar um perfil da história de desenvolvimento da China, do império aos dias atuais.

- Abordar aspectos gerais do país (localização, extensão e população), relacionando-os aos contrastes naturais que o dividem em China Oriental e Ocidental.
- Explicar o surgimento da civilização chinesa, o fim do império e o começo da república.
- Abordar e discutir como o socialismo soviético implantado no país se tornou um socialismo chinês (com a presença de práticas capitalistas).

o regime socialista nos moldes soviéticos, mas, após divergências, teve suas relações diplomáticas com a URSS rompidas e mol-
dou o regime aos seus próprios interesses. Mostraremos que essa nova moldura esta-
va relacionada ao fim da Revolução Cultural e ao começo de uma nova revolução, em
que os dois principais sistemas econômicos do mundo, o socialista e o capitalista, se-
riam mesclados de acordo com o objetivo da nação. Assim, certas práticas capitalistas
foram adotadas pelos chineses para favore-
cer o crescimento da economia, ainda que o socialismo continuasse sendo a sua base.

Estudaremos também como as Zonas Econômicas Especiais (ZEEs) geraram tanto um desenvolvimento industrial quanto um desequilíbrio econômico regional. Trataremos ainda de importantes eventos que marcaram a história da China, como o massacre na Praça da Paz Celestial.

Exporemos e explicaremos os principais fatores do crescimento econômico chinês, propiciado pela liberalização econômica, pela matéria-prima acessível e pela mão de obra barata, comentando também a importante demonstração de força desse país ao entrar na OMC. Detalharemos a expansão do mercado interno chinês, o intenso processo migratório, o expressivo investimento e o consequente desenvolvimento nos setores educacional e industrial — especialmente da indústria de satélites — e como tudo isso influencia as condições de vida da população, marcada pela diversidade étnica e cultural.

Conceitos principais

China: o “dragão econômico”; império chinês: começo e fim; surgimento da civilização chinesa; república; expansão do mercado interno; investimento e desenvolvimento educacional e industrial; condições de vida da população; diversidade étnica e cultural.

China: aspectos gerais

A China, localizada no continente asiático, é o terceiro maior país do mundo. Possui 9.597.000 km² e é menor, apenas, que a Rússia e o Canadá. É também muito populosa: possui cerca de 1,4 bilhão de habitantes, o que equivale a 20% da população mundial. Na prática, isso significa que, a cada cinco habitantes do nosso planeta, um é chinês.



Situada na Ásia Oriental, a China possui extensão territorial correspondente a 25% da superfície do continente asiático; é formada por 22 províncias, 5 regiões autônomas, 4 cidades administradas pelo governo central e 2 regiões administrativas especiais: Macau e Hong Kong.

Principais regiões naturais chinesas

A China abriga grandes contrastes naturais. Nela podemos considerar duas imensas regiões naturais: a China ocidental e a China oriental.

A metade ocidental (ou “do interior”) abrange as províncias de Ski-kiang, a Mongólia Interior e o Tibete; apresenta climas desérticos, semidesérticos e montanhosos, sendo uma área dominada por baixos índices de chuva e por ventos muito secos. É a parte menos populosa (caracterizada por vazios demográficos) e menos industrializada do país. É também rica em recursos naturais (principalmente o petróleo) e possui áreas irrigadas para a agricultura.

Já a metade oriental, que compreende a Manchúria e a Planície Oriental, abriga 90% da população chinesa. Nela o clima varia, no sentido norte-sul, de temperado continental a temperado oceânico, subtropical e de monções. É a parte mais desenvolvida do país, sendo rica em recursos minerais e concentrando as áreas mais industrializadas e as Zonas Econômicas Especiais (ZEEs).

Anotações

lênios, muros que se estenderam até formar a conhecida **Muralha da China**, que possui, atualmente, mais de oito mil quilômetros. Diversas dinastias se sucederam e ampliaram a construção, mas isso não foi o suficiente para impedir as invasões. A unificação do império só se deu sob as dinastias dos Han e dos Tang.

A milenar cultura chinesa, baseada nos ensinamentos de Confúcio e de Lao-Tsé, espalhou-se pelos territórios vizinhos, exercendo forte influência sobre eles, sobretudo sobre a Coreia.

A partir dos contatos com o Ocidente, iniciou-se um período de crise e declínio, entremeados por revoltas populares no século XIX que devastaram o país e minaram a autoridade imperial. No final desse mesmo século, sob o governo da dinastia Manchu, o império estava decadente. A figura do imperador era apenas *pro forma*, decorativa, porque, naquela época, o país fora compartilhado entre várias potências estrangeiras.



Qin Shi Huang Di foi o primeiro imperador a unir a China sob a mesma dinastia e o responsável pela implantação do conceito de **império** entre os chineses. O imperador faleceu há mais de dois mil anos, e as estátuas dos Guerreiros de Terracota (na imagem) foram feitas para protegê-lo em sua vida após a morte.

Fim do império e começo da república

Desde o século XIX, a China vinha sendo explorada de maneira descontrolada por países imperialistas, como França, Inglaterra, Japão, Rússia e Estados Unidos.

Sob a liderança do jovem médico Sun Yat-sen, foi organizado, no início do século XX, um movimento nacionalista contrário à dinastia Manchu e à dominação estrangeira. O movimento culminou em uma revolução, em 1911, que atingiu as principais cidades do país, pôs fim

ao império e instaurou a república, em 1912. Sob a direção de Sun Yat-sen, foi organizado o Partido Nacionalista, o **Kuomintang**.

Após a breve presidência de Sun Yat-Sen, o “pai da república”, o país vivenciou um período de guerras entre generais que dominavam o território nacional. A república chinesa desmoronou após a invasão japonesa, em 1937, enquanto se espalhava a guerra civil travada entre os exércitos mercenários dos generais e o “exército vermelho” de camponeses, liderados por Mao Tsé-Tung.

Após o término da Segunda Guerra Mundial, a guerra civil chinesa culminou com a derrota e a fuga das tropas de Chiang Kai-shek (líder do Kuomintang) para a Ilha de Formosa, posteriormente batizada de Taiwan, onde se estabeleceram a *República da China Nacionalista*, que adotou o capitalismo como modo de produção, e a *República Popular Socialista da China* no continente, em 1949. O país foi unificado sob o controle dos comunistas, comandados por Mao, então secretário-geral do PCCh (Partido Comunista Chinês). Nesse cenário, nascia a **China Comunista**. Desde então, Taiwan é considerada pelo governo chinês uma “província rebelde”, o que gera conflitos entre as duas nações há décadas.

O modelo chinês de socialismo

A China se encontrava enfraquecida após anos de guerra civil e exploração desenfreada por parte das potências colonialistas ocidentais e do Japão. Dessa situação, surgiu o desafio de resgatar a população — em sua maioria, camponeses e analfabetos — da fome e da miséria.

No início, a China revolucionária seguiu o modelo político-econômico vigente na antiga União Soviética, planejando sua economia. Sob a autoridade de Mao e seu grupo de líderes revolucionários, foi criado um aparelho institucional capaz de governar a nação chinesa.

Dentre as principais medidas estabelecidas pela revolução, destacam-se: a planificação econômica, com estatização dos meios de produção, desenvolvimento da indústria de base, intensa centralização do poder e eliminação da influência estrangeira (sobretudo europeia) no país. Em 1958, Mao colocou em prática o plano denominado de **O Grande Salto para Frente**, com o objetivo de reorganizar a economia nas áreas rurais, que concentravam, aproximadamente, 80% da população do país.

Essa política organizou a produção das áreas rurais em comunidades, e as plantações em áreas privadas foram tomadas e proibidas, o que acabou reduzindo a motivação dos camponeses para o trabalho no campo. Como a produção mineral era uma prioridade para o governo, milhares de trabalhadores rurais acabaram se tornando trabalhadores em áreas minerais e de siderurgia.

A produção no campo, portanto, ficou comprometida em razão da desorganização no planejamento e, sobretudo, da diminuição da produção, o que acabou por provocar uma grande escassez de alimentos. A fome se abateu sobre a China e se estendeu do fim de 1959 ao início de 1961. Durante esse período, morreram, aproximadamente, 20 milhões de pessoas por inanição, isto é, de fome crônica. Período que ficou denominado de **Grande Fome**.

E, para piorar a situação, devido às divergências entre os dois principais líderes socialistas (da URSS e da China) em 1964, a China passou a investir na área bélica e logo fez testes, detonando sua primeira bomba atômica. Como a União Soviética não admitia perder sua hegemonia militar sobre o bloco socialista, em 1965 rompeu os laços diplomáticos com a China.

Diante desses problemas, para se manter no poder, Mao Tsé-Tung, a partir de 1966, mergulhou o país em uma Revolução Cultural que só terminou com sua morte, em 1976. Essa revolução pregava que os chineses deveriam lutar contra aqueles que se posicionavam contra o socialismo. Durante esse período, milhões de camponeses, trabalhadores e estudantes foram politicamente mobilizados, enquanto as elites tradicionais eram eliminadas do cenário social e político. Essa atitude acabou isolando a economia chinesa dos demais países do mundo.

Apesar das crueldades cometidas durante a Revolução Cultural, a China emergiu dela como uma sociedade mais coesa e solidária; e seus membros, mais conscientes e com maior percepção de seu papel social.



Reprodução
Durante a consolidação do poder interno, que levou trinta anos, a China permaneceu isolada do resto do mundo, mantendo apenas poucas relações comerciais e diplomáticas. Na imagem, Mao Tsé-Tung, o “grande timoneiro” da revolução.

“Um país e dois sistemas”

No início dos anos 1970, os Estados Unidos se aproximaram da China e propuseram que o país adotasse o capitalismo; Mao era completamente contra essa proposta. Porém, com a morte de Mao, em 1976, a China passou por um processo de “desmaoização”, e uma nova fase foi iniciada. Com o fim da Revolução Cultural, outra estava por vir: a Revolução para a Modernidade. O “homem forte” dessa fase foi Deng Xiaoping, o então secretário do Partido Comunista.

O processo de abertura econômica na China começou em 1978, quando Deng Xiaoping resolveu adotar alguns mecanismos da economia de mercado (capitalista), como a iniciativa privada. Contudo, os investimentos externos foram distribuídos de forma desigual, privilegiando regiões específicas.

Como, à época, a maioria da população chinesa (75%) se constituía de camponeses, era natural que as reformas comessem pela agricultura. E assim foi feito. Foram extintas as comunas populares, ou seja, as terras continuavam pertencendo ao Estado, que ainda arrecadava parte da produção, mas o cultivo das terras era livre, assim como a comercialização do restante da produção. Além disso, a agricultura passou a ser subsidiada pelo governo, aumentando a renda dos camponeses e barateando o preço dos alimentos para a população.



Hoje, a China reúne 7% das áreas agricultáveis do Planeta. Dados oficiais mostram que o país alimenta 20% da população mundial.

Desenvolvimento industrial e desequilíbrio econômico

Deng Xiaoping herdou um país muito atrasado, desestruturado e com uma renda *per capita* muito baixa. Para melhorar essa situação, entendeu que a única forma seria atrair investimentos estrangeiros. Dessa forma, para solucionar o problema, em 1978 foi criado o programa das **Quatro Modernizações**, também denominado de **Revolução para a Modernidade**, com o objetivo de atrair grandes corporações estrangeiras. Nesse programa, foi introduzida uma série de medidas capitalistas, como a criação das Zonas Econômicas Especiais (ZEEs), que foram instaladas em áreas litorâneas, ou próximo a elas. Essas zonas apresentam uma economia capitalista que cresce graças aos investimentos estrangeiros e ao incentivo às exportações, gerando empregos e proporcionando poder de compra à população.



O invejável crescimento chinês não atinge toda a China: concentra-se na região leste, na porção litorânea.

As **Zonas Econômicas Especiais (ZEEs)** se tornaram territórios onde ocorre forte expansão das indústrias de bens de consumo, principalmente as dos setores têxtil, de brinquedos e de eletroeletrônicos. A indústria de alta tecnologia teve uma rápida ascensão, tornando a China uma grande exportadora de computadores e de componentes de informática.

Essa abertura econômica ao capital estrangeiro, aliada a um grande contingente de mão de obra barata e disciplinada e ao emprego em tecnologia, tem promovido o desenvolvimento econômico chinês. Entretanto, até 2013 a maior

crece no mundo, a terceira posição entre os maiores PIBs do mundo e sua definição como um dos principais exportadores mundiais. Infelizmente os maiores beneficiados com esse desenvolvimento industrial não são os habitantes chineses, mas as empresas estrangeiras, que usam o litoral do país como “plataformas de exportação” para produzir e exportar mercadorias diversas, em especial para os Estados Unidos.

Mão de obra barata e tecnologia de ponta são as ferramentas utilizadas para exportar e lotar os mercados externos com produtos *made in China*. Assim, acumulam-se reservas de, aproximadamente, 2 trilhões de dólares, que mantêm um saldo anual de mais de 200 bilhões de dólares na balança comercial chinesa. A qualidade de vida passou por melhorias nesse período, e o coeficiente Gini — parâmetro de distribuição desigual de renda — é atualmente similar ao dos Estados Unidos.

A China na OMC

A China ingressou na Organização Mundial do Comércio (OMC) em 2001. Esse foi um dos principais acontecimentos da economia internacional no início do século e demonstrou a força do “grande dra-

As relações comerciais entre a China e o Brasil têm crescido muito na última década, e a China já tem papel importante na economia brasileira. As relações comerciais entre os países se estreitaram depois da visita do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva à China, em 2004, e a do presidente chinês Hu Jintao ao Brasil, em 2010. Até 2008, pelo menos 10 das 200 maiores indústrias chinesas já haviam se instalado no Brasil. Nos primeiros três meses de 2009, a China foi o importador número um de nossos produtos, ultrapassando os Estados Unidos, que, até então, sempre foram os maiores compradores do Brasil, segundo o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio. Os produtos mais comprados pelos chineses são: minério de ferro e soja, além de carros, aviões, alimentos, carne e madeira. Já os produtos mais vendidos aos brasileiros são: aparelhos eletrônicos e de telecomunicações, carvão, matérias-primas químicas, motores e circuitos integrados.

gão”, que deverá ampliar as possibilidades de negócios para suas empresas exportadoras e também para as empresas estrangeiras que exportam para seu mercado interno.

Como já foi visto, a produção industrial tem apresentado um crescimento bastante desigual: as Zonas Econômicas Especiais e as cidades abertas crescem mais rapidamente, acentuando os desequilíbrios regionais, enquanto as empresas privadas e mistas (Estado e iniciativa privada) crescem em ritmo mais acelerado que as outras. Mesmo com a iniciativa privada, a maior parte das indústrias chinesas ainda pertence ao Estado. E é o setor estatal que continua empregando a maioria dos trabalhadores do país.

Expansão econômica e condições de vida

Durante duas décadas de crescimento ininterrupto, foi observada a migração de vários camponeses para as cidades, em um ritmo espantoso. Seguindo os passos da população, o processo de desenvolvimento se expandiu em direção ao interior, ao longo dos grandes rios Yang-tsé-kiang e Huang-Ho.

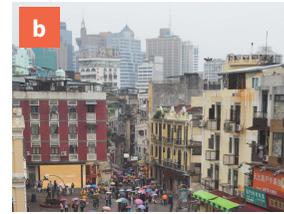
A expansão do mercado interno reafirma a tendência de crescimento da economia chinesa, que atualmente é a terceira maior do mundo, quase se igualando à do Japão, segunda maior. Os resultados sociais das políticas públicas chinesas também merecem destaque. Elas conseguiram incorporar, no mesmo período, 300 milhões de camponeses indigentes à força de trabalho e à economia de mercado.

Os investimentos em educação e formação de mão de obra diligente e disciplinada são imensos. Anualmente, milhares de estudantes de pós-graduação retornam das melhores universidades do Ocidente já capacitados. Tais esforços parecem ser recompensados. Mais da metade dos investimentos externos do mundo é canalizado para a China, cujo governo é favorável ao ingresso desses recursos, embora mantenha um controle rígido sobre sua entrada e saída, garantindo, por outro lado, a sua rentabilidade.

O desenvolvimento da indústria espacial também é notável, o que provoca a preocupação da Nasa e dos Esta-

dos Unidos. Em 15 de outubro de 2003, a China se tornou o terceiro país a enviar um astronauta à órbita da Terra. Enviou também um satélite não tripulado para explorar a superfície lunar e se prepara para pousar na Lua até 2021.

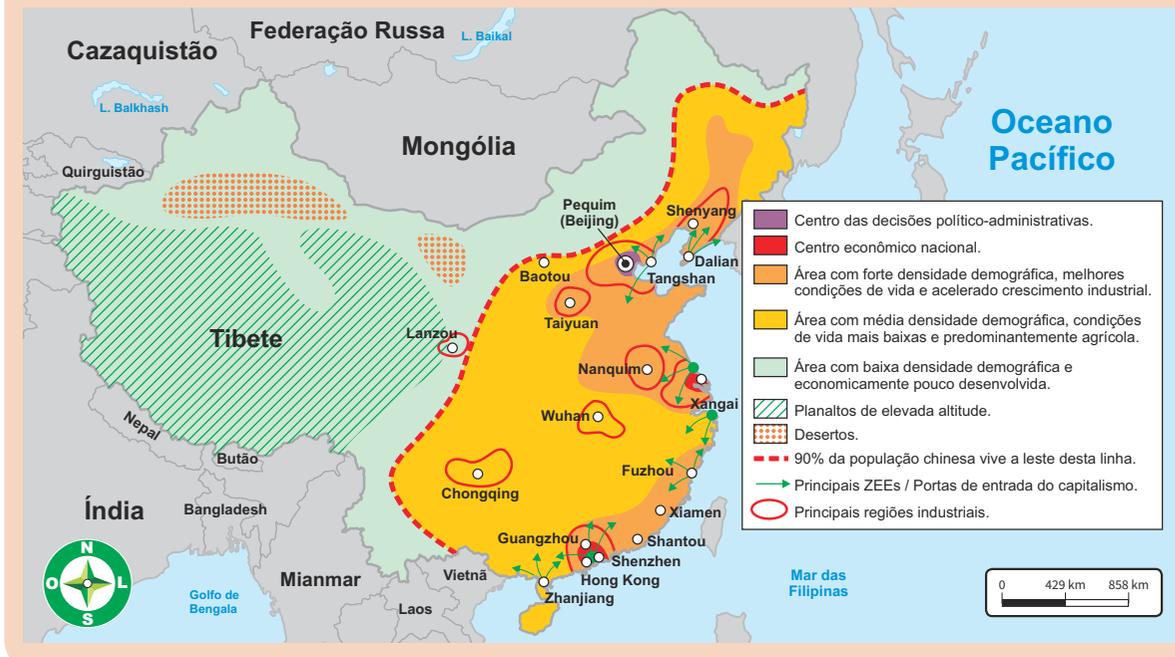
A política externa foge às questões ideológicas. O país compra petróleo, gás, minério e alimentos da Rússia, do Cazaquistão, da Nigéria, de Angola, do Sudão e, recentemente, propôs a compra de uma empresa de petróleo norte-americana. Essa proposta, como se previa, foi vetada pelo Legislativo e pelo Executivo estadunidense.



Hong Kong (imagem a), que pertencia à Inglaterra, e Macau (imagem b), posseção de Portugal, foram devolvidas à administração chinesa em 1997 e 1999, respectivamente. Esse fato demonstrou a seriedade do governo chinês quanto ao compromisso assumido de ocupar novamente todos os espaços que um dia pertenceram ao grande império chinês.

A organização do espaço geográfico chinês

Nas páginas anteriores, traçamos um perfil geral do país, conhecemos algumas das principais características da China, além das peculiaridades de seu território, economia e população. Tal perfil será sintetizado por meio do mapa apresentado a seguir, que mostra a organização do espaço geográfico da China, as áreas centrais e mais dinâmicas do país e as periferias, menos desenvolvidas e pouco povoadas. Observe:



População

A China possui, aproximadamente, 1,4 bilhão de pessoas, sendo o país mais populoso do mundo e representando cerca de 20% da população mundial. Esse número poderia ser bem maior, não fosse a preocupação do governo em diminuir ao máximo a taxa de crescimento populacional por medo de o país não ter condições de fornecer alimentação para tantas pessoas. Isso motivou, então, o uso da política antinatalista.

Desde o início da década de 1970, o governo vem exercendo um rígido controle da natalidade no país, com a prática da **Política do Filho Único**. As famílias que tinham um segundo filho passaram a sofrer punições, como a perda de certos benefícios sociais, o pagamento de multas e até mesmo a perda do emprego. Recentemente, o governo abriu uma concessão, permitindo aos casais que moram nas cidades terem dois filhos.

O controle da natalidade vem sendo efetuado por meio da divulgação de métodos contraceptivos e também pela imposição de algumas medidas drásticas, como a esterilização forçada da população, sobretudo dos casais que já tiveram filhos. Como resultado dessa política, a taxa de crescimento demográfico na China recuou para 0,6% ao ano, menor, portanto, que o da vizinha Índia (1,56%). A **Política do Filho Único** foi criticada, principalmente, por gerar forte discriminação contra a mulher, já que os casais preferem ter filhos homens, que receberão salário superior ao da mulher e poderão cuidar melhor dos pais em sua velhice. Em decorrência disso, muitos bebês do sexo feminino são assassinados pelos próprios pais.

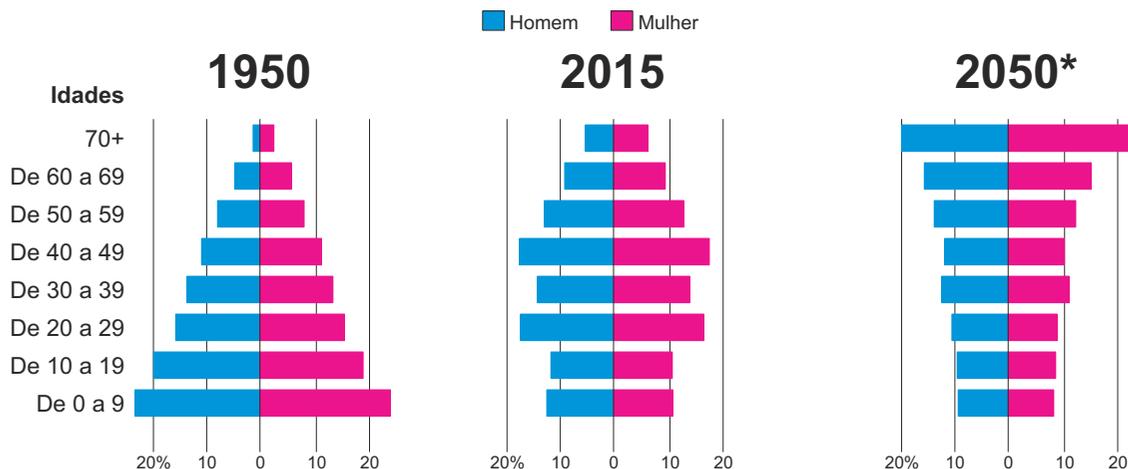


Conforme mostra o mapa, a distribuição da população chinesa no território é bastante desigual. Com uma população que ultrapassa 1,3 bilhão de habitantes, o governo chinês fez do controle demográfico uma prioridade nacional nas últimas décadas. Como podemos observar, a parte leste, por ser mais industrializada, é também a mais povoada. Em contrapartida, na parte oeste, verificam-se grandes vazios demográficos.

Em 2015, o país mudou a Política do Filho Único e anunciou que, a partir de então, as famílias poderiam ter mais filhos. A justificativa para a mudança é controlar o envelhecimento da população e recuar no rigoroso planejamento familiar imposto desde 1970, que provocou desequilíbrio populacional, baixa reposição e conseqüente envelhecimento, tidos como responsáveis pela queda no ritmo do crescimento socioeconômico.

Mudanças na população da China

Porcentagem do total da população*



* Valores da população em estimativas.

Havia mais de 35 anos que a maioria dos chineses estava impedida de ter mais do que um filho. A sociedade chinesa está agora envelhecida, desequilibrada, e a maioria não tem dinheiro para um segundo bebê. Existem desafios demográficos que já não podem ser evitados. Atualmente, existem 105 homens para cada 100 mulheres na China — em 2014, para cada 116 homens nasceram apenas 100 mulheres. Em 2024, o país terá 30 milhões de homens solteiros.

Diversidades étnica e cultural

No processo de formação do atual território chinês, vários povos e etnias que mantinham relações conflituosas com a etnia han foram dominados pelo seu nacionalismo expansionista. Essa etnia corresponde a 91,9% do total da população chinesa e concentra-se nas planícies orientais do país. Cerca de 50 grupos étnicos estão distribuídos pelas províncias e regiões autônomas da China, dentre os quais se podem destacar: chuans (1,4%), manchus (0,9%), huis (0,8%), uigures (0,6%), mongóis (0,4%), tibetanos (0,4%) e coreanos (0,2%).

Quando se consideram esses grupos como minorias, é importante compreender que, tendo a China uma população tão expressiva, cada um deles pode representar um grupo numeroso, com milhões de pessoas. Somente na região autônoma de Xinjiang, por exemplo, a minoria uigur, que representa 0,6% da população total, conta com, aproximadamente, 9 milhões de pessoas.



A etnia yao começou no sul da China. Um dado sobre esse grupo é que as mulheres só cortam o cabelo aos 18 anos de idade e depois nunca mais. Na imagem, isso que parece um turbante é, na verdade, cabelo.

República da China (RC)

- Campo político: nacionalista-capitalista.
- Fundada em 1911 pelo Partido Nacionalista Kuomintang (KMT).
- Conhecida como **Taiwan**, é um Estado localizado na Ásia Oriental, que evoluiu de um Estado de partido único com reconhecimento mundial e jurisdição plena sobre a China em um Estado democrático com reconhecimento internacional limitado e com competência sobre a ilha de Taiwan e outras ilhas menores, apesar de usufruir de relações com muitos outros Estados.
- Antes de 1949, foi o governo reconhecido internacionalmente da China e, como tal, foi um dos membros fundadores da Organização das Nações Unidas e um dos cinco membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU até ser substituído pela República Popular da China em 1971.
- A RC é uma democracia com um sistema semipresidencial e sufrágio universal. O presidente atua como Chefe de Estado, e o Yuan Legislativo serve como órgão legislativo.
- Um dos quatro Tigres Asiáticos, Taiwan é a 26ª maior economia do mundo. A indústria de tecnologia desempenha um papel-chave na economia global.
- A RC é classificada como elevada em termos de liberdade de imprensa, saúde, educação pública, liberdade econômica, entre outros indicadores.

República Popular da China (RPC)

- Campo político: “economia socialista de mercado”.
- Estabelecida pelos comunistas vitoriosos na guerra civil chinesa pós-Segunda Guerra Mundial em 1949.
- Conhecida como **China**, é o maior país da

China: principais grupos étnicos



Setor primário

O índice de desemprego na China é baixo. Em 2020, encontrava-se em torno de 4,2% da população economicamente ativa (PEA). A predominância do emprego é no setor primário.

A economia chinesa é predominantemente industrial, mas o setor agrícola é bastante importante. Entretanto, parte da população rural já migrou para as cidades.

A China tem grande quantidade de minerais metálicos (ferro, manganês, estanho, tungstênio e ouro) e grandes depósitos de fontes energéticas, como o carvão mineral, na região da Manchúria, e o petróleo, em Sinkiang e no Mar do Sul da China.

Esses importantes recursos minerais proporcionaram a expansão da indústria de bens de produção, principalmente siderurgia, metalurgia, mecânica, química e petroquímica, que se concentram nas regiões da Manchúria, Nanquim, Xangai e Pequim.



O país é o maior produtor mundial de arroz, que é a base alimentar de sua imensa população, e é também o maior produtor mundial de trigo.



268
Geografia - 9º ano

Ásia Oriental e o mais populoso do mundo.

- É uma república socialista governada pelo Partido Comunista da China sob um sistema de partido único e tem jurisdição sobre 22 províncias, 5 regiões autônomas, 4 municípios e 2 Regiões Administrativas Especiais com grande autonomia.
- A capital da República Popular da China é Pequim.
- Ainda hoje, a China está envolvida em disputas com a RC em relação a questões de

soberania e do estatuto político de Taiwan.

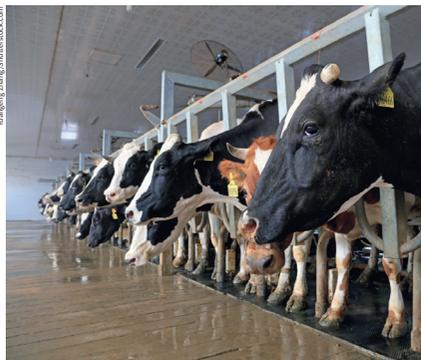
- É reconhecida como um Estado com armas nucleares, além de possuir o maior exército do mundo em número de tropas e o segundo maior orçamento de defesa.
- A importância da China no mundo de hoje como uma grande potência é refletida por seu papel como terceira maior economia mundial nominalmente (ou segunda maior em poder de compra) e como membro permanente do Conselho de Segurança

A imensa produção agrícola da China se deve, em grande parte, ao máximo aproveitamento do espaço agricultável do país. Isso se explica pelo fato de os recursos naturais na China não favorecerem a agricultura. Apenas 13,5% da terra é cultivada, sendo somente 42% desta irrigada.

A escassez de água, particularmente na região norte, tem prejudicado a agricultura. Temendo uma migração para as cidades, o governo procura coibir o êxodo rural, evitando a escassez de mão de obra no campo. A mecanização das lavouras é muito restrita, pois o próprio governo não estimula a modernização do campo.

A mineração é muito importante para a economia chinesa. Para fazer frente ao desafio do crescimento acelerado, a produção de carvão é feita em larga escala, o que tem gerado problemas ao meio ambiente, especialmente poluição do ar e da água. Além de figurar como um dos maiores consumidores de petróleo do mundo, a China ainda possui grandes reservas de mercúrio, ferro, tungstênio, urânio e zinco.

A pecuária ocupa lugar preponderante na economia chinesa. Os chineses são os maiores produtores na avicultura e estão entre os cinco maiores criadores mundiais de gados bovinos e caprinos. A agropecuária chinesa, portanto, está fortemente comprometida com o abastecimento de seu gigantesco mercado interno. Ainda assim, o país tem que importar uma boa parcela dos alimentos de que necessita.



Apesar da gigantesca produção da agropecuária chinesa, o país ainda precisa importar toneladas de alimentos.

Urbanização e grandes cidades

A população urbana, aproximadamente 56% do total, soma mais de 800 milhões de pessoas, e é essa contingência humana a responsável pelo surgimento das grandes cidades. Na China, são mais de dezoito centros urbanos com mais de 2,5 milhões de habitantes.



Se, em 1989, cerca de 75% da população vivia no campo, em 2013 a China já tinha mais de 50% dos seus habitantes morando em cidades.

A cidade mais populosa é Xangai, com cerca de 27 milhões de habitantes. Essa cidade é considerada a metrópole econômica do país e concentra 30% da produção industrial. A segunda cidade mais populosa é Pequim, capital do país, com cerca de 19,2 milhões de moradores em sua área metropolitana por conta da contínua migração de trabalhadores rurais. A terceira cidade mais populosa é Tientsin, com cerca de 8,3 milhões de habitantes.

O que pouco se faz conhecer pelos meios de comunicação e é ocultado do mundo pelo governo chinês é a miséria em que vive uma grande parcela da população. Embora a economia cresça, o ônus capitalista que o país enfrentará será o grande aumento da miséria e da desigualdade social. Dados oficiais indicam que, nos próximos cinco anos, o número de pessoas vivendo abaixo da linha de pobreza nos grandes centros urbanos deve aumentar cerca de 150%, passando dos atuais 15 milhões para 37 milhões de pessoas.



O desenvolvimento econômico tem aumentado a desigualdade de renda no país. De acordo com a Universidade de Pequim, os 5% mais ricos detêm 23% da riqueza da nação. Já os 5% mais pobres somam apenas 0,1%. Em cidades litorâneas, como a megalópole Xangai, a renda média anual é quase quatro vezes maior que em áreas rurais. Na foto, detalhe da cidade de Xangai.

da ONU, bem como sendo um membro de várias outras organizações multilaterais, incluindo a OMC e o G20.

Diálogo com o professor

Professor, utilize os dados que seguem para enriquecer suas aulas:

● Desde a introdução de reformas baseadas no mercado econômico em 1978, a

China tornou-se uma das mais rápidas economias em crescimento, a segunda maior exportadora e a terceira maior importadora de mercadorias do planeta. Entretanto, a República Popular da China está agora confrontada com uma série de outros problemas, incluindo um rápido envelhecimento da população devido à política do filho único, um crescente êxodo rural e a degradação ambiental. Além disso, a China tem sido constantemente criticada por suas vio-

lações aos direitos humanos e por ter um histórico problemático de interferir na liberdade de imprensa.

● Ao final do conteúdo, liste os principais fatores que fazem da China, atualmente, uma das economias que mais crescem no mundo, cuja média de crescimento econômico, nos últimos anos, chega a quase 10%, uma taxa superior à das maiores economias mundiais, inclusive a do Brasil.

● Embora apresente excelentes dados de crescimento econômico, a China enfrenta algumas dificuldades: grande parte da população ainda vive em situação de pobreza, principalmente no campo; a utilização em larga escala de combustíveis fósseis (carvão mineral e petróleo) tem gerado um grande nível de poluição do ar; os operários chineses estão entre os que recebem uma das menores remunerações do mundo.

● Explique que a China é um colosso demográfico (1,3 bilhão de habitantes) e que só começou sua grande reforma econômica após a morte de Mao Zedong, em 1976, e, principalmente, a partir de 1978, quando Deng Xiaoping assumiu o poder. Baseado na abundância de uma mão de obra mal remunerada, na importação maciça de fábricas montadoras, na exportação de produtos baratos e no afluxo de investimentos estrangeiros, seu modelo de desenvolvimento foi considerado, durante muito tempo, como “bastante primitivo”, característico de um país atrasado e mantido, com mão de ferro, por um partido único — até o controle demográfico foi conduzido de forma autoritária.

● Fale que o furor de exportar provocou uma decolagem espetacular do crescimento que, nas últimas duas décadas, superou os 9% ao ano. Esse “comunismo democrático de mercado” também representou um aumento do poder aquisitivo e do nível de vida para milhões de famílias. E proporcionou a escalada de um verdadeiro capitalismo chinês.

Vale ressaltar que duas importantes cidades foram devolvidas ao governo chinês: Hong Kong, que pertenceu à Inglaterra e voltou ao controle chinês em 1997, e Macau, que pertenceu a Portugal e foi devolvida em 1999. São cidades capitalistas e de grande desenvolvimento econômico. A primeira é um importante centro financeiro mundial, por onde boa parte dos investimentos estrangeiros entra no país.

Atualmente, existem dezenas de grandes cidades na China que crescem à medida que as empresas estrangeiras se instalam. As regiões metropolitanas que se formam em torno dessas cidades são responsáveis por, aproximadamente, 80% da produção chinesa.



A cidade de Shenzhen, localizada na região de Guangdong, ao norte de Hong Kong e próximo ao delta do Rio das Pérolas, faz parte de uma Zona Econômica Especial (ZEE) das mais dinâmicas da China. Com, aproximadamente, 8 milhões de habitantes, Shenzhen é a imagem da China moderna. Nos últimos trinta anos, atingiu um crescimento econômico recorde de quase 3 mil por cento.

Meio ambiente

O acelerado crescimento econômico chinês tem trazido sérios impactos ao meio ambiente: emissão de gases de efeito estufa; rápido consumo de recursos básicos à vida, como água e ar puros; entre outros. Isso tem causado graves problemas à saúde da população, além de transtornos como a chuva ácida, que se expande sobre as cidades. Apesar dos esforços do governo em procurar incentivar o uso de fontes energéticas mais limpas, a China continua sendo o maior consumidor de aço, cimento, carvão e, em pouco tempo, ultrapassará os Estados Unidos como maior consumidor de petróleo. Atualmente, os chineses ultrapassaram os estadunidenses como os maiores poluidores mundiais.

Apesar de ser berço de dois dos maiores rios do mundo, o problema de abastecimento de água na China é preocupante: vastas regiões no nordeste árido sofrem frequentemente de escassez. Em uma tentativa de solucionar o problema, o governo está realizando um projeto gigantesco de transposição de água, através de um canal de mais de 1.000 quilômetros de extensão. No Rio Yang-tsé-kiang, foi construída a maior central hidrelétrica do mundo (Hidrelétrica de Três Gargantas), para atender à necessidade energética das metrópoles e das indústrias chinesas. Para se ter uma ideia da gravidade do problema, o consumo de água nas regiões mais áridas não ultrapassa um décimo da quantidade recomendada pela Organização Mundial de Saúde (OMS), e dois terços das cidades sofrem de carência no abastecimento de água. Além disso, o saneamento básico também é falho, o que provoca doenças.



A exploração mineral da China está entre as maiores do mundo: a de carvão mineral responde por cerca de 30% da produção mundial. Na imagem, empresa de carvão no Rio Yang-tsé-kiang.

Crise econômica e recuperação financeira

A China enfrenta enormes problemas sociais e ambientais, cujo o equacionamento e a solução exigirão investimentos e esforços adicionais de planejamento da expansão econômica. Entretanto, o governo chinês parece estar decidido a manter a dinâmica do processo de desenvolvimento, no sentido da costa litorânea para o interior, onde se encontra a população mais pobre do país.

Mesmo com a crise financeira e econômica que afeta o mundo, a China continua a crescer com uma taxa de 7,5% ao ano, e suas compras de matérias-primas ajudam a reanimar as economias ocidentais e as dos países emer-

gentes. A crise acertou em cheio as economias capitalistas ocidentais: empresas faliram e foram fechadas, e o número de desempregados não para de crescer. Os bancos pedem ajuda aos governos para não falirem e se mostram impotentes diante da extensão e profundidade da crise, apelando para a ajuda do Fundo Monetário Internacional (FMI). Na China, a moeda não é livremente convertível, o que permite o controle da entrada e saída de capitais. O governo controla também os preços de serviços básicos (água, eletricidade e combustível) e, conseqüentemente, as tendências inflacionárias.

É inegável que a crise financeira e, sobretudo, o colapso da indústria manufatureira têm afetado também a China, embora em grau e intensidade menores em relação aos demais países desenvolvidos. Fábricas são fechadas na região meridional do país, e seus operários são orientados a voltar para sua casa no interior.

Inúmeros recursos têm sido destinados para reconstruir as organizações de base do partido, enfraquecidas pelo fechamento de várias estatais e pelo crescimento do setor privado, que acabou obrigado a permitir o estabelecimento de sindicatos e células do partido, ambos controlados pelo Estado.

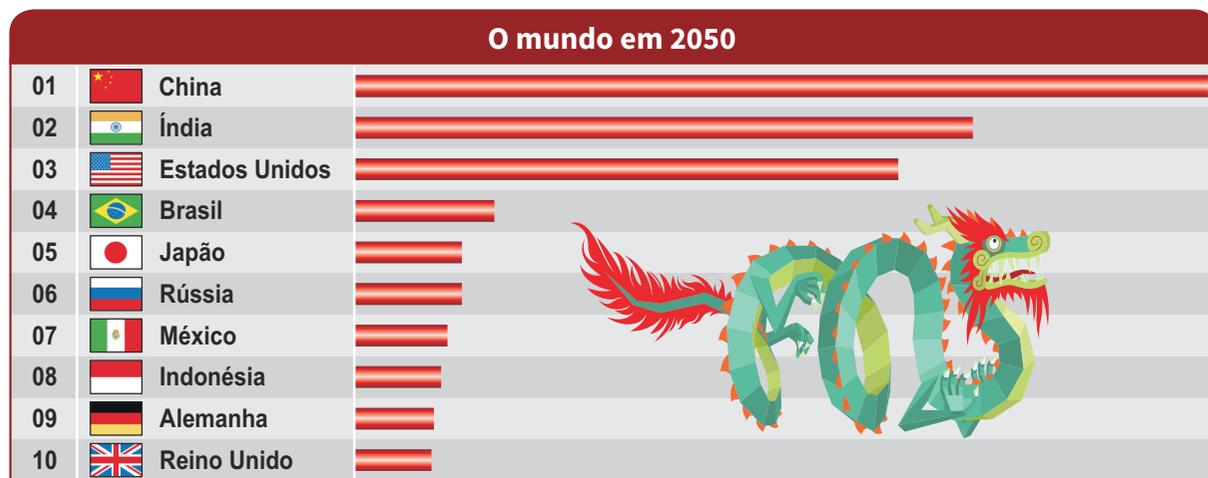


DepositPhotos/ Daniel Fung

A China construiu a maior hidrelétrica do Planeta, a Barragem das Três Gargantas, com 2.400 metros de extensão, no Rio Yang-tsé-kiang. O potencial hidráulico no país é muito grande e vem sendo explorado com a construção de várias usinas hidrelétricas.

O futuro será dos chineses

Os resultados da economia chinesa são invejáveis, e sua política de planificação permite apostar que o país conseguirá enfrentar os desafios da próxima década. Enquanto se evidencia o declínio do poder econômico dos Estados Unidos, a China segue em sua trajetória de expansão e crescimento.



Dados recentes apontam que, em 2027, a economia chinesa superará a norte-americana, e, em 2050, seu PIB será bem maior que o PIB estadunidense.

O surpreendente desenvolvimento da China se mostra como o maior e mais espetacular na história das civilizações, e, com a superação dos conflitos étnicos internos nas regiões do Tibete e do Turcomenistão, o país representará o fator central do equilíbrio e da paz no século XXI.



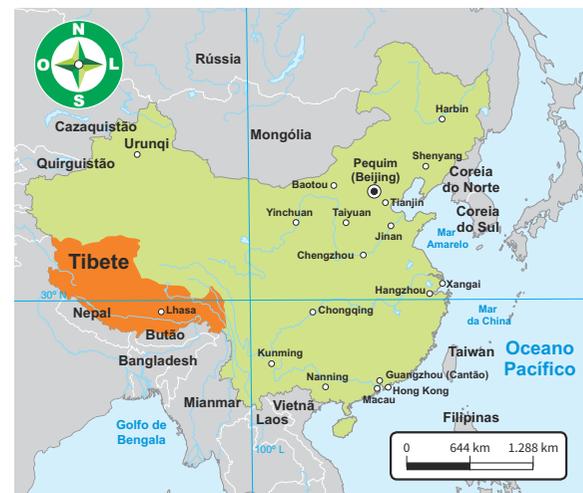
Conflitos e nacionalismo na China

O Tibete, uma das províncias chinesas mais conhecidas, era um país independente até 1950, quando foi invadido e anexado pelo Exército chinês. Desde então, os tibetanos têm sido prisioneiros em sua própria terra, já que não aderiram à cultura e ao idioma chinês.



Quando a China invadiu o Tibete, nos anos 1950, o Dalai Lama, líder político e religioso, refugiou-se na Índia e pôde estabelecer a Administração Central Tibetana.

Ao anexar essa área estratégica, uma das regiões do mundo mais ricas em urânio, matéria-prima essencial para o funcionamento dos reatores de usinas nucleares, a China se aproxima territorialmente de uma grande potência nuclear, a Índia. Veja a localização da província no mapa a seguir:



Outro problema político para o governo chinês é a questão de Taiwan. Refúgio de chineses que fugiram do país após a tomada de poder pelos comunistas, em 1949, Taiwan é considerada pelos chineses uma “província rebelde”.

Após meio século de separação, há grandes diferenças culturais entre os dois países. A ilha adotou o capitalismo e passou a apresentar altas taxas de crescimento econômico a partir dos anos 1980, como os demais Tigres Asiáticos. Os taiwaneses não admitem pertencer à China. Querem ser tratados como um país autônomo. As relações políticas entre Taiwan e a China, que já ameaçou invadir a ilha diversas vezes, são muito delicadas. Taiwan apresenta um padrão de vida invejável, caracterizado por produção industrial de eletrônicos para exportação. Contudo, o interesse econômico dos Estados Unidos na ilha tem mantido a China em uma postura de cautela.

Além do desrespeito aos direitos humanos, outra crítica que a China recebe é o fato de possuir bomba atômica. Inclusive, em 1980, o país realizou um teste nuclear atmosférico. Essa foi uma ação intimidatória, visando atingir Taiwan e também a política externa dos Estados Unidos, que sempre deu apoio incondicional à ilha capitalista.

Outro ponto de tensão para os chineses foi a rivalidade alimentada pela Guerra Fria, depois da separação entre a Coreia do Norte e a Coreia do Sul. As tensões aumentaram quando a Coreia do Norte foi colocada no “Eixo do Mal” do ex-presidente norte-americano George W. Bush e, no dia 4 de julho de 2006, realizou testes com mísseis de longo alcance no Mar do Leste, entre a Coreia do Sul e o Japão. O ato foi considerado uma ameaça à estabilidade da Península Coreana.

A China é um dos parceiros comerciais mais importantes da Coreia do Norte. O comércio entre os dois países chega a cerca de dois bilhões de dólares por ano. Setenta por cento da energia e dos alimentos que o país utiliza vêm da China, o que permite a estabilidade doméstica do regime de Kim Jung-il, que é a prioridade principal do governo. Trezentos mil norte-coreanos trabalham em áreas rurais da China, e outros 300 mil refugiados da Coreia do Norte vivem clandestinamente no país, número este que está aumentando cada vez mais e poderá se multiplicar.

A China mantém uma atitude negociadora nas crises provocadas pela Coreia do Norte e contribui para equilibrar eventuais posições agressivas dos EUA.



Centro político, econômico, educacional e cultural, Taipé, capital de Taiwan, tem uma população de mais de 2.600.000 habitantes.

Japão e China disputam ilhas inabitadas

Atualmente, a principal disputa entre China e Japão é o controle das ilhas conhecidas como **Senkaku** pelo Japão e **Diaoyu** pela China, um arquipélago inabitado entre China, Japão, Coreia do Sul e Taiwan. Os japoneses anexaram as ilhas no século XIX. Na Segunda Guerra Mundial, elas foram ocupadas pelos americanos, e, nos anos 1960, estudos indicaram que haveria petróleo no local. Os EUA desocuparam o território em 1972, e o Japão assumiu o controle, embora a soberania siga indefinida.

Depois de dependerem por muito tempo de bases americanas em Okinawa para apoio às suas limitadas patrulhas na área, os japoneses pretendem construir novas bases para as Forças Armadas em algumas ilhas que estão em disputa.

Por sua vez, a China adotou uma posição mais agressiva na disputa pelas ilhas depois que o Japão nacionalizou o território, em setembro de 2011, para evitar que elas fossem vendidas a um grupo nacionalista, o que poderia ter um impacto ainda mais explosivo para a relação bilateral. Desde então, Pequim passou a atuar como se as ilhas estivessem em seu território, enviando missões de patrulhamento para a região.

Além disso, no fim de 2013, a China declarou uma zona de defesa aérea que inclui as Ilhas Diaoyu/Senkaku.

ku, exigindo que qualquer avião que sobrevoe a região detalhe seu plano de voo e mantenha as vias de comunicação abertas. As autoridades de Pequim também disseram que poderiam adotar ações militares contra aviões que desobedecessem às exigências.

A zona de defesa aérea chinesa foi criticada pela Coreia do Sul porque incluiria uma área de rochas submersas controladas por Seul. O ministro da Defesa da Coreia do Sul classificou como inaceitável a decisão chinesa e também defendeu que os aviões do país não notificariam a China quando sobrevoassem a área.



dominika.zarzycka/Shutterstock.com

No ano de 2016, em visita oficial ao Japão, o então presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, afirmou que as pequenas ilhas disputadas entre Tóquio e Pequim estão incluídas em um tratado bilateral de segurança que obriga os EUA a saírem em defesa do Japão, esquentando ainda mais os ânimos.



A cooperação China e África

Desde a década de 1990, a China vem buscando uma aproximação com os países africanos, com o objetivo de manter o seu ritmo de crescimento. Os chineses veem a África como um continente com muitas oportunidades, com muitos recursos que não são encontrados de forma satisfatória no território chinês, por isso o país precisa estabelecer alianças com quem os pode fornecer. Do ponto de vista político, a África se tornou muito importante. Uma prova disso é que as primeiras viagens ao exterior de Xi Jinping como presidente foram para a Rússia e para a África. Entretanto, do ponto de vista econômico, os Estados Unidos e a Europa ainda são importantes, mas a China já atribui à África uma importância considerável.



KerdaZZ/Shutterstock.com

Angola, na África, tem uma relação especial com a China. É o país que mais exporta e o mais importante fornecedor de petróleo para os chineses do continente. A China possui um grande déficit comercial com Angola, porque importa muito e exporta pouco para os angolanos; assim, tornou-se importante mercado para Angola.

Um dos principais interesses são os recursos naturais, como petróleo e também outras matérias-primas, e produtos agrícolas. Além disso, a África é mais estável como fornecedora de matéria-prima do que o Oriente Médio. O segundo motivo é que a China vê o potencial de desenvolvimento para projetos de infraestrutura e exportação de equipamentos de telecomunicação por exemplo, e também como plataforma de exportações para outros continentes, assim como um grande mercado consumidor de produtos de baixo custo fabricados pelos orientais, tais como eletrodomésticos, têxteis e vestuário.

Aprofundar para conhecer

A dimensão geopolítica da pandemia do coronavírus

Desde o final do ano de 2019, começou a se desenvolver a pandemia da covid-19. Segundo artigo publicado na prestigiada revista *Nature*, por Kristian Andersen, **coronavírus** é o nome de uma família de vírus, com sete espécies que atacam os seres humanos. Três espécies provocam doenças severas: Mers-Cov, que causa a síndrome respiratória do Oriente Médio; a SARS-Cov, que causa a síndrome respiratória aguda grave; e o SARS-Cov 2, que causa a covid-19 e provocou a pandemia.

Os primeiros casos ocorreram na China e logo alimentaram a já tensa disputa geopolítica entre este país e os Estados Unidos (EUA), com acusações mútuas sobre a possibilidade de o vírus ser uma arma biológica. Tal disputa contribuiu para a associação da doença à China e à cidade de Wuhan. Donald Trump passou a falar em “vírus da China”; e seu secretário de Estado, Mike Pompeo, em “vírus de Wuhan”.

A disputa sobre a origem foi acirrada quando o então presidente Trump disse que os órgãos de inteligência dos EUA estavam investigando se o vírus é “*man-made*” e teria escapado do Instituto de Virologia de Wuhan, em uma clara tentativa de culpar as autoridades chinesas. Antes disso, a primeira hipótese era de que a transmissão teria se iniciado em um mercado de frutos do mar existente em Wuhan, que chegou a ser fechado. Entretanto, a comunidade científica da China, com o objetivo de agilizar o tratamento e salvar vidas, passou a investigar minuciosamente e reunir informações sobre os casos. O ponto-chave para as pesquisas era descobrir o paciente zero, a primeira pessoa infectada; entretanto, a resposta para esse enigma ainda não foi encontrada.

No decorrer das investigações, a probabilidade de que a doença pudesse ter se originado em outro local aumentou. Com a análise detalhada de amostras das distintas variedades do vírus, coletadas em 12 países em quatro continentes, os chineses identificaram que o surto poderia ter começado muito antes. Eles levaram em consideração a realização dos *Jogos Mundiais Militares de Wuhan*, em novembro de 2019. É possível que a transmissão tenha ocorrido durante o evento, no qual estiveram 300 atletas dos EUA. O principal especialista respiratório da China, Zhang Nanshan, declarou, em 27 de janeiro de 2020, que, embora a covid-19 tenha sido descoberta na China pela primeira vez, isso não significava que tivesse se originado na China. Existem diversos tipos de coronavírus, e a lógica básica é que a localização geográfica com maior diversidade de linhagens de vírus é o local onde a doença se origina. São os Estados Unidos o único país onde foram encontradas as cinco linhagens conhecidas do vírus, enquanto em Wuhan e na maior parte da China só há uma linhagem.

Outros fatos alimentam as suspeitas de uma hipotética origem estadunidense, como o fechamento, em agosto de 2019, pelo Centro de Controle de Doenças dos EUA (CDC), do laboratório de pesquisa biológica do Exército estadunidense, Fort Detrick, em Maryland, por falta de condições de segurança adequadas (NEW YORK TIMES, 2019), embora o artigo mencionado da revista *Nature* (mar. 2020) afirme claramente que o vírus tem origem natural. A partir dessas suspeitas, o porta-voz do Ministério das Relações Exteriores da China, Zhao Lijian, disse que o surto de coronavírus em Wuhan poderia ser

CHANG, Jung. *Cisnes selvagens: três fi-lhas da China*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

CIDADE CULTURAL. *China*. Rio de Janeiro: Cidade Cultural, 1987 (Coleção Nações do Mundo).

MAO Jr., José; SECCO, Lincoln. *A revolução chinesa: até onde vai a força do Dragão?* São Paulo: Scipione, 1999.

POMAR, Wladimir. *China: o dragão do século XXI*. São Paulo: Ática, 1996.

SPENCE, Jonathan D. *Em busca da China moderna*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

Anotações

O último imperador

Direção: Bernardo Bertolucci.

Em 1908, Pu Yi, com apenas três anos, é declarado imperador da China. Com a república, ele cresce confinado na cidade proibida, em Pequim. É transformado em um imperador fantoche pelos japoneses durante a Segunda Guerra Mundial e reeducado politicamente na China de Mao.

Sete anos no Tibete

Direção: Jean-Jacques Annaud.

O alpinista austríaco Heinrich Harrer vai parar, durante a Segunda Guerra Mundial, na cidade sagrada de Lhasa, no Tibete. E lá se torna amigo do adolescente Dalai Lama. Uma bela história com imagens deslumbrantes.

Anotações

fruto de uma possível guerra biológica movida pelos EUA contra a China (O GLOBO, 2020).

As acusações trocadas entre os EUA e a China em torno da doença ocorrem no bojo de uma disputa geopolítica muito mais ampla. Os dois países estão mergulhados, desde janeiro de 2018, em uma guerra comercial [...]. A disputa política e ideológica entre os dois países adquire, por vezes, caráter dramático e ofensivo. [...]

O conflito tem suas raízes no rápido crescimento econômico chinês, desde as reformas econômicas dos anos 1980, tendo a economia chinesa ultrapassado a dos EUA em 2014 pelo critério da paridade do poder de compra da moeda, segundo o Programa de Comparação Internacional do Banco Mundial. Enquanto a China vem crescendo com base no aumento da produção de bens e da construção de uma moderníssima infraestrutura, os EUA vêm passando por um processo acelerado de desindustrialização, acompanhado de uma crescente especulação no seu mercado financeiro, que já cau-

sou a crise mundial de 2008 e está por trás da atual crise das Bolsas de Valores.

Como consequência da desindustrialização, os EUA ficaram vulneráveis aos efeitos da pandemia, dependentes de importações de produtos chineses. Surpreendentemente, como forma de driblar a carência de equipamentos, resolveram desviar produtos pretendidos por outros países, virando alvo de críticas de pirataria por países aliados, como Alemanha, França, Itália, além do Brasil. Em contraste, a China vem fazendo doações de equipamentos e enviando equipes médicas para diversos países. Como se não bastasse o desgaste que a imagem dos EUA vem sofrendo, tanto com a enorme dificuldade do governo para enfrentar a grave situação sanitária em seu país quanto com as acusações de pirataria, Trump decidiu interromper o financiamento das contribuições do país à Organização Mundial da Saúde (OMS), acusando-a de lidar de forma inadequada com a pandemia e dar atenção exagerada à China.



Entre as regras sanitárias para evitar o agravamento da pandemia da covid-19, a medição de temperatura é uma das barreiras sanitárias usadas em diversos espaços, principalmente em aeroportos.

A evolução da pandemia tem sido muito desfavorável para os EUA em relação à China. Em março de 2020, o número de casos nos EUA atingiu 29.373.903, e o de mortos pela doença chegou a 532.058; enquanto os números chineses eram muito inferiores: 90.027 casos e 4.636 mortes (WORLDOMETER, 13 mar. 2021). As estratégias de controle iniciais foram muito diferentes. A China, onde a epidemia se desenvolveu inicialmente, adotou uma tática inédita de supressão da epidemia, com interrupção das atividades econômicas e radical isolamento social com quarentena domiciliar para toda a população, que foi muito bem-sucedida. Já os EUA demoraram para adotar o isolamento social, mantendo as atividades econômicas e sociais até um agravamento maior da situação.

Além da interrupção da atividade econômica e a determinação de quarentena para a população, a China lançou mão de diversas medidas radicais de controle, entre as quais se destacaram: a construção, em grande velocidade, de hospitais para isolar os pacientes; treinamento e mobilização de profissionais de saúde, militares e voluntários para o controle da doença; desenvolvimento e produção em massa de testes rápidos; equipamentos de proteção individual; ventiladores mecânicos para os hospitais; e termômetros eletrônicos. As medidas envolveram, ainda, o desenvolvimento de sofisticados sistemas de informação em computadores e celulares para agilizar a notificação de casos, controle de deslocamentos de pessoas, além de desinfecção do dinheiro, de calçadas e entradas de prédios públicos e residenciais. O governo chinês declarou uma “guerra popular”, com grande adesão da população, liderada por seus comitês de bairro, seja no cumprimento da quarentena, seja em tarefas coletivas de controle, abastecimento, educação e desinfecção de ambientes. Uma boa medida do sucesso da experiência chinesa foi o de ter limitado o surto basicamente à província de Hubei, onde fica Wuhan, reduzindo rapidamente o número de novos casos e mortes.

Nos EUA, a doença se espalhou em diversos pontos do território; além disso, a ausência de um sistema público de saúde vem tornando ainda mais difícil a organização de ações efetivas de controle e tratamento. O próprio

ex-presidente Donald Trump ajudou a confundir a população, ao pregar o uso da cloroquina como medicamento capaz de tratar a covid-19, enquanto estudos científicos mostravam não haver evidência suficiente que desse suporte a tal defesa. A defesa de Trump a respeito da administração do medicamento foi um exemplo concreto de conflito de interesse, uma vez que o então presidente é sócio da Sanofi, empresa que detém a patente da droga. [...]

Os efeitos da pandemia sobre o cenário mundial vêm desencadeando mudanças de consequências ainda imprevisíveis. Uma delas é o agravamento da crise econômica que se manifestou no início do ano com a recente e acentuada queda das Bolsas de Valores; há fortes indícios de que a economia mundial esteja entrando em uma das mais sérias crises da história. Donald Trump e grandes grupos de mídia vêm se apressando a colocar a culpa na doença, embora diversos analistas viessem chamando a atenção para um intenso e irracional processo de especulação sem qualquer base na economia real e que iria estourar mais cedo ou mais tarde. Aqui no Brasil, além da queda das Bolsas, o País está assistindo a uma enorme perda do valor do real diante do dólar, queda da atividade econômica e desemprego recordes, além de uma das maiores fugas de investimentos de toda sua história. [...]

Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73312020000200-308&script=sci_arttext. Acesso em: 13/03/2021. Adaptado.



Centro de testagem da covid-19 nas ruas de Manhattan, Nova York, em dezembro de 2020.



Exercitando o que aprendemos

1| No início da década de 1970, a China deu início à implantação de uma série de reformas que fizeram este país apresentar o maior crescimento econômico do Planeta. Explique quais foram essas reformas.

Sugestão de resposta: O ponto central dessa reforma foi permitir a entrada de capital estrangeiro no país. Esse capital trouxe recursos que foram empregados na criação das Zonas Econômicas Especiais (ZEEs), territórios nos quais houve expansão das indústrias de bens de consumo. A indústria de alta tecnologia também se expandiu, e a China passou a ser grande exportadora de computadores e componentes de informática. Houve também a modernização do país. Isso aliado à mão de obra abundante, barata e disciplinada e ao investimento em tecnologia, entre outros fatores, trouxe o crescimento econômico da China.

2| Explique como podemos caracterizar a atual situação econômica e política da China, estabelecida após as reformas iniciadas na década de 1970.

Sugestão de resposta: Depois das reformas, a China apresenta um socialismo marcado por elementos da economia de mercado, característica do regime capitalista. No âmbito político, não houve mudanças significativas, pois o poder continua nas mãos dos dirigentes do Partido Comunista, que controlam os principais meios de comunicação e, portanto, não permitem críticas às autoridades. Grupos opositores não podem se manifestar, e muitos são perseguidos pelo governo.

3| Explique como o Estado chinês interfere no meio rural do país.

Sugestão de resposta: Além de o Estado ser o detentor das terras, ele possibilita inúmeros benefícios para dinamizar o setor, como a redução de custos e a diminuição de tributos, buscando, dessa forma, aumentar a produtividade para o mercado interno.

4| Explique um motivo de a China ter colocado fim à Política do Filho Único.

Sugestão de resposta: Diante da influência cultural, o número de crianças do sexo masculino está muito acima do número de crianças do sexo feminino, o que cria um problema em médio prazo para a manutenção de um crescimento demográfico mínimo. Outro estímulo para a mudança é o bom momento econômico do país, que resulta em uma segurança com as questões sociais (índices de fome e pobreza), caso a população se eleve rapidamente.

5| Comente qual o objetivo do governo chinês em aumentar sua aproximação com os países do continente africano.

Sugestão de resposta: O governo chinês busca se aproximar do continente africano principalmente para favorecer as trocas comerciais, buscando facilitar a importação de recursos minerais e a exportação de bens industriais de baixo valor agregado.

6| Aponte a principal causa da desigualdade social na porção urbana chinesa.

Sugestão de resposta: O meio rural da China é precário em infraestrutura, com graves problemas de saneamento básico e serviços de saúde e educação. Já as áreas urbanas e o litoral do país são altamente industrializados e urbanizados. Isso faz com que as disparidades socioeconômicas sejam motivadoras do êxodo rural pela população do campo.

7| Explique o que foi O Grande Salto para Frente, de Mao Tsé-Tung, e qual foi sua influência para o território chinês.

Sugestão de resposta: Para Mao Tsé-Tung, o meio rural e o consumo interno seriam as grandes forças que transformariam a China em uma economia justa e socialmente igualitária. Houve a estatização dos meios de produção agrícolas e mineradores. No entanto, a resistência da população e a falta de um correto manejo das lavouras e dos recursos gerados levaram a agricultura chinesa a entrar em um processo de queda acentuada.



Preparando-se para o vestibular/Enem

1| (UFMG) A aceleração do crescimento econômico da China, nos últimos anos, reflete-se na economia mundial por razões diversas.

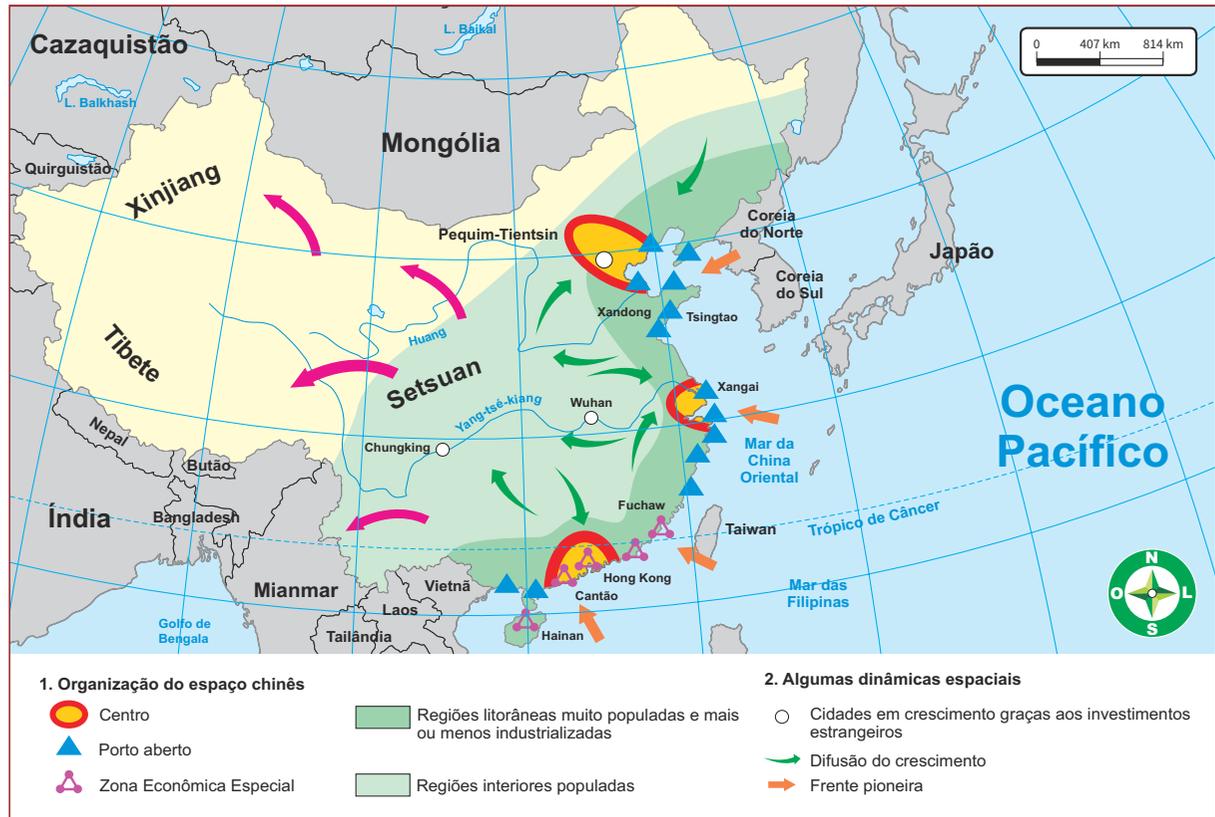
Considerando-se essa afirmação, é **incorreto** afirmar que tal aceleração:

- a. é autônoma em relação ao capital internacional, pois estabelece um sistema financeiro paralelo, que vem se firmando como modelo para as economias regionais.
- b. interfere na balança comercial de países emergentes, uma vez que reduz a taxa de exportações desse grupo para os países mais industrializados.
- c. provoca aumento da demanda de matérias-primas e de produtos agrícolas no mercado internacional, afetando os preços praticados nesses itens.
- d. resulta em um consumo maior de petróleo, o que contribui para a alta do preço da energia.

2| (UFG) A China é o país mais populoso do mundo, tem a terceira maior área de extensão territorial e destaca-se devido ao seu acelerado crescimento econômico, fato que renova a disputa pelo poder entre as grandes potências mundiais. O papel geopolítico da China atualmente é o de:

- a. substituir a Rússia na luta pela hegemonia política após a Guerra Fria.
- b. retomar a disputa nuclear enfrentando a força da Coreia do Norte.
- c. estabelecer apoio às organizações socialistas em Cuba e na América Latina.
- d. disputar com os EUA a liderança pelo controle dos mercados mundiais.
- e. competir com o Japão pelo domínio geopolítico do Leste Asiático.

3| A China vem realizando um desenvolvimento econômico extraordinário, com taxas de crescimento anual entre 7% e 10%. Mantido esse ritmo, a China, certamente, será um dos principais polos da economia global.



A partir da afirmativa e do mapa:

a. apresente dois fatores responsáveis por esse crescimento.

Entre outros fatores, os seguintes: a abertura da economia criou condições favoráveis para a inversão de capitais externos — a China é a economia que mais recebe investimentos diretos; a presença de um Estado forte capaz de impor as novas diretrizes econômicas sem pressões e turbulências internas; a qualidade da mão de obra e o seu custo; a instalação de uma infraestrutura industrial capaz de atender a esse crescimento excepcional; a desvalorização da moeda chinesa, que torna o preço de seus produtos competitivo nos mercados internacionais.

b. indique duas características espaciais desse crescimento.

Essas mudanças ocorrem principalmente na faixa litorânea, nas chamadas Zonas Econômicas Especiais. Há um contraste muito acentuado entre essa faixa e as regiões do interior, ainda agrícolas, onde se concentra o essencial da população chinesa.

Capítulo 14 Índia: economia emergente

Localizado na Ásia Meridional, ocupando uma privilegiada e estratégica posição geográfica entre o Oriente Médio, a China e o Sudeste Asiático, o território da Índia, se constitui na maior parte do subcontinente indiano. Geograficamente é o sétimo maior país, sendo o segundo mais populoso e o maior regime democrata do mundo. Lar da Civilização do Vale do Indo, de rotas comerciais históricas e de vastos impérios, o subcontinente indiano é identificado por sua riqueza comercial e cultural ao longo de sua história.

Durante quase um século, foi colônia da Grã-Bretanha e só no final da primeira metade do século XX, em 1947, conseguiu sua independência política. Trata-se de um país também marcado por contrastes, principalmente nas condições de vida da população, que já ultrapassa 1,2 bilhão de pessoas, dentre as quais 25% vivem abaixo da linha de pobreza, apesar da existência de uma classe média grande e crescente de aproximadamente 300 milhões de pessoas. O país domina tecnologias de ponta e possui um setor industrial bastante diversificado, que possibilitou sua entrada no seleto grupo das dez maiores potências econômicas mundiais. O aprofundamento de todos esses temas é o propósito deste capítulo.



No centro da bandeira indiana existe o *Ashoka Chakra* (Roda do Dharma, simbologia hinduista).

Índia: aspectos gerais

A Índia possui uma extensão territorial com cerca de 3.287.263 quilômetros quadrados, aproximadamente uma terça parte do território brasileiro, o que a torna o terceiro maior país da Ásia e o sétimo do Planeta, perdendo apenas em superfície territorial para: Rússia, Canadá, China, Estados Unidos, Brasil e Austrália. Em termos populacionais, perde só para a China.

Localizado ao sul do continente asiático, na região da Ásia de Monções, o subcontinente indiano tem a forma de um triângulo e é atravessado pelo Trópico de Câncer, praticamente no meio de seu território, que ocupa uma enorme planície — a Planície Indo-Gangética —, na qual são encontradas algumas das maiores densidades demográficas de todo o mundo.

Observe no mapa a localização do país no continente asiático:



Geografia – 9º ano 281

de produtos e culturas na Europa, na Ásia e na Oceania.

(EF09GE11) Relacionar as mudanças técnicas e científicas decorrentes do processo de industrialização com as transformações no trabalho em diferentes regiões do mundo e suas consequências no Brasil.

Considerações sobre o capítulo

Iniciamos este capítulo apresentando as primeiras noções sobre a Índia, falando de sua extensão territorial, de sua estratégica localização geográfica e de sua população predominantemente rural.

Estudaremos os aspectos físico-naturais do país, destacando o clima monçônico e a diversidade nas formações vegetais. Trataremos também da formação territorial da Índia, desde a sua descoberta e exploração como “terra de especiarias”, passando pelos processos de colonização e também de libertação — por meio dos movimentos em busca de independência liderados por Gandhi —, até a conquista da independência e a divisão territorial em União Indiana (hinduísta) e Paquistão (Oriental e Ocidental, islâmicos).

Discutiremos o desenvolvimento econômico desse país, marcado por contradições em dois setores, o agrícola e o industrial, ainda que ambos acarretem profundas desigualdades sociais e precárias condições de vida da população. Veremos que a economia da Índia ainda é fortemente ligada ao setor agrário, que, apesar da tentativa de modernização esboçada pela Revolução Verde (medida econômica que trouxe inicialmente um aumento nos níveis de produtividade agrícola, mas acabou fracassando em razão dos elevados gastos e dos problemas ambientais gerados pelos produtos tóxicos utilizados), continua sendo atrasado. Já o setor industrial, apesar das inúmeras dificuldades do país, é

Conceitos complementares

Extensão territorial; localização geográfica; população rural; clima monçônico; diversidade nas formações vegetais; colonização; movimentos pela independência; divisão territorial; União Indiana; Paquistão (Oriental e Ocidental); centros de pesquisa; novas tecnologias; analfabetismo; pobreza; indústria cinematográfica; distribuição desigual da riqueza; Aids.

BNCC

Habilidades trabalhadas no capítulo

(EF09GE08) Analisar transformações territoriais, considerando o movimento de fronteiras, tensões, conflitos e múltiplas regionalidades na Europa, na Ásia e na Oceania.

(EF09GE10) Analisar os impactos do processo de industrialização na produção e circulação

bastante desenvolvido, apresentando cada vez mais avanços tecnológicos, propiciados especialmente pelo crescimento da educação científica, ou seja, dos centros de pesquisa e desenvolvimento de novas tecnologias.

Analisaremos a realidade contraditória de um país que investe em educação científico-tecnológica a ponto de fornecer profissionais para grandes instituições como a Nasa, mas que registra um índice assustador de analfabetismo e pobreza. Verificaremos dados que mostram um crescimento impressionante no setor industrial, em que se destacam inúmeras áreas como a da tecnologia, a da indústria cinematográfica e muitas outras, e, ao mesmo tempo, retratam uma distribuição desigual da riqueza adquirida, em que poucos gozam de excelentes condições de vida e a grande maioria vive em condição de pobreza.

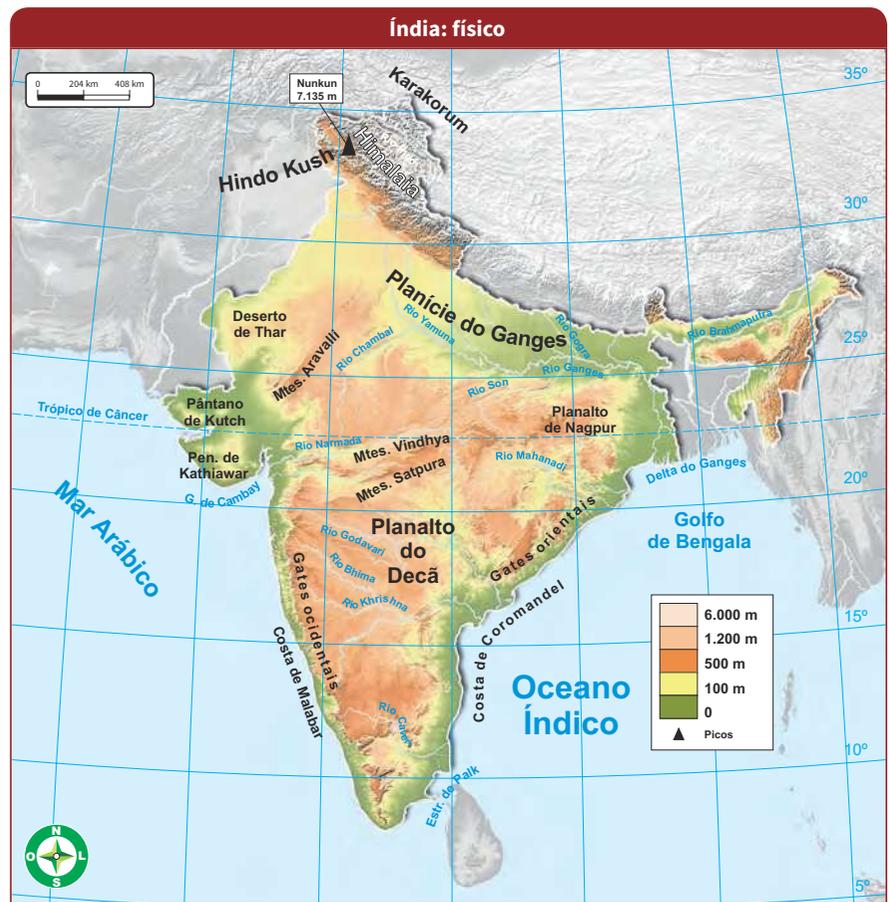
Anotações

Objetivos didáticos

- Estudar os aspectos físico-naturais da Índia, destacando o clima monçônico e a diversidade nas formações vegetais.
- Relacionar a extensão territorial e a localização geográfica indianas à sua população predominantemente rural.
- Tratar da formação territorial da Índia, dos processos de colonização e de independência.
- Explicar a conquista da independência da Índia e a divisão territorial em União Indiana e Paquistão (Oriental e Ocidental).
- Discutir o desenvolvimento econômico da Índia a partir das contradições de seus

Aspectos físico-naturais

No período Terciário da Era Cenozoica, grandes choques ocorridos entre as placas tectônicas indiana e asiática foram responsáveis pela formação do relevo que hoje predomina na Índia: áreas montanhosas no extremo norte, que formam a Cordilheira do Himalaia — mais elevada cadeia montanhosa da Terra, que inclui o Monte Everest (8.850 metros), o K2 (8.611 metros) e o Kanchenjunga (8.598 metros); planícies entre os rios Indo e Ganges, na mesma região norte; e, do centro do território em direção ao Oceano Índico, o chamado **Planalto do Decã**.



282 Geografia - 9º ano

principais setores: o agrícola (atrasado e de subsistência) e o industrial (próspero).

- Compreender as tentativas e os fracassos quanto à modernização agrícola indiana.

Conceitos principais

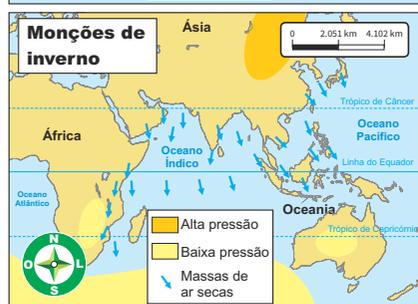
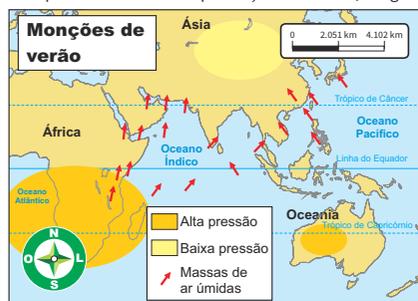
Índia; contrastes socioeconômicos; aspectos físico-naturais; formação territorial da Índia; hinduísmo; islamismo; setor

agrícola; setor industrial; desigualdades sociais; condições de vida da população; modernização agrícola; Revolução Verde; problemas ambientais; avanços tecnológicos; educação científica; valores étnico-religiosos; aspectos culturais; divisão em castas; índices de natalidade; crescimento populacional; planejamento familiar.

O clima desse país recebe forte influência do clima monçônico, regulado pelo mecanismo dos ventos. Dependendo da época do ano, esses ventos sopram em direções contrárias. A ocorrência dos ventos na direção do mar para a terra indica uma época (no meio do ano) de chuvas intensas, que equivale ao verão no Hemisfério Norte. No sentido inverso, isto é, da terra para o mar, a indicação é de uma época de estiagem, no fim do ano, equivalente ao inverno no Hemisfério Norte.

Atente para a ocorrência das duas monções (de verão e de inverno) no mapa a seguir. Observe o movimento dos ventos e veja que o sentido deles está relacionado com o mecanismo climático do país.

Durante o verão, os ventos monçônicos assumem uma enorme importância para os indianos, por serem eles os responsáveis pelo encerramento dos longos períodos de seca. Por outro lado, esses mesmos ventos podem trazer problemas, quando as chuvas se tornam abundantes a ponto de destruir plantações e cidades, chegan-



do até mesmo a matar várias pessoas. Nessa época de ventos fortes, ocorrem bastantes ciclones destruidores por todo o país.

Monções: denominação dada aos ventos constantes do sul e sudeste da Ásia, que sopram em sentidos contrários (terra-mar/mar-terra), dependendo da época do ano, e que interferem no regime de chuvas.

A Índia é drenada por muitos rios. Os de maior importância são o Ganges, o Bramaputra e o Indo. Todos têm nascente no degelo do Himalaia e se distribuem irrigando o norte, o noroeste e o nordeste do país. Esses rios percorrem uma planície numerosamente habitada. Vale a pena salientar que a civilização indiana tem origem ribeirinha.

Após as cheias, as águas desses rios fertilizam o solo, abastecem sistemas de irrigação e são responsáveis pela produção de diversos alimentos e pela construção de transportes. Além desse enorme beneficiamento físico, o Rio Ganges assume um caráter sagrado para os indianos. Suas águas são usadas pelos hindus para purificar suas almas. O centro religioso e cultural hinduísta é a cidade sagrada de Benares, que sempre está repleta de pessoas. Às margens do Rio Ganges, é possível encontrar escadarias para facilitar o acesso das pessoas a esse sagrado rio indiano.

O país exibe uma bela e grandiosa diversidade de formações vegetais, como os pinheiros e os campos na região do Himalaia e as exuberantes florestas na planície do Ganges. É possível encontrar também áreas desérticas, como o deserto de Rajastão, localizado a noroeste e utilizado para testes nucleares subterrâneos desde 1998.



Rio Ganges na cidade de Varanasi, na Índia.

adotou como forma de Estado a federação, com um parlamento bicameral que funciona com base em um sistema parlamentarista de estilo Westminster (o utilizado na Inglaterra).

- Tem um presidente, na qualidade de chefe de Estado, que exerce um papel principalmente protocolar, embora seja o comandante supremo das forças armadas e sua sanção seja necessária para que qualquer lei aprovada pelo parlamento entre em vigor. É eleito indiretamente por um colégio eleitoral para um mandato de cinco anos.

Leitura complementar

História

A civilização hindu desenvolveu-se no Vale do Rio Indo desde 2500 a.C. O macedônio Alexandre, o Grande, invadiu a região entre 327 a.C. e 325 a.C.. Em 274 a.C., ocorreu uma unificação do território sob o budismo. Os árabes levaram o islamismo à região no começo do século VIII.

No fim do século XV, o português Vasco da Gama chega ao país em busca do controle do rico comércio de especiarias. A presença lusitana deixou a influência da língua portuguesa em algumas cidades indianas, como Goa. Outras nações também criaram companhias de comércio com a Índia, até que, no século XVIII, os ingleses consolidaram seu domínio sobre o conjunto do território. No século XIX, várias rebeliões anticolonialistas são reprimidas pela Inglaterra. A partir dos anos 1920, o pacifista Mahatma Gandhi lidera a luta pela independência até seu desfecho, em 1947.

Com incentivo britânico, líderes muçulmanos indianos proclamaram um Estado independente, o Paquistão. A partilha do território baseada em critérios religiosos leva ao deslocamento de milhões de pessoas e fomenta uma violência que deixa

Anotações

Considerações sobre o capítulo

Sobre a Índia

- É uma república composta por 28 estados e 7 territórios da união, com um sistema de democracia parlamentar.
- Costuma ser apontada como a maior democracia do mundo, pois conta com o maior eleitorado dentre os países democráticos. O país

Ghandi e a independência da Índia

Não se pode falar de luta pela independência da Índia sem se referir à mais importante e influente liderança do advogado Mohandas K. Ghandi (1869–1948). Após passar vinte anos na África do Sul, lutando para diminuir a discriminação racial contra os imigrantes indianos, ele voltou à Índia no ano de 1891 para se tornar um líder extraordinário. Por sua luta e por insistir em um movimento de protesto pacífico, Mohandas Gandhi passou a ser chamado de **Mahatma**, ou “grande alma”, como reconhecimento do trabalho desenvolvido frente à dominação britânica sem usar a violência, método empregado contra a segregação racial na África do Sul, *apartheid*, onde vivera.

A Segunda Guerra Mundial enfraqueceu tanto a Inglaterra que, ao fim do conflito, era-lhe impossível manter o domínio sobre a Índia, que, em 15 de agosto de 1947, teve sua independência concedida. Apesar disso, o país ainda enfrentava forte tensão entre os grupos religiosos rivais e se fragmentou em dois, a Índia propriamente dita e o Paquistão, sendo que este estava geograficamente dividido em Oriental e Ocidental, com um enclave indiano entre ambos.

Gandhi, que pregava a paz e a união de hindus e muçulmanos, foi assassinado em 1948, por um radical hindu, em uma visita ao Paquistão, que tinha o objetivo de demonstrar que os povos deveriam acabar com as rivalidades religiosas.



Proibidos de extrair sal de seu próprio país pelos ingleses, os indianos, liderados por Gandhi (no centro, sem camisa), promoveram um dos maiores atos de desobediência civil durante a ocupação britânica na Índia, a chamada **Marcha do Sal**.

Desenvolvimento econômico e desigualdades sociais

Vimos anteriormente que, desde a sua colonização, a atividade econômica indiana sempre esteve atrelada à agricultura (em torno de 60% da sua força de trabalho), o que caracteriza um país que possui uma economia tipicamente rural. Por ter uma população numerosa, a Índia se obriga a produzir muito, com vistas a um grande abastecimento de gêneros alimentícios. Outro fator que contribui para a utilização desse modelo econômico é a alta porcentagem de população (70%) que reside no campo.

Setor agrário

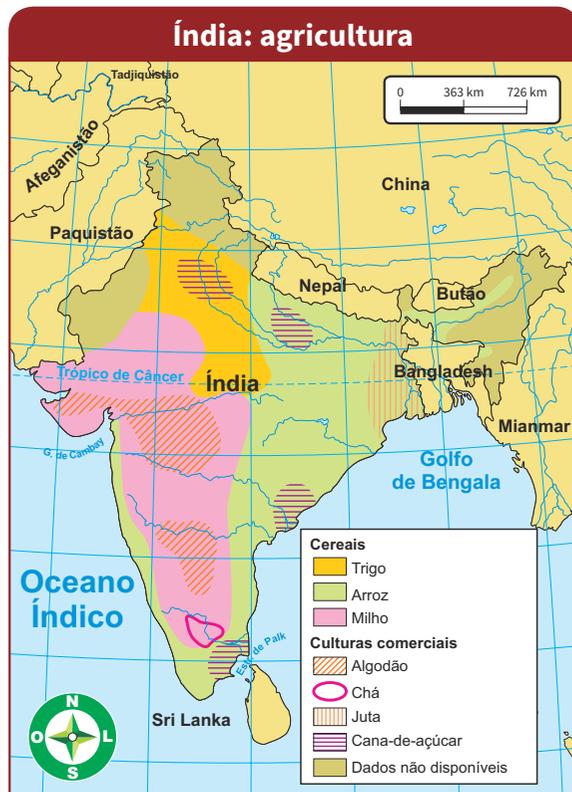
Apesar de possuir 10% das áreas cultivadas do mundo, milhões de pessoas passam fome na Índia por não terem acesso aos alimentos, fruto da má distribuição de renda.

O país possui uma agricultura atrasada, ainda realizada de forma tradicional, sem condições de lançar mão das tecnologias hoje existentes. A imagem da zona rural indiana ainda é a da utilização de arados puxados por animais.

Em função do clima quente, cultivam-se produtos que se adaptam às altas temperaturas, como, chá, fumo, cana-de-açúcar, arroz, borracha, juta e algodão. A maioria desses produtos tem seu cultivo nos sistemas de *plantations* e de jardinagem.



Hoje, apesar de ser o segundo produtor mundial de arroz, trigo, chá e cana-de-açúcar, a Índia ocupa apenas a 77ª taxa mundial de mecanização e a 52ª de produtividade, com índices inferiores aos da China.



É na agricultura que encontramos empregados mais de dois terços dos indianos, com uma produção voltada para o abastecimento interno. São produtos desse tipo de atividade: arroz, uma variação do milho chamada **milhe-to** e o trigo. Cultivam-se ainda frutas, algodão, cana-de-açúcar, amendoim, juta e chá.

O sistema de *plantations*, como estudamos anteriormente, foi introduzido pelos colonizadores, que produzem com vistas ao mercado externo, apossando-se de grandes propriedades, instalando aí o sistema de monocultura. Até hoje esse sistema de cultivo é praticado na produção de chá, tabaco e algodão. Quanto ao sistema de jardinagem, sua ocorrência se dá em pequenos espaços ao longo dos rios, com cuidados quase manuais. Predomina aí o cultivo de arroz.

A maioria dos indianos que ocupam a zona rural sobrevive da agricultura de subsistência, isto é, produz para o próprio consumo. De fato, apenas um quarto de todos os trabalhadores da agricultura possui terras próprias com condições financeiras de comercializar sua produção. Os três quartos restantes resumem-se a pequenos proprietários que vivem em condições de extrema pobre-

za. É necessário salientar que o cultivo no país é realizado em planícies irrigáveis, como a Planície Indo-Gangética, na qual se destacam os rios Ganges e Indo.

Revolução verde na Índia

Entre 1964 e 1965, ocorreu uma grande fome que matou centenas de pessoas. Esse fenômeno, juntamente com o elevado crescimento demográfico da Índia, mobilizou o governo indiano a tomar uma firme decisão de modernizar sua agricultura. Assim, da mesma forma que aconteceu com o México, as Filipinas, o Paquistão e o Quênia, o governo da Índia testou, com sucesso, ao longo das décadas de 1960 e 1970, o plantio de sementes híbridas de milho, trigo e arroz, as quais foram responsáveis pela introdução de um maior rendimento, com a particularidade de serem mais resistentes às pragas e de se adaptarem às condições climáticas prevalentes nessas regiões. Dessa forma, a Índia aumentou de forma notável os níveis de produtividade, principalmente do produto básico da alimentação dos indianos, que é o arroz. Essa experiência ficou conhecida como **revolução verde**.

Auxiliados por técnicos norte-americanos e europeus, os indianos começaram a cultivar um tipo de arroz especial, o IR-8, produzido laboratorialmente a partir de uma espécie natural filipina. Essa iniciativa foi realizada apostando-se na teoria de que essa espécie cresceria mais rápido, com uma maior produção no mesmo espaço territorial.

No entanto, tal revolução verde redundou em um fracasso, por se tratar de uma técnica com base em uma monocultura dependente de pesticidas e fertilizantes de alto valor comercial e com alto poder de destruição do meio ambiente. No lugar de os pequenos produtores serem beneficiados com tal experiência, quem se beneficiou foram os grandes latifundiários. Isso fez com que muitas terras ficassem nas mãos de um pequeno número de ricos produtores. E, para dificultar mais a situação, a variedade de grãos tornou os países subdesenvolvidos dependentes do fornecimento de grãos geneticamente modificados em laboratórios por empresas transnacionais, especialmente as norte-americanas. Enquanto isso, os grandes proprietários de terras rurais, geralmente improdutivas, fortaleceram-se, usando essas terras para cultivar gêneros voltados para a exportação, a fim de obterem maior lucratividade.



Setor industrial

Mesmo diante de tantas dificuldades e adversidades, a Índia passou a dominar tecnologias de ponta e a possuir um setor industrial bastante diversificado. Atualmente, a Índia faz parte do grupo dos Novos Países Industriais (NICs, sigla em inglês), juntamente com a China, o Brasil, o México, a Argentina e outras nações.

Esse desenvolvimento industrial ocorreu aceleradamente na segunda metade do século XX, após sua independência, tornando-se um país de industrialização recente, ou tardia, quando comparada aos países centrais capitalistas.

A princípio, ao adotar esse modelo de desenvolvimento, a Índia optou por aplicar alguns princípios da economia socialista, como planos quinquenais e a presença do Estado nos setores considerados vitais para a economia. No entanto, após sua independência, em 1947, houve a adoção de um sistema de economia mista, ou seja, a atuação de empresas tanto estatais como priva-

das, só que pertencendo ao Estado o controle rígido dos setores mais estratégicos da economia: siderúrgicas, metalúrgicas, empresas energéticas (nucleares e petrolíferas), químicas, aeroespaciais e de armamentos. Paralelo a isso, o país incentivou a expansão do setor privado, formado por grandes corporações (muitas delas transnacionais) e também por um considerável número de pequenas empresas.



O crescimento da economia indiana, impulsionado pela expansão industrial, trouxe implicações diretas nas questões urbanas, sobretudo nas grandes cidades. Na imagem, trânsito bastante movimentado em avenida de cidade indiana.

A política de orientação socialista foi abandonada pelo governo da Índia no final da década de 1980, em favor da economia de mercado. Houve a renúncia da política de proteção e ocorreu a liberação das importações, mantendo-se o controle dos investimentos estrangeiros. A Índia projetou-se de forma destacada no cenário mundial, por desenvolver significativamente vários setores de tecnologia avançada (energia nuclear, informática, satélites artificiais, entre outros). Os investimentos em educação nos centros de pesquisa também tiveram os resultados esperados: o setor de informática, por exemplo, é um dos mais avançados do mundo. A título de exemplo, a Índia atualmente é o segundo maior exportador mundial de *softwares*, perdendo apenas para os Estados Unidos.

Consequentemente, as indústrias de alta tecnologia em informática passaram a constituir alguns polos industriais: Mumbai (antiga Bombaim), Calcutá, Nova Délhi e Madras. Por contar com indústrias de tecnologia de ponta, a Índia possui um tecnopolo, a cidade de Bangalore; isso sem mencionar os ramos tradicionais, como o têxtil, o alimentício, o siderúrgico e o químico.

Em Hyderabad, foi instalado um centro de pesquisas farmacêuticas que atualmente faz da Índia o maior exportador mundial de remédios genéricos.



A industrialização indiana tem como origem a ajuda soviética durante o período da Guerra Fria e o apoio do Estado para a instalação de indústrias de base e seus ricos recursos minerais (carvão, ferro, manganês). Observe no mapa os principais centros industriais e a distribuição dos recursos naturais.

As universidades e os institutos de pesquisa indianos têm propiciado uma formação científica e tecnológica de qualidade que atrai empresas estrangeiras interessadas em contratar os profissionais locais. Para se ter uma dimensão desse domínio tecnológico, a gigante norte-americana Microsoft tem, na constituição do seu quadro de funcionários, cerca de um terço de trabalhadores indianos. O mesmo ocorre com um sexto dos colaboradores especializados da Nasa. Vale ressaltar ainda o crescente desenvolvimento das indústrias mecânicas, petroquímicas, de construção naval, química e o diversificado parque industrial no setor de bens de consumo, com indústrias alimentícias, têxteis, de vestuário e de mobiliário, entre outras.

Com uma produção anual de filmes que supera a dos Estados Unidos, a indústria cinematográfica conhecida

como *Bollywood* também se destaca e está localizada em Mumbai (Bombaim). Nos últimos anos, aproximadamente mil filmes por ano foram produzidos no país; enquanto, nos Estados Unidos, a média foi de quinhentos filmes. Essa indústria abastece seu imenso mercado interno e também é exportada, principalmente para países asiáticos. Além de ser uma fonte de divisas para o país, torna-se divulgadora de referências culturais pró-Índia na região.

A Índia dispõe também de importantes reservas de recursos energéticos, como o petróleo e o carvão, bem como expressivas jazidas de bauxita, ferro e manganês, que se tornam o suporte do desenvolvimento industrial. Apesar disso, o petróleo produzido por essas jazidas, com localização na costa ocidental da Índia, não consegue atender, de modo suficiente, às necessidades internas. Por essa razão, ocorre uma importação dessa fonte de energia para o país, provinda de países como Kuwait, Omã, Emirados Árabes Unidos e Arábia Saudita. Ademais, a Índia também possui grande potencial hidráulico, pois muitos de seus rios correm em regiões de planaltos e podem ser aproveitados para a geração de energia.

Notáveis contrastes caracterizam esse país. Apesar dos consideráveis avanços tecnológicos e do significativo arsenal nuclear, a Índia ainda possui deficiências estruturais em relação às telecomunicações, à energia elétrica, a rodovias, a portos e a ferrovias. Além disso, metade



Embora a Índia seja um país com problemas sociais, tem apresentado um grande crescimento econômico nos últimos anos: integra, juntamente com o Brasil, o G-20, ou seja, o grupo dos 20 países em desenvolvimento do Planeta. Na foto, cidade de Délhi, capital da Índia.

de sua população é analfabeta e vive em condições de pobreza ou extrema pobreza. Segundo dados da ONU, a Índia, juntamente com o Paquistão e Bangladesh, constitui o “maior bolsão de pobreza mundial”.

É difícil dizer se a Índia se tornará ou não uma potência industrial em nível mundial, mas uma coisa é certa: o setor industrial tem crescido assustadoramente nos últimos dez anos, contribuindo para o aumento do PIB do país e levando-o atualmente a ser considerado uma das principais potências industriais do continente asiático.

No campo social, a Índia não é justa: enquanto milhões de pobres e de miseráveis convivem em uma triste realidade, um número menor de seus habitantes é beneficiado com a riqueza produzida. Alguns associam a miserável condição desse contingente populacional ao hinduísmo, que prega o conformismo, ensinando que a maior virtude do homem é a miséria.

Neoliberalismo e novos rumos na economia indiana

A década de 1990 encontra uma Índia fragilizada no seu setor industrial. O governo ficou sem dinheiro e, impossibilitado de realizar novos investimentos, passou a enfrentar sérios problemas, como a necessidade de ampliar a infraestrutura (redes de transporte, comunicações e energia) e a baixa qualificação da mão de obra.

Com a intenção de solucionar essas dificuldades, o governo indiano viu-se na obrigação de recorrer ao Fundo Monetário Internacional (FMI) a fim de obter empréstimos, subordinando-se às regras e à política econômica impostas por esse órgão internacional. Com isso, a Índia promoveu, a partir da década de 1990, uma maior abertura da economia, eliminando barreiras alfandegárias, diminuindo o protecionismo e concedendo maior liberdade às importações e ao capital externo, como ocorreu em vários países da América Latina. A partir desse procedimento, o modelo de economia mista vem sendo

gradativamente substituído pela economia de mercado, modelo característico do capitalismo global.

Com a abertura de mercado, houve um reaquecimento econômico no país, sobretudo com a expansão da atividade industrial, com um crescimento anual de cerca de 6,3%, em média, nos últimos anos. Esse crescimento deu-se principalmente pela implantação de grandes empresas transnacionais no país, atraídas em função da abundante e barata mão de obra, dos baixos custos de investimento e de um enorme mercado consumidor.

Por não acompanhar o ritmo de desenvolvimento das multinacionais, as empresas privadas indianas têm aberto falência ou sido incorporadas por empresas estrangeiras.

O nível de dependência econômica da Índia em relação aos países desenvolvidos só tem crescido a cada ano. A Índia deve atualmente ao FMI cerca de 20% de seu PIB. Realmente um vultoso endividamento.

Religião e aspectos culturais

A Índia, como país independente, tornou-se uma verdadeira mistura etnolinguística. Para se ter ideia do que representa esse mosaico, vejamos bem: além de 1.600 dialetos espalhados pelo território, existem oficialmente 18 línguas regionais. Outro aspecto distinto está relacionado ao caráter religioso: a religião na Índia está dividida entre hinduístas (74,5%), muçulmanos (12%) e vários grupos minoritários que praticam outras atividades religiosas (13,5%). É justamente por causa dessa diversidade no campo religioso que ocorrem vários conflitos sociais constantemente.



Para os hindus, é possível nascer várias vezes, por meio da reencarnação, em um ciclo de morte e renascimento chamado *samsara*. O objetivo de vida de um hindu é se libertar desse ciclo e alcançar o *moksha*, ou a salvação. Tâmil Nadu, Índia.

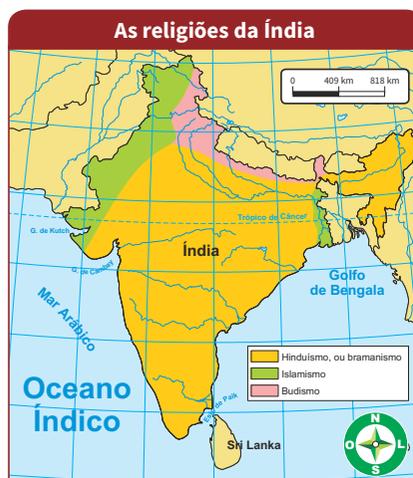
População da Índia ultrapassará a da China em meados de abril de 2023

Iniciadas em 1960, políticas chinesas de controle da natalidade são a principal causa da mudança no *ranking* demográfico mundial.

A demografia mundial terá uma data marcante em abril de 2023, quando a Índia superará a China e se tornará o país mais populoso do mundo pela primeira vez em milhares de anos. Enquanto a população chinesa já começou a encolher, estima-se que a Índia continue a crescer nas próximas quatro décadas. A discrepância entre os dois gigantes asiáticos vai aumentar ao longo do atual século, com o número de indianos ampliando a diferença sobre o total de chineses.

Dados da Divisão de População da ONU (revisão 2022) mostram que a população da China deve diminuir ligeiramente de 1.425.849.000 em 01 de janeiro para 1.425.671.000 em 01 julho de 2023, enquanto a população da Índia que era de 1,422 bilhão de habitantes em 01 de janeiro deve chegar a 1,429 bilhão em 01 de julho de 2023. A mudança de bastão no topo do *ranking* populacional deve ocorrer no dia 13 de abril de 2023, com uma população ao redor de 1.425.783.000 habitantes. A Índia ultrapassará a China e abrirá uma diferença cada vez maior nos próximos anos.

A China acrescentou cerca de 900 milhões de habitantes desde a Revolução, liderada por Mao Tsé-tung (em 1949) e a Índia acrescentou mais de 1 bilhão de habitantes desde a Independência, liderada por Mahatma Gandhi (em 1947). Mas o cenário vai se inverter no século XXI, já que a China deve perder 659 milhões de habitantes entre 2023 e 2100 e a Índia deve perder 167



A Índia possui grande diversidade linguística e religiosa. Em todo o seu território, são falados mais de cem idiomas; destes, dezesseis são oficiais. O hinduísmo prevalece, com cerca de 80% de indianos adeptos, que convivem com outras religiões, como a muçulmana e a budista.

Essa grande diversidade de crenças e línguas é resultado de milhares de anos de ocupação da região por diversas civilizações. Entre 2000 a.C. e 1500 a.C., grupos arianos nômades nativos da porção central da Ásia, possivelmente do norte do Irã atual, chegaram ao vale do Rio Indo. Lá encontraram uma população em dificuldades, devido ao empobrecimento do solo após anos de superexploração. As bases da atual população indiana foram formadas pela miscigenação desses povos.

A diversidade resultante de tantas influências possibilitou o surgimento de uma rica tradição musical, poética e religiosa. A principal religião da Índia é, sem dúvida, o hinduísmo, que, ao mesmo tempo, constituiu-se em uma espécie de sistema social, por dividir a sociedade em diferentes castas. A palavra **casta** vem do latim *castus*, que significa “puro”. No idioma sânscrito — um dos mais antigos do mundo, a palavra utilizada para designar castas é **varna**, que significa “cor”. Essas castas são grupos de pessoas e de famílias determinados pela hereditariedade, que se diferenciam de forma rígida pelo nascimento, pela suposta pureza de origem e cor da pele.

O hinduísmo é uma religião baseada em diversas influências de tradições ancestrais. Essas tradições deram origem aos Vedas — quatro livros antigos que contêm cantos, histórias e orações que são a base do hinduísmo. A sociedade que surgiu a partir do hinduísmo passou a se diferenciar por divisões internas baseadas na importância e no poder que cada um detinha. Foi essa divisão que deu origem ao **sistema de castas**.

Na realidade, esse sistema é responsável por estabelecer uma forte segregação social e promover enormes desigualdades sociais no país. Se ocorresse a mudança de um indivíduo para outra casta, essa mudança seria considerada uma grande ofensa à religião hindu.

Veja a distribuição funcional das castas:

- **Brâmanes:** sacerdotes de qualquer religião na Índia.
- **Xâtrias:** oficiais militares.
- **Vaixás:** comerciantes.
- **Sudras:** realizam o trabalho rural e manual.
- **Párias:** são pessoas que vivem em uma situação intocável, são rejeitados e marginalizados pela sociedade, sofrendo humilhações, zombarias, etc.

Desde 1949, quando a Índia adotou uma constituição, o sistema de castas foi abolido pelo governo, mas isso promoveu alguns abalos com a ocidentalização e a industrialização do país. Apesar disso, o sistema de castas ainda faz parte da cultura do povo indiano, pois representa uma forte tradição que se firmou no modo de pensar das pessoas.

Portanto, para se compreender a sociedade indiana e suas contribuições, deve-se levar em consideração o valor da influência dos fatores etnorreligiosos na cultura, na política, na economia e, principalmente, nas condições de vida da população.

Condições de vida da população indiana

Segundo país mais populoso do mundo, a Índia conta atualmente com mais de 1,2 bilhão de habitantes, distribuídos em 3 milhões de quilômetros quadrados. Esse número corresponde a quase seis vezes a população brasileira, que se distribui em 8,5 milhões de quilômetros quadrados. A Índia perde apenas para a China em termos po-

milhões de habitantes entre 2063 e 2100. A principal explicação para as diferentes dinâmicas demográficas entre as duas nações está na discrepância do ritmo de queda da taxa de fecundidade total (TFT). A taxa de fecundidade da Índia caiu de forma consistente, mas em ritmo lento, e só ficou abaixo do nível de reposição em 2022. A TFT de reposição é de 2,1 filhos por mulher e abaixo deste valor, no longo prazo, a população começa a diminuir.

Na China, a queda foi rápida. O governo lançou a política “Mais Tarde, Mais Tempo e em Menor Número” (em chinês: “Wan, Xi, Shao”) que, de forma voluntária, incentivava as mulheres a terem o primeiro filho em idades mais avançadas, que mantivessem um espaçamento maior entre os filhos e que limitasse o tamanho da prole, adotando um padrão pequeno de família. A política “Wan, Xi, Shao” foi um sucesso e, em um decênio, a taxa de fecundidade caiu de pouco mais de 6 filhos

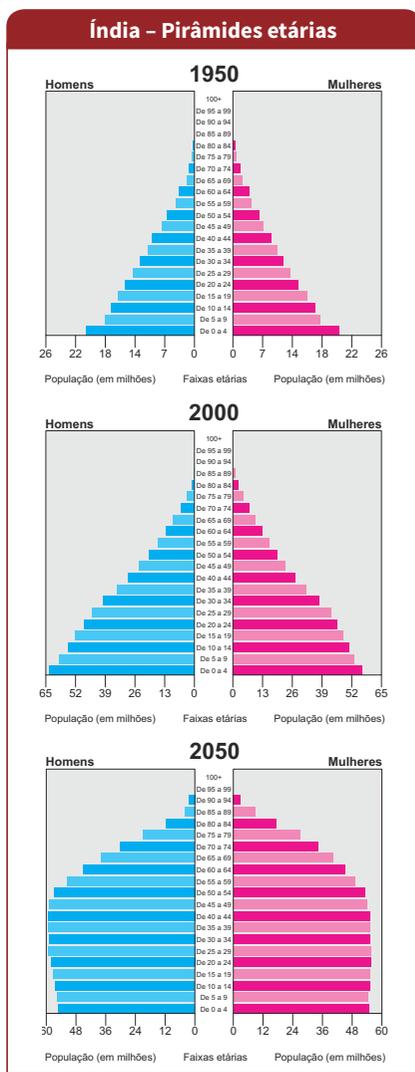
populacionais, mas pesquisas revelam que a Índia a ultrapassará já nas próximas décadas.

Esse boom populacional se deve a dois fatores principais: a forte influência do hinduísmo e o elevado índice de analfabetismo. Como a religião hinduísta, adotada por cerca de 80% dos indianos, concebe o nascimento como um ato sagrado, os métodos de planejamento familiar são pouco utilizados, o que impossibilita a realização de um controle de natalidade. Além disso, a questão do analfabetismo atinge aproximadamente metade da população, impedindo uma melhoria em suas condições de vida. No universo estudantil, os meninos atingem a triste média de três anos e meio de estudo; e as meninas, um ano e meio.

Desde 1960, à semelhança da China, o governo indiano tem mostrado uma preocupação com o superpovoamento, implantando uma severa política de controle de natalidade e investindo em massivas propagandas. Isso significou uma tentativa de controle do crescimento populacional na Índia, com o objetivo de reduzir a fome, a pobreza e outras desigualdades sociais. Dentre as medidas tomadas, estão a esterilização em massa da população de baixa renda, a limitação do número de filhos para as famílias mais carentes e a divulgação de métodos contraceptivos.



Entre as principais consequências do superpovoamento na Índia está a precarização da infraestrutura das cidades. Na foto, podemos conferir um registro desse fenômeno nas ruas da Velha Délhi, na Índia.



Geografia – 9º ano 291

demográfico. Em consequência, não será diferente nos dois países mais populosos do mundo que vão envelhecer e começar a decrescer, de forma inexorável, em diferentes momentos do século XXI.

Evidentemente, a Índia vai ultrapassar a China também em termos de densidade demográfica. A China tem uma área de 9,6 milhões de km², sendo o quarto país em tamanho de território (atrás apenas da Rússia, Canadá e EUA). A densidade demográfica da China era de 57 habitantes por km² em 1950, chegou ao máximo de 149 hab/km², em 2023, e deve ficar em 80 hab/km² em 2100. A Índia tem uma área geográfica de 3,29 milhões de km² (menor do que o tamanho da região Norte do Brasil). A densidade demográfica da Índia era de 120 habitantes por km² em 1950, deve chegar ao máximo em 2063, com 571 hab/km² e apresentar um declínio para 515 hab/km² em 2100. Portanto, a densidade da Índia era pouco mais do dobro da densidade da China em 1950 e será mais de 7 vezes superior em 2100.

Isto quer dizer também que os dois gigantes da demografia mundial terão que enfrentar desafios consideráveis, mas opostos, no futuro próximo. Nos próximos anos, a China terá que lidar com uma população menor, uma força de trabalho em declínio e um aumento do envelhecimento populacional acelerado, enquanto a Índia terá de gerar empregos para uma crescente população em idade ativa.

Disponível em: <https://projetcocolabora.com.br/ods11/populacao-da-india-ultrapassara-a-da-china-em-meados-de-abril-de-2023/> Acesso em: 03/04/2023.

Anotações

por mulher no final da década de 1960 para cerca de 3 filhos por mulher no final da década de 1970. Porém, no bojo das reformas implementadas por Deng Xiaoping em dezembro de 1978, foi instituída a “Política de filho único”.

Assim, a TFC chinesa ficou abaixo do nível de reposição no final da década de 1980, pré-anunciando o decréscimo populacional atual. Presentemente, o governo chinês tem tentado incentivar o aumento da fecundidade, mas sem muito sucesso, pois

o custo dos filhos é elevado e as mulheres chinesas possuem outras prioridades além da maternidade.

O fato é que a transição demográfica (queda das taxas de mortalidade e natalidade) se espalhou pelo mundo, pelos países em desenvolvimento e de forma mais rápida na China. Dessa forma, nenhum país deixará de vivenciar a transição demográfica, a mudança na estrutura etária, o envelhecimento populacional e o decréscimo

Nas pirâmides etárias, é possível perceber a mudança no perfil demográfico da população indiana. Comparando as pirâmides entre 1950 e 2000, vemos uma estrutura etária ainda predominantemente jovem (há mais jovens do que idosos), com redução no número de nascimentos. Além da entrada da mulher no mercado de trabalho, a Índia tem empregado ações antinatalistas, como a divulgação de métodos contraceptivos e os projetos de esterilização em massa — que põem em risco a vida de diversas mulheres —, a fim de diminuir seu crescimento populacional.

Já na pirâmide de 2050, resultado de algumas projeções, podemos perceber uma população mais madura (predominância de população adulta), resultante dos programas de planejamento familiar (redução da natalidade e da fecundidade) e do aumento da expectativa de vida (topo mais alto e com mais pessoas). Ainda assim, a população continuará crescendo, em ritmo menor, mas acima da média mundial.

No tocante às medidas anticoncepcionais, os princípios religiosos, enraizados na consciência e na vida das pessoas, tornaram quase ineficazes tais medidas. Por ano, 17 milhões de habitantes são acrescentados à população indiana. Isso significa que há uma média de 70 mil crianças nascendo diariamente (cerca de 50 nascimentos por minuto), tornando a Índia a nação de maior crescimento demográfico do Planeta.

A política de controle de natalidade não foi tão efetiva na Índia como foi na China, como visto no capítulo, isso se deu por questões culturais e religiosas. Diante disso, acesse o QR Code a seguir para compreender um pouco mais sobre o hinduísmo, religião mais praticada no país.

**Filosofia hinduísta –
essência, vedas e práticas
de yoga | Satyánatha**

NAMU



Com uma população que não para de crescer, o número de pessoas que circulam nas ruas das cidades indianas mostra como o processo de urbanização tem sido intenso. Na imagem, rua bastante movimentada em Hyderabad, Índia.

Sendo predominante na Índia o sistema de castas, tem-se um dado preocupante: se a maioria da população já nasce pobre e, em virtude das condições socioeconômicas de seu nascimento, está fadada a viver pobre, como o país poderá superar a situação de miséria e se desenvolver? Esta é a triste realidade indiana: cerca de 600 milhões de indianos vivem na miséria, 52% da população têm renda inferior a um dólar por dia, e dois terços das crianças com menos de cinco anos são subnutridas.

Como na maioria dos países em desenvolvimento, as desigualdades sociais e econômicas regionais estão também presentes na Índia e são muito grandes. Enquanto no estado de Prades, situado ao norte, a população (cerca de 150 milhões de habitantes) vive em condição de extrema pobreza, com indicadores sociais abaixo da média nacional, no estado de Kerela, ao sul, a população tem um bom nível de vida, cerca de 90% dos habitantes leem e escrevem. Além disso, Kerela possui uma taxa de mortalidade infantil em torno de 17%, muito abaixo da média nacional, que é 63%.



A educação (Ensino Superior) na Índia está entre as melhores do mundo, mesmo com o índice de analfabetismo a 25%. Na imagem, parte do campus da Universidade Banaras Hindu.

A Índia ainda pode ser considerada um país rural, já que apenas cerca de 30% da população vive nos centros urbanos. Porém, o país passa por um acelerado processo de urbanização, isto é, a transferência das pessoas do campo para a cidade. As pessoas são atraídas principalmente pela oportunidade das indústrias de informática e do setor de serviços.



O crescimento da população urbana não é acompanhado pelos investimentos em infraestrutura das cidades, que acabam se tornando caóticas devido aos avanços dos problemas sociais e ambientais, como a violência e a precariedade do saneamento básico.

Índia – Principais cidades



Cinco grandes metrópoles concentram os principais parques industriais da Índia, cada uma delas com destaque para determinados setores. Calcutá, por exemplo, que dispõe de carvão mineral e ferro, comanda a siderurgia e a indústria metalúrgica. Mumbai, região produtora de algodão, está ligada ao ramo têxtil, bem como a pesquisas na área nuclear. Madras e Bangalore produzem bens de equipamentos e consumo. Nova Délhi abriga as chamadas **indústrias de ponta**, principalmente de informática.

As cinco grandes aglomerações urbanas da Índia também concentram os principais centros universitários, alguns deles, como o de Nova Délhi, constituindo-se em importantes núcleos de pesquisa. Essas cidades são palco de grandes transações comerciais e sede das maiores instituições financeiras, com destaque para Mumbai, onde funciona a sede da Bolsa de Valores indiana.



O setor de tecnologia e informática é de grande importância na Índia. Polos como o de Bangalore, no sul do país, atraem a atenção do mundo, sendo este conhecido como o **Vale do Silício** da Índia.

Aids na Índia: tragédia anunciada

A Aids surgiu mais tarde na Índia do que em muitos outros países. As taxas de infecção aumentaram durante os anos 1990, e, atualmente, a epidemia afeta todos os setores da sociedade indiana, e não apenas grupos específicos.

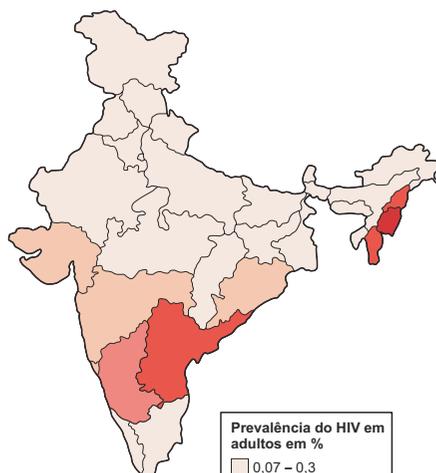
Em um país onde a pobreza, o analfabetismo e a saúde precária são abundantes, a propagação do HIV representa um desafio assustador.

Com cerca de 2,1 milhões de infectados pelo vírus HIV em 2013, a Índia tem o maior número de casos da região Ásia-Pacífico, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), mas as novas infecções caíram mais de 20% ao longo dos últimos 14 anos.

O programa antiaids do governo vem sofrendo problemas há mais de um ano, com atrasos causados pela burocracia e um colapso de financiamento cujo resultado é a escassez de camisinhas e remédios.

Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/07/crise-de-financiamento-ameaca-programa-de-combate-a-aids-na-india.html>. Acesso em: 02/05/2016. Adaptado.

4 estados são responsáveis por 53% de todos os casos de HIV
Andhra Pradesh, Karnataka, Maharashtra e Tamil Nadu



Prevalência do HIV em adultos em %
0,07 - 0,3
0,3 - 0,5
0,5 - 0,7
0,7 - 0,9
0,9 - 1,25
NA

Os conflitos étnicos entre a Índia, o Paquistão e a China

A tensa questão étnica na Índia, juntamente com os graves problemas sociais, tem obtido uma repercussão mundial. Nesse país existem 16 idiomas oficiais e mais de 1.600 dialetos reconhecidos pela Constituição. Por exemplo, a língua oficial hindí é falada por 35% da população; em seguida, vêm o télugo, o bengali, o marati, o tâmil, o urdu, etc. É possível perceber, então, que no quesito social, em função dessa diversidade linguística, a Índia possui uma sociedade culturalmente complexa. No tocante à religião, o povo indiano é dividido em dois grupos considerados majoritários: **hinduístas**, ou **bramanistas**, com quase 80% da população; e **islâmicos**, com cerca de 12% da população total. Os grupos menores são compostos por: cristãos, 6%; *sikhs*, 2,2%; e budistas, 0,7%. Além desses, há os mongóis, que habitam a região montanhosa ao norte do país, e outros grupos étnicos minoritários.

Muitos conflitos étnicos e culturais são marcados por um forte desejo de separação, principalmente por parte das minorias. Três exemplos de conflitos relacionados à geopolítica indiana são:

- O movimento separatista dos *gurkhas*, povo originário do Nepal que vive na fronteira entre o Tibete e a Índia.
- O separatismo dos *sikhs*.
- Os confrontos entre hinduístas e muçulmanos em várias partes do território.

O estado de Punjab surgiu após a separação entre a Índia e o Paquistão, após a partilha da Índia britânica, em 1947. Atualmente é um dos estados com menor índice de pobreza e bastante próspero na agricultura, devido a seu solo fértil de aluvião, com extensa superfície plana.

Essa área é ocupada pelos *sikhs*. O sikhismo surgiu a partir do hinduísmo, como um movimento reformista a partir do século XVI. Acreditam que cada indivíduo possui seu próprio *karma* e realiza em cada encarnação sua evolução espiritual. Também utilizam alguns elementos do islamismo, como o monoteísmo e a proibição à idolatria, em que a figura de Deus não pode ser representa-

da. Como são contrários à separação da sociedade em castas, sempre buscaram maior autonomia, e por isso muitos *sikhs* migraram para diferentes países de língua inglesa, com destaque para o Canadá e o Reino Unido.



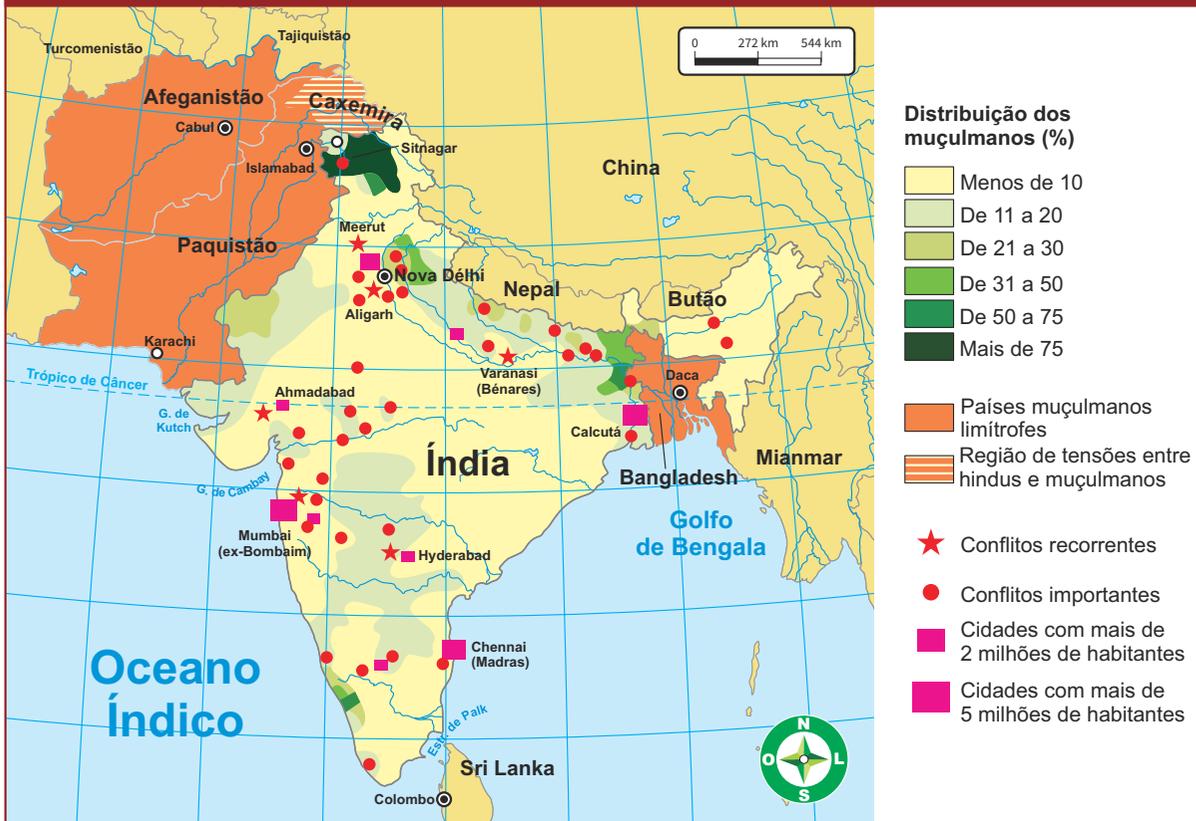
O sikhismo possui em torno de 27 milhões de adeptos no mundo, configurando-se a quinta maior religião do mundo. Na imagem, multidão *sikh* no festival de Lua cheia em Amritsar, Punjab, Índia.

A minoria *sikh* foi responsável pelo atentado que assassinou a ex-primeira-ministra Indira Gandhi, na década de 1980, quando ocorreram os maiores incidentes, como represália à invasão ordenada por ela ao Templo Dourado de Amritsar. Em vingança, diversas localidades do país tiveram ondas de violência antisikh, que resultaram na morte de aproximadamente 10 mil *sikhs* em um período de uma semana, de acordo com os observadores internacionais.



Apesar de ter o sobrenome *Gandhi*, Indira Gandhi não era parente de Mahatma Gandhi. Ela adotou o sobrenome do marido, que o mudou por razões políticas. Ocupou a mais alta posição política em uma sociedade altamente patriarcal até ser assassinada, em 1984, por um extremista *sikh*.

Tensões entre hindus e muçulmanos



Problemas de fronteira com o Paquistão e a China e conflitos internos de origem etnorreligiosa forçam o governo indiano a aplicar parte dos recursos do país na compra de armas. Um dos focos de maior tensão nessa área é a Caxemira, situada no norte da Índia, entre o Paquistão e a China, nas encostas da Cordilheira do Himalaia.

Em agosto de 2012, na cidade de Milwaukee, no estado de Wisconsin, região nordeste dos Estados Unidos, um atirador neonazista matou 4 e feriu 30 pessoas em um templo *sikh*. Há uma grande confusão por conta da aparência dos *sikhs*, que utilizam vestimentas e barbas compridas semelhantes às usadas pelos islâmicos. Depois do Onze de Setembro de 2001, os protestos contra a presença de islâmicos e *sikhs* nos Estados Unidos desencadearam uma onda de xenofobia e perseguições.

O principal deles envolve a Caxemira, região predominantemente muçulmana, que fica entre a Índia e o Paquistão. A Índia controla dois terços do território da Caxemira e se nega a abdicar da região. Apoiados pelo Paquistão, o povo da Caxemira deseja a separação. Esses conflitos são comuns desde a origem dos dois Estados, em 1947. Em 2001, a Índia rejeitou o plebiscito proposto pelo Paquistão, que daria oportunidade ao povo para se manifestar sobre qual Estado desejaria compor.



Como agravante dessa questão geopolítica, os dois países possuem tecnologia nuclear. Em 1998, a Índia se expôs para o mundo e principalmente para o Paquistão, que detém tal tecnologia. Como resposta, o Paquistão realizou seis testes nucleares. Em 2003, foi a vez de os dois países fazerem testes com mísseis nucleares. E o desacordo continua.

Como forma de reação imediata aos testes, as cinco potências nucleares (Estados Unidos, Reino Unido, Rússia, França e China) pressionaram a Índia e o Paquistão para que aderissem ao Tratado de Proibição de Testes Nucleares, o que foi prontamente recusado.

O interesse dos dois países é estratégico. A Caxemira é uma área drenada por importantes cursos de água, tais como os rios Ganges e Indo. E por ela também passará uma importante rede de gasodutos e oleodutos, que constituirá um importante corredor energético em um eixo que cruza o Mar Negro, passa pelo Cáucaso, chega ao Mar Cáspio até atingir a Ásia Central. Como a Caxemira se tornara um dos importantes eixos dessa rota, acredita-se que esse é um dos motivadores do conflito. Conclui-se, então, que a Caxemira continua sendo um foco de tensão entre esses dois países, ameaçando a coexistência pacífica na Ásia Meridional.



Míssil Agni-V durante seu primeiro voo de teste em 19 de abril de 2012, na Ilha de Abdul Kalam, na costa do estado de Odisha, leste da Índia.

Gandhi

Direção: Richard Attenborough.

O filme baseia-se na história do líder indiano Gandhi. Mostra sua trajetória de luta contra o domínio colonial britânico na Índia por meio de um quadro detalhado de história e cultura do povo indiano no período. Sua forma pacífica de luta serviu e serve de inspiração, até os dias atuais, para muitos de seus admiradores.

Quem quer ser um milionário?

Direção: Danny Boyle.

Jamal K. Malik (Dev Patel) é um jovem que trabalha servindo chá em uma empresa de telemarketing. Sua infância foi difícil, tendo que fugir da miséria e violência para conseguir chegar ao emprego atual. Um dia ele se inscreve no popular programa de TV “Quem Quer Ser um Milionário?”. Inicialmente descreditado, ele encontra em fatos de sua vida as respostas das perguntas feitas.

Anotações

dade no início, enviando máscaras e equipamentos de proteção para países atingidos fortemente na última primavera. Agora, com países de baixa e média rendas implorando por vacinas, países da Sérvia e Argélia ao Brasil e Egito estão recebendo doses da China e da Rússia. A Sérvia, na realidade, está à frente da maior parte dos países da União Europeia em porcentagem populacional que foi vacinada, em parte porque é um dos poucos países onde ambas as vacinas da Rússia e da China já estão disponíveis.

A China fez do compartilhamento de suas vacinas caseiras peça central de sua *Iniciativa Cinturão e Rota*, uma estratégia global para investir em mais de 70 países e organizações internacionais. A diplomacia vacinal de Pequim teve suas falhas, mais notoriamente a falta de informações legítimas sobre a eficácia de suas vacinas, mas, para muitos países pobres, as vacinas da China são bem melhores do que nada. Recentemente, por exemplo, a China anunciou que iria doar 300 mil doses ao Egito.

A Rússia alega que tem pedidos da vacina Sputnik V de cerca de 20 países, incluindo o vizinho sulista dos EUA, o México, que fez um contrato para receber 7,4 milhões de doses entre fevereiro e abril. Depois de um surto de covid-19 no final de janeiro, o presidente Andrés López Obrador, do México, reportou que havia recebido um telefonema caloroso do presidente Putin, da Rússia, e que o havia convidado a visitar o México. Perto do mesmo momento, o presidente e a vice-presidente da Argenti-

na, Alberto Fernández e Cristina Fernández de Kirchner, receberam as primeiras vacinas Sputnik V.

A Índia, entre os maiores produtores de remédios genéricos do mundo, também agiu para desenvolver suas próprias vacinas e para exportá-las, em parte como um contragolpe ao alcance da China. Embora a Índia tenha uma população de mais de 1,3 bilhão, já enviou 3,2 milhões de doses gratuitas para países vizinhos e assinou um contrato com alguns governos para fornecer vacinas. Uma razão pela qual a Índia está fazendo isso é porque está produzindo mais vacinas do que consegue distribuir internamente no momento. Os Emirados Árabes Unidos (EAU), que estão vacinando seus moradores mais rapidamente do que qualquer outro país, exceto Israel, também começaram a doar a chinesa Sinopharm para países com os quais possuem interesses comerciais ou estratégicos.

A diplomacia vacinal possui desvantagens. O Dr. Ghebreyesus da OMS reclamou que muitos países produtores de vacinas estão focados em fazer acordos bilaterais ou seletivos que descartam os países mais pobres. Essa é a vantagem da iniciativa Covax da OMS, e a administração Biden fez uma boa escolha em apoiá-la.

O presidente Biden garantiu aos estadunidenses que a maioria será vacinada até o fim do verão. Ele também deveria garantir que faz parte de seu interesse, por razões morais e de interesse nacional, estar na linha de frente da guerra global contra essa ameoba cruel.

Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?Editoria/Pelo-Mundo/A-era-da-diplomacia-da-vacina-chegou/6/50039>. Acesso em: 13/03/2021. Adaptado.



Exercitando o que aprendemos

- 1| A Índia possui uma organização social extremamente estratificada, subdividida em castas. Com base no texto do capítulo:
 - a. comente quais são as castas indianas.

Sugestão de resposta: Os brâmanes são a classe dominante, composta de religiosos e nobres; os xátrias são os militares; os vaixas são os comerciantes; os sudras, a casta subordinada, são os servos; e há ainda os párias, a casta dos excluídos, que são marginalizados e constituem a base da pirâmide social indiana.

b. explique qual o principal problema que esse tipo de organização social causa para o país.

Sugestão de resposta: O preconceito dos indivíduos de uma casta em relação a outras castas reforça e perpetua a desigualdade social no país. A questão de um indivíduo ter que permanecer na sua casta desde o nascimento até a morte dificulta a ascensão social da população indiana.

2| Os *sikhs* reivindicam a independência política do estado de Punjab, um dos mais ricos do país. Na década de 1980, a minoria *sikh* organizou um dos maiores atentados no país. Explique que acontecimento foi esse e por que ele ocorreu.

Sugestão de resposta: Os *sikhs* assassinaram a ex-primeira-ministra Indira Gandhi. Isso ocorreu porque ela ordenou a invasão ao Templo Dourado de Amritsar (santuário *sikh*), em que morreram centenas de pessoas.

3| Descreva como se desenvolveu o processo de industrialização indiano no contexto do modelo econômico adotado no país.

Sugestão de resposta: O processo de industrialização indiano foi pautado na política de substituição de importação, com forte intervenção do Estado. Contudo, na década de 1990, o país iniciou sua abertura econômica, adotando as privatizações e a atração de multinacionais.

4| Caracterize o espaço urbano indiano.

Sugestão de resposta: O espaço urbano indiano cresce vertiginosamente devido ao movimento migratório da população em direção aos grandes centros urbanos em busca de emprego e de melhores condições de vida. No entanto, o país sofre com a infraestrutura defasada para o crescimento urbano. O trânsito é caótico, faltam sinalização e regras bem estabelecidas de tráfego.

5| Relacione a revolução verde com a fome na Índia.

Sugestão de resposta: a revolução verde se caracteriza por um período de grande modernização do setor agrícola, com destaque para os países periféricos. Contudo, grande parte dos agricultores direcionou a produção para o mercado externo, limitando a produção de gêneros agrícolas destinados ao abastecimento interno. Na Índia, essa produção não alcança a população mais pobre, que sofre com as taxas de subnutrição.

6| Estabeleça uma relação entre o atual desenvolvimento econômico e os indicadores sociais na Índia.

Sugestão de resposta: A Índia convive com um desenvolvimento econômico nunca antes evidenciado no país. Sua presença no Brics (grupo dos principais emergentes do mundo) merece destaque. No entanto, essa revolução se deve em grande parte às políticas do governo de incentivo à economia do país, embora boa parte da população não tenha sentido os resultados desse crescimento. A permanência do sistema de castas contribui para a situação.



Preparando-se para o vestibular/ Enem

1| (UFF–Adaptada) Observe a foto e leia a notícia.



Fim do mundo mais próximo

O ponteiro do “Relógio do Fim do Mundo” foi adiantado ontem em cinco minutos. Essa mudança deveu-se às explosões subterrâneas, nos últimos meses, de cinco bombas atômicas pela Índia e seis pelo Paquistão, em testes que ratificaram a entrada dos dois países para o clube de potências nucleares — até então limitado aos EUA, Rússia, Inglaterra, França e China [...] “As consequências de um possível confronto nuclear entre Índia e Paquistão são imprevisíveis”, alerta o Boletim dos Cientistas Atômicos.

(Adaptado do *Jornal do Brasil*, 12/06/98)

Um fator responsável pelos enfrentamentos entre Índia e Paquistão é:

- a. a disputa pela região da Caxemira, área geográfica fronteiriça de maioria demográfica muçulmana, sob controle majoritariamente indiano.
- b. o avanço do terrorismo na região da Caxemira, com domínio paquistanês sobre uma população majoritariamente de origem hindu.
- c. a aliança política formada entre muçulmanos do Paquistão e do Afeganistão, sob liderança talibã, contrária ao hinduísmo nas fronteiras.
- d. a pressão militar atômica chinesa sobre a Índia, com a decorrente desestabilização da identidade religiosa que une indianos e paquistaneses.
- e. o entrelaçamento de civilizações milenares, tornadas rivais a partir da corrida nuclear estabelecida naquela parte da Ásia, nos últimos anos.

2| (Fuvest) A economia da Índia tem crescido em torno de 8% ao ano, taxa que, se mantida, poderá dobrar a riqueza do país em uma década. Empresas indianas estão superando suas rivais ocidentais. Profissionais indianos estão voltando do estrangeiro para seu país, vendo uma grande chance de sucesso empresarial.

Beckett et al., 2007. Disponível em <http://www.wsj-asia.com/pdf>. Acesso em: junho/2011. Adaptado.

O significativo crescimento econômico da Índia, nos últimos anos, apoiou-se em vantagens competitivas, como a existência de:

- a. diversas zonas de livre-comércio distribuídas pelo território nacional.
- b. expressiva mão de obra qualificada e não qualificada.
- c. extenso e moderno parque industrial de bens de capital, no noroeste do país.
- d. importantes “cinturões” agrícolas, com intenso uso de tecnologia, produtores de *commodities*.
- e. plena autonomia energética propiciada por hidrelétricas de grande porte.

3| Sobre as questões relacionadas ao conflito Índia vs Paquistão, leia o fragmento do poema a seguir e assinale a alternativa **correta**.

“Em vão, amigo meu, tratastes de fugir da luta fratricida; nunca poderás, ó valente, subtrair-te da lei da natureza.”

Bhagavadgītā, poema épico hindu

- a. As relações da Índia com o Paquistão sempre foram amistosas, com um grande respeito religioso e cultural entre os povos dos dois países.
- b. Durante a Guerra Fria, o conflito entre a Índia e o Paquistão foi maior, e o Paquistão recebeu grande apoio da URSS; e a Índia, dos EUA.
- c. A Caxemira passou a ser o alvo da disputa entre a Índia e o Paquistão após se declarar um país independente, em 1947, e não ser reconhecida por nenhuma outra nação.
- d. O grande perigo do conflito entre os governos da Índia e do Paquistão é que eles são detentores de armas atômicas e encontram-se em uma perigosa escalada de solução de problemas pela força.

300

Geografia – 9º ano

Capítulo 15 Japão e Tigres Asiáticos

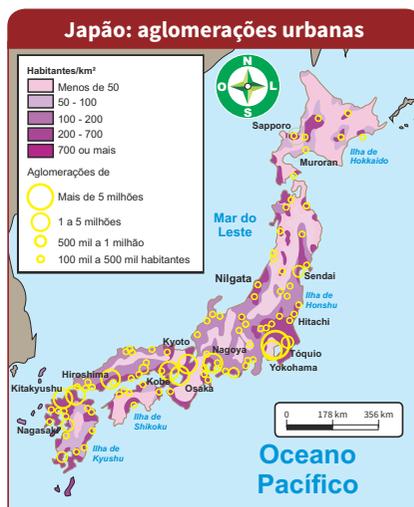
O Extremo Oriente (Ásia do Leste, ou Ásia Oriental), região mais próspera do continente asiático, compreende o Japão, os Tigres Asiáticos (Hong Kong, Taiwan e Coreia do Sul, com exceção de Cingapura, localizada no Sudeste Asiático) e a China.

Esses países possuem economias modernas e, surpreendentemente, tiveram um constante e rápido crescimento nas últimas décadas. Neste capítulo, estudaremos as dificuldades que os japoneses encontraram devido à escassez de recursos naturais em seu subsolo, a superação da derrota e dos efeitos da bomba atômica na Segunda Guerra Mundial, a importância que dão à educação e a decisão de investir em seus “vizinhos diretos” para transformá-los no grupo de economias prósperas e competitivas, denominada **Tigres Asiáticos**.

Japão: natureza e sociedade

O arquipélago japonês está localizado no Hemisfério Norte, em zona de média latitude, no extremo leste da Ásia, apresentando uma área de apenas 377.748 quilômetros quadrados, sendo um pouco maior que o Estado de São Paulo. Com uma população de aproximadamente 128 milhões de habitantes, os japoneses habitam um arquipélago composto de 3.400 ilhas de diversos tamanhos. As principais são Honshu (a maior), local da capital Tóquio; Hokkaido; Kyushu; e Shikoku. Todas elas estão em perfeita integração territorial, unidas pela tecnologia, por meio de pontes e túneis.

O território japonês ocupa o sétimo lugar entre os países mais populosos do Planeta, apesar da limitada área territorial que possui. A irregular distribuição populacional se reflete na densidade demográfica do país, que chega a ser de 350 japoneses por quilômetro quadrado.



Uma característica da população japonesa é a sua irregular distribuição no território. A maioria concentra-se nos planaltos e nas planícies, apresentando uma das mais elevadas densidades demográficas do mundo.

Possuidor de uma superfície montanhosa, aproximadamente 80% de seu território possui elevadas altitudes, o Japão tem dificuldades quanto ao estabelecimento da agricultura, o que obriga a população a se concentrar nas áreas litorâneas, que correspondem a 16% da área total do país. Esse relevo é de formação recente — 97% da era geológica Cenozoica, período Terciário —, tendo se constituído a partir de intensa atividade vulcânica e dos movimentos das placas tectônicas. Devido a essa localização geológica no encontro de placas tectônicas, o Japão é frequentemente abalado por terremotos e, às vezes, por atividades vulcânicas e *tsunamis* de pequenas proporções.

Geografia – 9º ano 301

no trabalho em diferentes regiões do mundo e suas consequências no Brasil.

(EF09GE13) Analisar a importância da produção agropecuária na sociedade urbano-industrial ante o problema da desigualdade mundial de acesso aos recursos alimentares e à matéria-prima.

Considerações sobre o capítulo

Dentro do panorama geográfico mundial, destaca-se a poderosa economia japonesa, que concentra, em suas cidades globais, tecnopolos e cerca de um terço das suas grandes corporações transnacionais atuantes no mercado global. Grande importadora de matérias-primas e exportadora de produtos industriais, a indústria japonesa conquistou, com suas mercadorias de alta tecnologia, os exigentes e ricos mercados norte-americano e europeu. Adotando o modelo exportador japonês, os novos países industriais, chamados de **Tigres Asiáticos**, também serão estudados neste capítulo.

Assim, ao tratarmos do Japão e dos Tigres Asiáticos, esboçaremos um perfil de seus aspectos naturais e sociais, caracterizando-os. Falaremos da integração territorial existente entre as diversas ilhas que compõem o Japão; detalharemos elementos de seu clima, relevo, sua vegetação e hidrografia; comentaremos e explicaremos a distribuição irregular da população japonesa, resultante da grande concentração urbana existente; e esclareceremos que tal concentração tem não somente razões naturais, como também socioeconômicas, já que, nas áreas propícias à ocupação, o desenvolvimento da atividade industrial permitiu um elevado padrão de vida aos habitantes. Destacaremos, ainda, dois aspectos distintos, mas bastante característicos da realidade

Conceitos principais

Japão e Tigres Asiáticos (Coreia do Sul, Cingapura, Taiwan e Hong Kong); aspectos naturais e sociais; integração territorial; distribuição irregular da população japonesa; grande concentração urbana; aspectos históricos, econômicos e sociais do Japão; política externa militarista e expansionista; imperialismo; ataques norte-americanos.

BNCC

Habilidade trabalhada no capítulo

(EF09GE10) Analisar os impactos do processo de industrialização na produção e circulação de produtos e culturas na Europa, na Ásia e na Oceania.

(EF09GE11) Relacionar as mudanças técnicas e científicas decorrentes do processo de industrialização com as transformações

japonesa: o alto preço dos imóveis e o índice de envelhecimento populacional.

Apresentaremos importantes aspectos da história, da economia e da vida em sociedade no Japão, explicando a atuação de sua inicial política externa militarista e expansionista, o declínio desse imperialismo após os ataques norte-americanos e a impressionante recuperação econômica do país no pós-guerra; recuperação esta que foi chamada de **milagre econômico**, tamanha a rapidez e a força do crescimento industrial atingido e da liderança alcançada em exportação, principalmente das inovações tecnológicas.

Veremos também a importância dos investimentos realizados em educação, ciência, tecnologia e infraestrutura e o poder político e financeiro das transnacionais, que atuam sobre os mais variados setores de produção. Estudaremos as principais relações internacionais do país, enfatizando sua parceria militar com os Estados Unidos, sua parceria comercial com a China e sua participação em diversos e importantes organismos internacionais.

Dentre essas relações com outros países, veremos ainda que o Japão investiu economicamente em seus vizinhos — Coreia do Sul, Taiwan, Cingapura e Hong Kong — e que o resultado desse investimento foi tão surpreendente que se deu ao grupo por eles formado o nome de **Tigres Asiáticos**, dado o rápido e elevado crescimento social e econômico, principalmente no setor industrial. Apresentaremos cada um deles, explicando suas condições de vida, suas principais características socioeconômicas e políticas.

Finalmente, trataremos do sudeste asiático, explicando seus principais problemas econômicos e sociais e as dificuldades de desenvolvimento da região, especialmente por conta dos conflitos ocorridos nesse território.

Essa formação recente do território japonês e a predominância de montanhas faz com que haja escassez de minerais metálicos e de combustíveis fósseis.

Isso ocorre porque o país está localizado no chamado **Círculo de Fogo do Pacífico**, área de instabilidade com constantes deslocamentos das placas, umas sobre as outras, provocando impactos que são sentidos na superfície.



O Monte Fuji, ponto mais alto do Japão, com 3.776 metros, é um vulcão que entrou em erupção pela última vez em 1770 e está localizado na ilha de Honshu.



O arquipélago japonês situa-se na zona de encontro das placas tectônicas do Pacífico, das Filipinas e Eurasiática. Isso explica a instabilidade geológica do território, com ocorrência de terremotos, maremotos e a existência de vários vulcões em atividade.

Japão: clima e vegetação

O Japão possui um clima temperado devido à sua localização ao norte do Trópico de Câncer. Isso não impede o país de possuir uma diversificação de clima, em virtude da ação direta de vários fatores, como a altitude (as temperaturas são mais amenas nas regiões montanhosas que nas baixadas litorâneas) e a maritimidade (que oferece mais umidade no litoral, provocando chuvas e correntes marítimas, frias ao norte e quentes ao sul). Observe no boxe a seguir essas características.



Para os turistas, recomenda-se visitar o Japão durante a primavera, período que marca a floração das cerejeiras, celebrada em um festival batizado como **Hanami** (do japonês, *apreciar as flores*). Na ocasião, que pode ocorrer entre o fim de março a meados de abril ou maio, tem-se o hábito de aproveitar o clima agradável para lazer nos parques onde há cerejeiras.

Existem duas correntes marítimas que afetam o clima e interferem nas atividades econômicas do Japão: Oyashio (fria) e Kuroshio (quente). A corrente de Oyashio nasce próxima ao Ártico e se desloca para o sul, atingindo o litoral japonês. Já a corrente Kuroshio é proveniente das regiões equatoriais, localizadas ao sul, e favorece a produção agrícola, especialmente a rizicultura, isto é, a cultura do arroz. O encontro dessas duas correntes resulta em um fenômeno chamado **ressurgência**, no qual as águas profundas se deslocam para as regiões mais superficiais carregando uma série de nutrientes. Isso favorece a pesca, que é uma das atividades mais importantes no Japão.

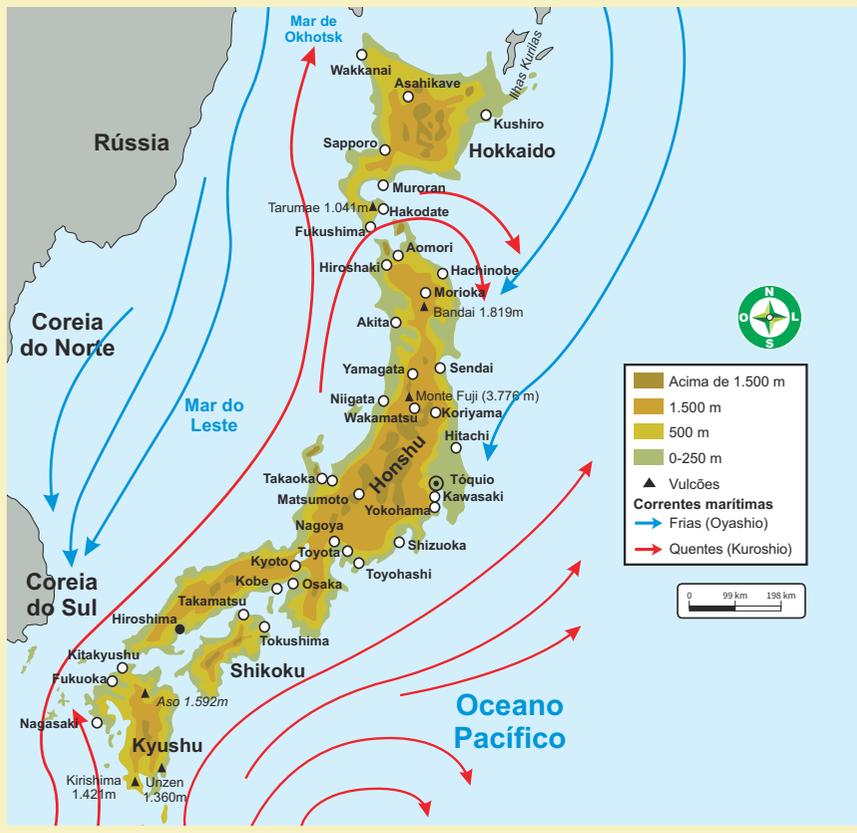
Consequentemente, a diversificação do clima torna as paisagens vegetais diferentes umas das outras com um predomínio de florestas, consideradas uma das mais bem conservadas formações vegetais do mundo. O país chega a apresentar, aproximadamente, 60% de sua superfície recoberta por florestas naturais ou áreas florestadas.

Anotações

Observe o mapa representativo do Japão e note que ele é formado por muitas ilhas. As quatro principais são: Hokkaido, Honshu, Shikoku e Kyushu. A ocorrência do clima se dá de diferentes formas. Na porção norte do território, na ilha de Hokkaido, o clima é frio, com invernos rigorosos. Em direção ao sul, à medida que a latitude diminui, o clima se altera: no norte e no centro da ilha de Honshu, o clima é do tipo temperado; do centro para o sul dessa ilha e nas ilhas Kyushu e Shikoku

é do tipo subtropical. Essa variação é decorrente da extensão territorial, no sentido norte-sul, por aproximadamente 3.800 quilômetros.

Esse extenso litoral, com cerca de 28 mil quilômetros, expostos à ação das massas de ar úmido que provêm do oceano, provoca médias pluviométricas anuais elevadas, superiores a 2.000 milímetros, além de proporcionar aos japoneses a maior indústria de pesca do mundo.



- Destacar dados bastante característicos da realidade japonesa: o mercado imobiliário e o índice de envelhecimento populacional.

Dicas para trabalhar o capítulo

- Mais uma vez, antes de iniciar o capítulo, questione o que os alunos conhecem sobre os países a serem estudados. Você poderá trazer imagens e/ou notícias de jornais sobre aspectos relacionados aos componentes naturais e culturais que caracterizam as paisagens desses países e pedir aos alunos que, em grupo, escrevam o que sabem sobre o assunto. Após avaliar a produção da turma, organize, se julgar interessante, atividades nas quais essa produção possa ser problematizada e, portanto, revista ou ampliada, etc.
- Comente com os alunos as dificuldades e limitações enfrentadas pelos japoneses em razão das características naturais do país, como os terremotos e a escassez de áreas que facilitem a ocupação e o desenvolvimento de atividades econômicas. Ressalte, também, como a sociedade japonesa enfrenta essas situações, exemplificando-as: no caso dos terremotos, o trabalho dos centros de previsão, o treinamento da população e as técnicas de engenharia; no caso das poucas áreas ecúmenas, a construção de pôlderes industriais, etc.

Objetivos didáticos

- Explicar a formação territorial em ilhas e destacar os aspectos naturais de clima, relevo, vegetação e hidrografia do território japonês.
- Estudar o Japão e os Tigres Asiáticos, identificando e compreendendo seus aspectos naturais, sociais e econômicos, e avaliar as perspectivas para esses países no atual cenário mundial.
- Explicar a ocupação, a distribuição irregular e a concentração urbana da população japonesa, relacionando-as.
- Abordar como o desenvolvimento da atividade industrial propicia um elevado padrão de vida aos japoneses.

Anotações

Japão: hidrografia

O Japão possui um grande número de rios, que são de extensões reduzidas e acidentados devido às condições do relevo. Além de serem responsáveis pela irrigação e pelo consumo no país, são fontes de fornecimento de energia hidrelétrica, pois possuem cursos encaixeados próprios para esse fim. Porém, apesar disso, a produção de energia elétrica não é suficiente, o que faz com que o país também utilize usinas termoeletricas e termoelétricas.

Os principais rios são Ishikari (Hokkaido), Shinano (Honshu) e Tone (Honshu). No território japonês, também há a presença de lagos de formação vulcânica, como Kutcharo (Hokkaido) e Biwa (Honshu).

Pela primeira vez em dois anos, excesso de um elemento radioativo é detectado em peixes perto de Fukushima

Um grupo de especialistas detectou nesta segunda-feira, pela primeira vez em dois anos, um excesso de césio, um elemento radioativo, em peixes capturados perto da costa da prefeitura japonesa de Fukushima, de acordo com a mídia local, citando fontes da Federação de Pesca da região.

Como resultado, a Federação de Pesca decidiu suspender o fornecimento dessa espécie de pescado até que as condições de segurança alimentar sejam normalizadas. Ao mesmo tempo, foi instalada uma rede para impedir a entrada e saída de peixes do porto local. No entanto, os especialistas não descartam a possibilidade de uma certa quantidade de peixes contaminados já ter saído da região.

Os especialistas destacaram que a quantidade da substância radioativa é significativamente menor do que imediatamente após o acidente da usina nuclear Fukushima-1, em 2011. Na época, a maior concentração de césio era de 900 becquerels por quilo.

Russia Today Atualidades. Disponível em: <https://actualidad.rt.com/actualidad/384302-detectar-exceso-norma-cesio-pescado-fukushima>. Acesso em: 13/03/2021. Adaptado.

Japão: população e desenvolvimento social

Acredita-se que o povo japonês seja resultado da miscigenação de mongóis, coreanos, indonésios, filipinos e de habitantes primitivos denominados **ainus**.

Com uma numerosa população e por ser um país altamente industrializado, não é de admirar que o consumo de energia seja tão elevado. A maioria dos japoneses mora em áreas urbanas (83%) e goza de um excelente padrão de vida. Esse fato é explicado pela existência de fatores como a forte atividade industrial do país, geradora de empregos, e porque o Japão não apresenta perfil rural, uma vez que os espaços para o cultivo são diminutos em um relevo predominantemente montanhoso. Por outro lado, a falta de espaço provoca o aumento do preço das casas, dos apartamentos e dos terrenos. Em virtude disso, o Japão possui um dos metros quadrados mais caros do mundo.

Devido a uma queda na taxa de mortalidade e a uma maior taxa de natalidade, após a Segunda Guerra Mundial a população japonesa cresceu vertiginosamente. Um dos fatores responsáveis por esse crescimento acelerado, período conhecido como **babyboom**, foi a crescente industrialização no período pós-guerra, beneficiado pelo desenvolvimento da indústria farmacêutica e da medicina.

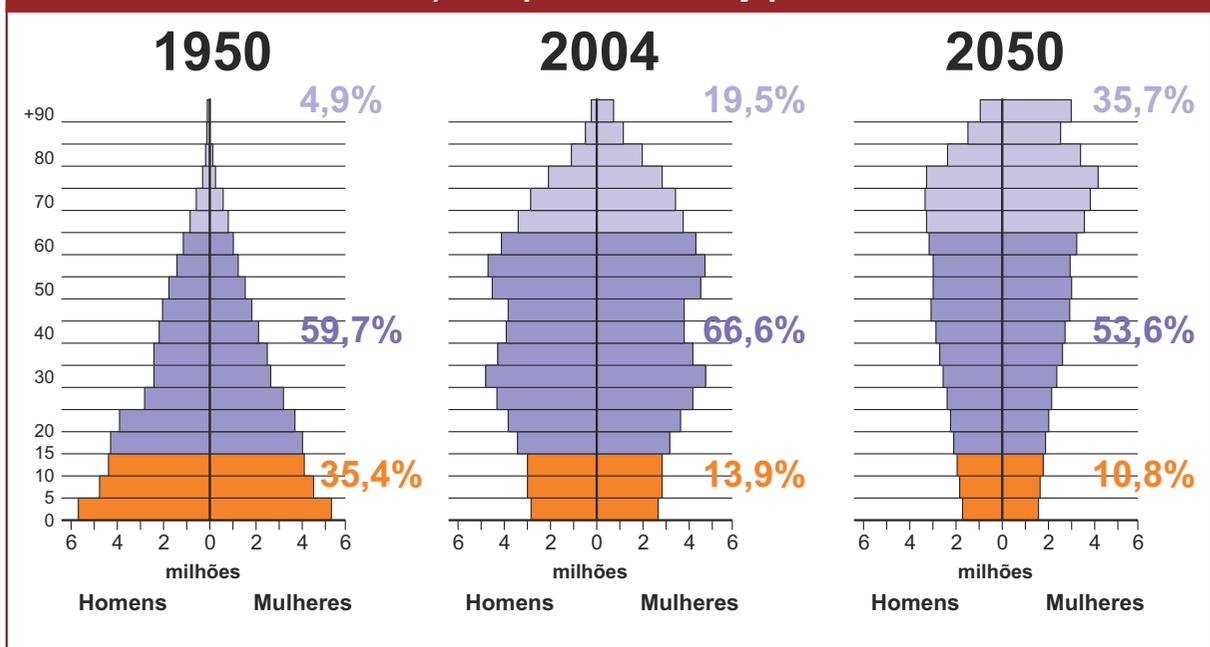
No entanto, seguindo a tendência mundial dos países desenvolvidos e em desenvolvimento, o envelhecimento da população japonesa tem preocupado as autoridades em virtude dos elevados gastos sociais e previdenciários. Os dados de 2015 indicam que a expectativa de vida para os japoneses chega a 84,7 anos, sendo que as mulheres vivem em média 86,5 anos; e os homens, 79,7 anos. Portanto, a população adulta é predominante.

Acesse o QR Code a seguir e aprofunde os seus conhecimentos sobre a população japonesa.

Porque é que a população do Japão está diminuindo?
Instinct Culture – Cultura Japonesa



Evolução da pirâmide etária japonesa



Na primeira pirâmide, por volta de 1950, a população de jovens é 35,4%; a população de adultos é 59,7%; e a população de idosos é 4,95%. Na segunda pirâmide, por volta de 2004, a população de jovens diminui e vai para 13,9%; a população de adultos aumenta e vai para 66,6%; a população de idosos também aumenta e vai para 19,5%. Na terceira pirâmide, por volta de 2050, a população de jovens diminuirá e irá para 10,8%; a população de adultos também diminuirá e irá para 53,6%; já a população de idosos aumentará para 35,7%.

O Japão é considerado um país que já concluiu a sua transição demográfica. As reduzidas taxas de mortalidade e a alta expectativa de vida fazem com que o país apresente um número significativo de idosos, característica de outros países desenvolvidos.

O país apresenta alto grau de desenvolvimento, com alguns dos melhores indicadores de qualidade de vida em comparação com outros países. Devido a essas características, o Japão é destino de muitos imigrantes, como os decasséguis (pessoas de ascendência japonesa), que muitas vezes aceitam trabalhos pouco remunerados e têm baixa qualificação. Com a crise de 2008, muitos desses imigrantes retornaram ao seu país de origem devido ao aumento do desemprego no território japonês.



Por ser um país com alta expectativa de vida, o Japão possui uma vasta população idosa. Esse fato pode ser considerado preocupante diante da baixa taxa de natalidade do país. Na imagem, grupo de idosos em uma estação de trem na cidade de Hakone, Japão.

O sudeste da ilha de Honshu constitui a principal concentração industrial do Japão, e nela se encontram grandes metrópoles que compõem, de forma interligada, uma gigantesca megalópole, Tokaido; são elas: Tóquio, Yokohama, Osaka, Kyoto, Kobe, Nagoya e Hiroshima, conhecidas como **formigueiros humanos**. (Ver mapa.)

Estima-se que, na região metropolitana de Tóquio, que contempla a capital japonesa e cidades vizinhas, concentrem-se por volta de 35 milhões de pessoas. Tóquio constitui também um dos principais centros financeiros do mundo, além de comandar uma poderosa zona industrial. Em virtude da função portuária, a capital do Japão representa uma das razões de seu extraordinário desenvolvimento econômico e crescimento demográfico.

O norte do país, por outro lado, apresenta as menores densidades demográficas devido às condições climáticas desfavoráveis.



Cerca de dois terços de toda a população urbana japonesa concentra-se em algumas poucas cidades que formam as áreas metropolitanas de Tóquio, Yokohama, Kobe, Quioto, Osaka, Nagoya e Fukuoka.

História, economia e sociedade do Japão

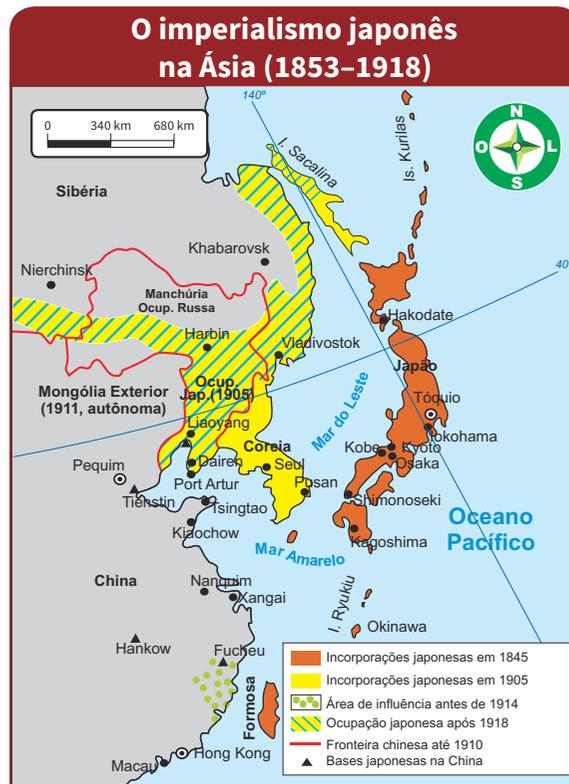
A civilização japonesa é bastante antiga e data de aproximadamente 8 mil anos antes de Cristo. Durante um longo tempo, o arquipélago japonês sofreu muitas influências de outras partes do Oriente, como a adoção de técnicas e conhecimentos, incluindo a formação de seu

idioma. Até o século XVI, imperava uma elite militarizada no governo e a fragmentação em seu território, que chegou a permanecer isolado do resto do mundo, do século XVII até a primeira metade do século XIX, quando foi governado pelo clã Tokugawa.

A única exceção foram as relações comerciais mantidas com a Holanda, que possuía um entreposto comercial na cidade de Nagasaki. Houve nesse período a tenta-

Assim, entre o final século XIX e o início do século XX, o Japão já experimentava um acelerado desenvolvimento, necessitando cada vez mais de matérias-primas e novos mercados consumidores. O país investiu maciçamente na sua industrialização, formando empresas estatais, associando-se a grupos particulares (famílias) ou ainda concedendo subsídios a empresas privadas.

Resultante de tal investimento industrial, o Japão não hesitou em assumir uma política externa militarista e expansionista, o que o levou a invadir territórios das nações vizinhas.



Ao se tornar uma potência industrial no século XIX, o Japão se lançou às conquistas imperialistas na Ásia, passando a competir com as potências industriais europeias na tomada de territórios e na formação de colônias.

Quando começou a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), os japoneses se encontravam na plenitude do seu expansionismo, estendendo seus domínios no Sudeste Asiático. O país também se tornou aliado da Alemanha nazista, que adotava a mesma política em relação ao continente europeu.

O ímpeto imperialista japonês foi contido com sua derrota na Segunda Guerra Mundial, em 1945, quan-

do os Estados Unidos lançaram duas bombas atômicas, uma sobre a cidade de Hiroshima e outra sobre a cidade de Nagasaki. Depois da guerra, os estadunidenses passaram a contribuir para a recuperação econômica do país, pois se comprometeram, por meio de um acordo, a ajudar financeiramente os japoneses durante quarenta anos.

Em apenas cinco anos, o grau de recuperação dos japoneses foi tão surpreendente que os americanos tentaram suspender o acordo firmado. Após negociação, o período de quarenta anos foi reduzido para vinte, ou seja, os japoneses, ainda por mais quinze anos, continuariam usufruindo do apoio financeiro norte-americano.



Na imagem, gueixas com quimonos tradicionais em frente ao templo Sensoji em Tóquio, Japão.

Nesse período, o país realizava grandes investimentos em educação, ciência, tecnologia e infraestrutura. Graças a uma elite nacionalista e a uma classe trabalhadora extremamente disciplinada, o Japão atingiu um desenvolvimento econômico jamais alcançado em toda a sua história. Ampliou-se o parque industrial japonês, e seus produtos adquiriram prestígio no comércio internacional. A Política de Qualidade Total foi instituída pelas empresas japonesas com o objetivo de tornar seus produtos cada vez mais competitivos no mercado mundial.

Enquanto isso, o mundo estava dividido pela Guerra Fria, e, sob o ponto de vista estratégico, era de interesse

dos Estados Unidos manter uma vitrine capitalista na Ásia para contrabalançar o avanço do socialismo na China, na Coreia, no Vietnã e em outras nações daquele continente. Esse foi um dos motivos que levaram os norte-americanos a investirem maciçamente na recuperação econômica do Japão e no fortalecimento do capitalismo nesse país.



Dois momentos da cidade de Hiroshima. o Memorial Park (1), área onde se localizam os escombros da Segunda Guerra, quando a cidade foi devastada pela bomba atômica; e a cidade recuperada atualmente (2). Observamos pelas fotos que o Japão industrializado e competitivo nasceu dos escombros da guerra, resultado da fantástica capacidade de superação desse povo.

O “milagre econômico” e o poder das transnacionais

Hoje as grandes empresas japonesas atuam praticamente em todo o mundo, formando verdadeiros impérios industriais e gerando empregos para milhares de pessoas. Esse rápido e grande crescimento industrial no

pós-guerra foi responsável pelo que os observadores internacionais chamaram de **milagre econômico**.

O setor industrial corresponde a aproximadamente 27% do PIB japonês. O parque industrial é moderno e mecanizado, com destaque mundial nos setores petroquímico, automobilístico, de eletroeletrônicos, eletrodomésticos, microeletrônica e informática, por exemplo. As indústrias se localizam principalmente na Ilha de Honshu, que também reúne a maior população.

A produção industrial japonesa está organizada com base em dois grupos de empresas: o das grandes e o das pequenas e médias empresas.

Estas últimas fornecem as peças necessárias à fabricação de produtos mais complexos e são visivelmente subordinadas às grandes corporações industriais.

Algumas empresas transnacionais japonesas atuam como verdadeiros conglomerados e em diversos ramos e setores de produção, com grande poder financeiro e político. Por exemplo, a Mitsubishi é um conglomerado com atuação no setor eletrônico, químico, petroquímico, petróleo, de minérios, automobilístico, metalúrgico, bancário, etc.

Ainda segundo dados fornecidos pelo Banco Mundial, o Japão é detentor do terceiro maior PIB mundial (4,9 trilhões de dólares, em 2015), sendo ultrapassado apenas por Estados Unidos e China; e ocupa a quarta posição de exportador e também a sexta de maior importador do mundo, sendo o único país asiático membro do G-8. O Japão mantém uma força de segurança moderna e ampla, utilizada para autodefesa e para funções de manutenção da paz. Possui uma população que, de modo geral, goza um padrão de vida muito alto (20º maior IDH), com a maior expectativa de vida do mundo (de acordo com estimativas da ONU e da OMS) e a terceira menor taxa de mortalidade infantil.



Algumas empresas japonesas são tão poderosas que possuem um faturamento anual superior ao PIB de muitos países do mundo, como Portugal (168 bilhões de dólares), Argentina (152 bilhões de dólares), etc. Na foto, vemos Asimo, androide criado pela Honda, uma das principais empresas de tecnologia do mundo, que, só em 2015, faturou mais de 300 bilhões de dólares.

terceira maior economia do mundo, apesar do relaxamento das restrições contra a covid, subsídios de energia e política monetária ultrafrouxa.

As empresas, sob pressão do governo para aumentar os salários para elevar o consumo das famílias, estão lutando para seguir em frente diante da demanda fraca em um momento crucial de negociações trabalhistas.

O Produto Interno Bruto (PIB) do Japão cresceu 0,1% entre outubro e dezembro em dados atualizados, contra uma estimativa preliminar de expansão de 0,6% e muito abaixo da previsão de economistas de um aumento de 0,8% em pesquisa da Reuters.

No terceiro trimestre, a economia havia encolhido 1,1%, em dado revisado.

A expansão se traduz em uma variação trimestral quase estável de 0,02%, mostraram dados divulgados pelo Escritório do Gabinete, contra uma leitura preliminar e estimativa dos economistas de crescimento de 0,2%.

“Houve uma recuperação menos forte nos serviços (gastos), enquanto o aumento da inflação provavelmente também reduziu o consumo”, disse Wakaba Kobayashi, economista do Instituto de Pesquisa Daiwa.

O consumo privado, que representa mais da metade do PIB do país, cresceu 0,3%, mostraram os dados, contra estimativa inicial de aumento de 0,5%.

Os gastos com serviços como restaurantes e hotéis, bem como bens, foram menos sólidos do que o estimado anteriormente, mostraram os dados.

Os gastos de capital caíram 0,5%, inalterados em relação à estimativa preliminar e em comparação com expectativa do mercado de contração de 0,4%, mesmo com dados do Ministério das Finanças na semana passada mostrando um aumento na capacidade de produção dos fabricantes no quarto trimestre.

Leitura complementar

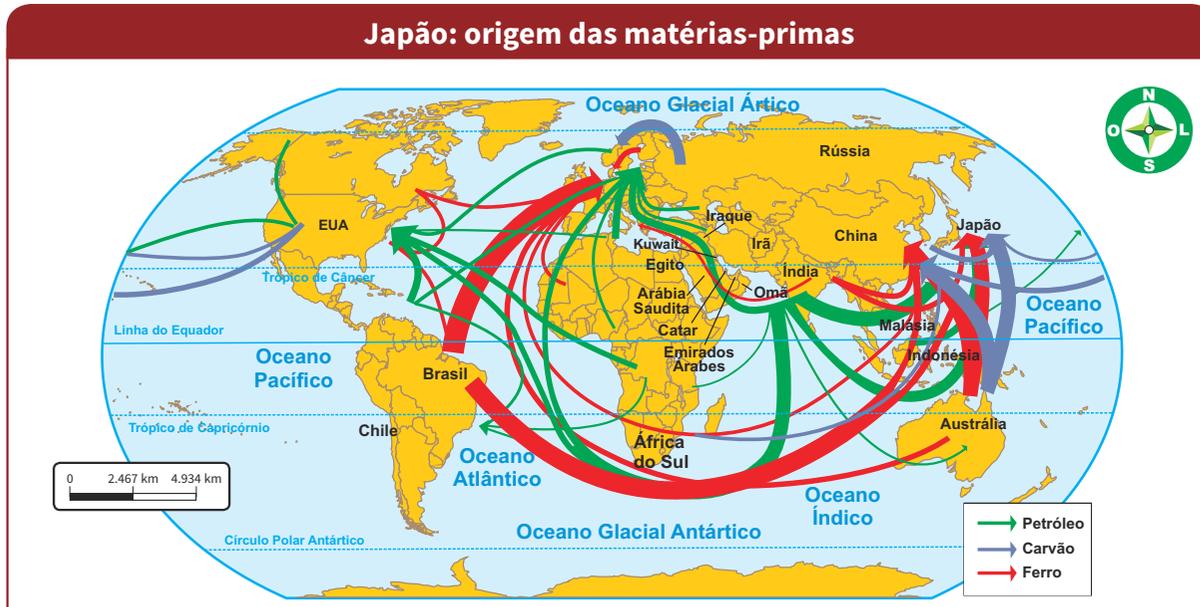
Economia do Japão cresce 0,1% no 4º trimestre e evita recessão por pouco

Inflação recorde e desaceleração do crescimento global em meio a amplo aperto monetário prejudicaram retomada pós-pandemia da terceira maior economia do mundo.

A economia do Japão evitou por pouco uma recessão nos meses finais de 2022 ao registrar leve crescimento diante de um consumo frágil e, depois de encolher no terceiro trimestre, mostraram dados revisados, ressaltando o desafio para as autoridades que tentam ampliar a recuperação.

A inflação alta recorde e a desaceleração do crescimento global em meio ao amplo aperto monetário em muitos países prejudicaram a retomada pós-pandemia da

Japão: origem das matérias-primas



Relações internacionais

Os Estados Unidos constituem o maior parceiro militar do Japão, por meio da aliança defensiva Japão-Estados Unidos. Já o maior parceiro comercial é a China, país a que se destina a maior parte das exportações e importações. Membro das Nações Unidas desde 1956, o Japão pertence também ao G-4 (juntamente com o Brasil, a Índia e a Alemanha) e deseja obter um assento permanente no Conselho de Segurança da ONU. O país possui destaques na política internacional por ser membro do G-8 e de blocos econômicos como a Apec e o Asean+3 e por ser, ainda, participante da Cúpula do Leste da Ásia. No conflito que envolveu várias nações contra o Iraque, o Japão também contribuiu para a invasão desse país, mas retirou logo suas tropas.

Em termos de despesas militares, as do Japão ocupam a posição de quinta maior do mundo. Fatores históricos e a presença de recursos naturais como o petróleo explicam as disputas territoriais entre o Japão e os seguintes países: Rússia, China, Taiwan e Coreia do Sul. Com relação à Rússia, o governo japonês reivindica a soberania sobre as ilhas Etorofu, Kunashiri e Shikotan, conhecidas no Japão como **Territórios do Norte** e na Rússia como **Ilhas Curilas do Sul**, antes ocupadas pela União Soviética e administradas atualmente pela Rússia.



Os representantes do G-4 (Brasil, Alemanha, Índia e Japão) em reunião com o Conselho de Segurança, que é vinculado à ONU e responsável pela paz e segurança internacionais. É o único órgão das Nações Unidas que tem poder decisório, o que, na prática, significa que todos os membros devem aceitar e cumprir as decisões do Conselho.

Com a Coreia do Sul, o motivo da disputa são as Rochas Liancourt (chamadas **Takeshima** ou **Dokdo**), ocupadas desde 1954 pelos coreanos; e as ilhas inabitadas de Senkaku-shoto (Diaoyu Tai), disputadas com China e Taiwan. Como se não fosse o suficiente, o Japão enfrenta graves problemas com a Coreia do Norte por causa de seu programa de armamento nuclear e de testes de mísseis de longo alcance. Outro fator de preocupação é o fortalecimento militar chinês. Apesar de tudo isso, o governo japonês prioriza o desenvolvimento da robótica militar, por considerá-la mais viável para as forças armadas do país.

A Constituição japonesa pós-guerra restringia, no seu Artigo 9, a militarização do Japão, o qual renunciara ao direito de declarar guerra ou fazer uso de força militar como meios para a resolução de disputas internacionais. Porém, o governo japonês realizou mudanças por meio de emenda à Constituição, após um referendo. É importante ressaltar que as Forças Armadas japonesas consistem basicamente de Forças de Autodefesa Terrestre, Marítima e Aérea, controladas pelo Ministério da Defesa. Nesse sentido, um fato marcante aconteceu em 1992, quando o Japão enviou seiscentos soldados ao Camboja, em uma missão de paz promovida pela ONU. Esse envio de tropas ficou marcado por ter sido o primeiro uso das forças armadas japonesas desde a Segunda Guerra Mundial.

Jaxa, sigla em inglês de Japan Aerospace Exploration Agency, é a agência espacial do Japão. Essa agência mantém diversas missões em andamento, com destaque para a missão Selene (sonda lunar sofisticada que, ao ser colocada em órbita, terá a missão de fazer um completo mapeamento geográfico e mineral do satélite natural da Terra) e para o Laboratório Kibo, parte do complexo da Estação Espacial Internacional.



O governo japonês comprometeu-se a reequilibrar a relação entre o Japão e os EUA, que andava meio desgastada, mas voltou a se fortalecer depois do lançamento de mísseis no Mar do Leste pela Coreia do Norte. Na imagem, um caça F-18 na plataforma de um porta-aviões estadunidense.

Crise e estagnação econômica

Uma eficiente combinação de livre mercado com planejamento estatal é a grande responsável pelo sucesso econômico do Japão. Após um processo de reorganização econômica, passado em 2001, o governo japonês entrou em sintonia com os grandes grupos econômicos e

iniciou-se uma aguerrida luta para a conquista de mercados no exterior.

Porém, no início dos anos 1990, a economia japonesa perdeu fôlego. De certa forma, essa crise surge como consequência do sucesso dos anos anteriores. O acúmulo exagerado de riquezas levou os agentes econômicos a uma crescente especulação com ações, provocando uma enorme alta na Bolsa de Valores de Tóquio. Ao mesmo tempo, os bancos japoneses, sem usarem de critério, fizeram grandes empréstimos, principalmente para o ramo imobiliário, gerando grande especulação nesse setor. O preço dos imóveis japoneses subiu exageradamente, atingindo valores impraticáveis.

A queda vertiginosa do preço das ações e dos imóveis fez a crise se prolongar pela economia real, provocando o fechamento de empresas e o aumento do desemprego. Os bancos, por não receberem de seus devedores, deixaram de fazer novos empréstimos. Muitas empresas (industriais e comerciais) e instituições financeiras (bancos, corretoras de valores, etc.) foram à falência, levando o país à estagnação econômica.

Esse quadro foi agravado pelo receio da população em enfrentar a crise. Em face disso, o povo japonês passou a poupar mais, reduzindo os níveis de consumo. Isso dificultou a retomada do crescimento econômico do país, além de aumentar a taxa de poupança interna.



A crise imobiliária no Japão atingiu os países da Ásia, gerando a crise dos Tigres de 1997. Na imagem, rua da cidade de Tóquio, um dos metros quadrados mais caros do mundo.

Surgem os Tigres Asiáticos

No século XX, especialmente nos anos 1980, durante o período da Guerra Fria, o Japão despontou como potência mundial e serviu de modelo para os demais países ao seu redor, passando a investir, juntamente com os EUA, em Taiwan, na Coreia do Sul e em Hong Kong, principalmente. O resultado foi que essas nações, situadas no leste e sudeste da Ásia, tiveram um crescimento econômico acelerado, impulsionado pelo rápido processo de industrialização, e passaram a ser chamadas de **Tigres Asiáticos**.

Essa denominação tem uma interessante razão. Como alguns povos, especialmente os orientais, costumam utilizar figuras de animais para expressarem ou representarem determinadas ideias, a simbologia relacionada à figura do tigre, originário da Ásia, foi usada para indicar a astúcia e a força dos países que, em pouco espaço de tempo, apresentaram intenso e contínuo desenvolvimento econômico e social, ou que se industrializaram com grande rapidez.

Coreia do Sul, Taiwan (Ilha de Formosa), Cingapura e Hong Kong (hoje sob administração da República Popular da China) foram os que mais se industrializaram. Ainda nos anos 1980, Indonésia, Malásia, Tailândia e Filipinas seguiram o mesmo caminho, sendo por essa razão conhecidos como os **Novos Tigres**, ainda que apresentando nível de renda, qualidade de vida e industrialização bem inferiores aos dos primeiros Tigres Asiáticos.



Os Tigres Asiáticos e os Novos Tigres Asiáticos receberam grandes investimentos de capital e tecnologia provenientes do Japão e dos Estados Unidos.

- Ao trabalhar os países pertencentes ao grupo chamado **Tigres Asiáticos**, procure recordar a questão da heterogeneidade do mundo subdesenvolvido, que compreende países com nível de industrialização bastante variado.
- Ressalte que as economias dos Tigres são fundamentalmente voltadas para o mercado externo — apenas a Coreia do Sul tem um grande mercado consumidor. Em razão disso, esses países são chamados de **plataformas de exportação**.
- Saliente também que a mão de obra barata, sobretudo nos Novos Tigres, é um grande atrativo para as empresas transnacionais que fabricam eletroeletrônicos, brinquedos, tênis e roupas.
- Explique ainda que a melhoria das condições de vida nos Tigres Asiáticos pode ser comprovada pela elevação dos padrões de consumo de suas populações, pela queda do analfabetismo e pela elevação da expectativa de vida, entre outros fatores.

Anotações

Com o objetivo de atrair empresas multinacionais, esses países oferecem incentivos fiscais e mão de obra barata, com razoável qualificação, graças ao investimento em educação. Esses fatores tornaram os Tigres Asiáticos fortes concorrentes no mercado mundial. Hoje é comum vermos o Brasil receber muitos produtos fabricados nos países asiáticos, competindo, muitas vezes, com a produção industrial nacional.

Mas o que esses países produzem? O que eles fazem para conquistar mercados? O desenvolvimento econômico verificado nesses países não é resultado somente do crescimento do setor industrial, mas também do setor comercial, sobretudo na área de serviços financeiros (implantação de sedes de bancos internacionais, Bolsas de Valores, etc.) e de empresas de importação e exportação.



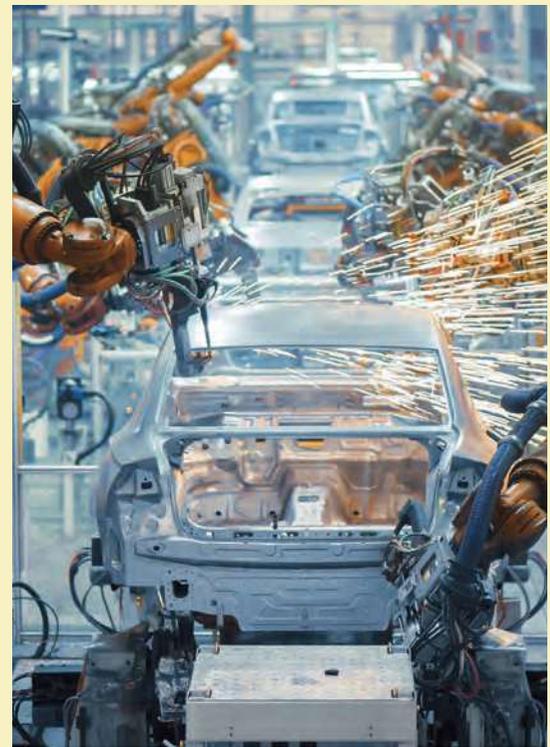
Cingapura, um dos Tigres Asiáticos, é uma micronação moderna e organizada localizada no sul da península da Malásia. Com maioria da população de origem chinesa, sua força se revela nos serviços bancários, no turismo e na indústria de alta tecnologia. Na imagem, arranha-céus do distrito financeiro da cidade-Estado.

Na atividade industrial, o que destaca os Tigres Asiáticos, de maneira geral, são a fabricação e a exportação de bens de consumo duráveis e não duráveis, produzidos por pequenas e médias empresas locais e por multinacionais japonesas, americanas e europeias. Há um predomínio das indústrias de automóveis (Coreia do Sul), de eletrônicos (Coreia do Sul, Taiwan, Cingapura, Hong Kong e Indonésia), de produtos de informática (Malásia, Hong Kong e Cingapura), de brinquedos (Taiwan) e de tecidos (Coreia do Sul e Taiwan), além da indústria alimentícia. Merecem destaque as indústrias empregadoras de tecnologia de ponta.

Os principais fatores que caracterizam os países conhecidos como **Tigres Asiáticos** são:

- Mão de obra barata.
- Elevada jornada de trabalho.
- Nacionalismo.
- Planejamento econômico com controle do Estado.
- Estímulo à poupança interna.
- Legislação tributária simples, com redução de impostos.
- A globalização das grandes corporações.
- Aumento da participação no comércio mundial.
- Melhor distribuição de renda.
- Fortes e frequentes investimentos em educação, infraestrutura e desenvolvimento tecnológico.

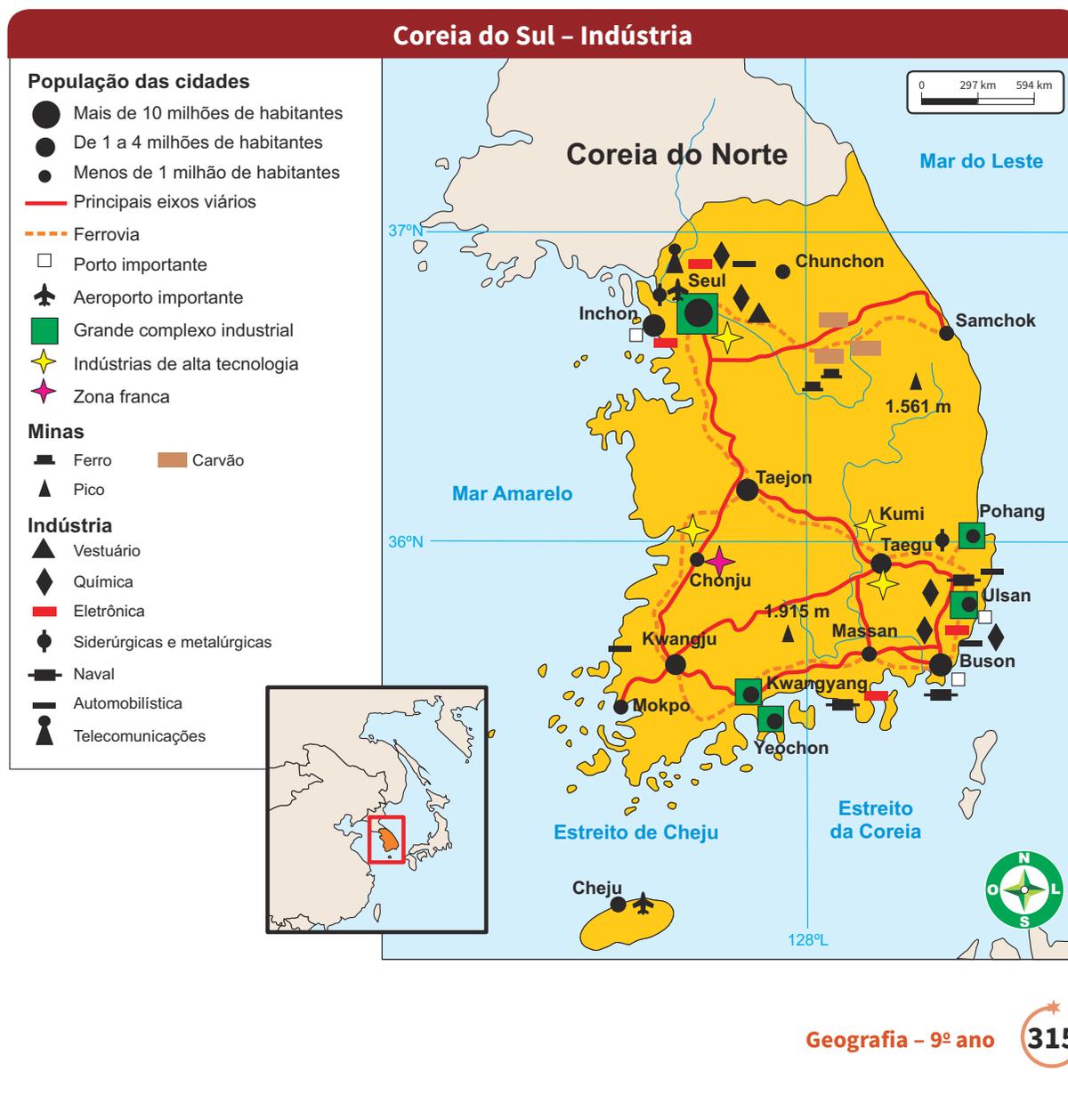
As características descritas fizeram com que a região atraísse investimentos de modo a se tornar **plataforma de exportação** dos países ricos. Esses investimentos acabaram provocando, também, o grande desenvolvimento que hoje essas nações apresentam.



Coreia do Sul

Dos Tigres Asiáticos, a Coreia do Sul é o mais importante e uma das maiores economias do mundo. Coreia do Sul e Japão são os dois países orientais que mais recebem influência do Ocidente. Entretanto, a Coreia do Sul enfrenta um problema político externo. Por ter se separado da Coreia do Norte em 1954, inúmeros coreanos ainda sonham com a reunificação dos dois países. Preocupado com essa possibilidade, o governo sul-coreano tratou de promover um rápido crescimento industrial. Esse processo de modernização recebeu uma grande contribuição quando Seul sediou grandes eventos, como as Olimpíadas de 1988 e a Copa do Mundo de 2002, uma vez que, para a realização de ambos, foram necessários maciços investimentos em sua infraestrutura.

A Coreia do Sul possui as principais multinacionais dessa região, conhecidas como **chaebols**: LG, Samsung, KIA e Hyundai são exemplos da diversificação da economia sul-coreana.



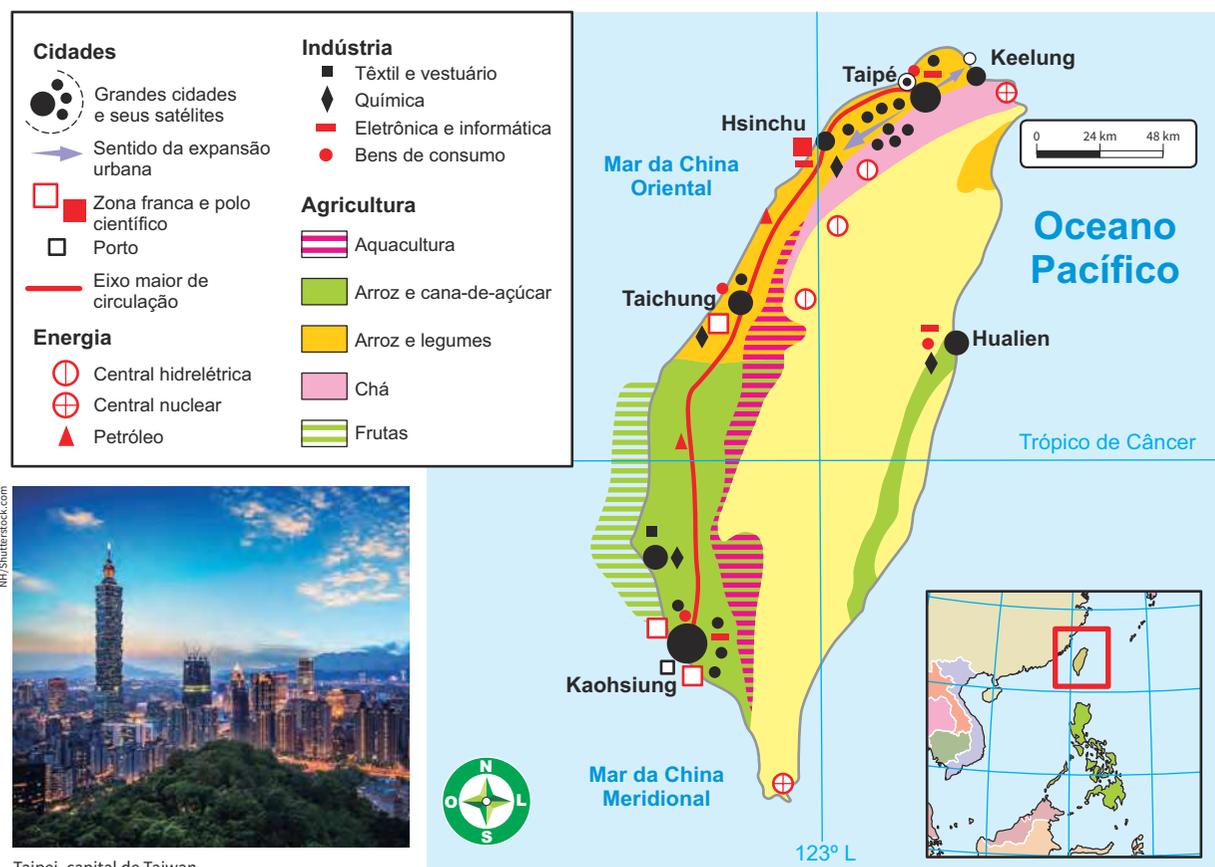
Taiwan

Taiwan também não está isenta de enfrentar uma enorme questão geopolítica: até hoje a China não aceita, ou não reconhece, a independência do país. A Ilha Formosa, que já fez parte da China, proclamou sua autonomia em 1949, sob o nome de República da China Nacionalista.

Por sua vez, a China, nos últimos anos, tem proposto várias vezes que representantes das duas partes se reúnam, visando à reunificação dessa ilha com a nação chinesa. Contudo, o governo de Taiwan sempre recusou essa proposta, alegando incompatibilidade de sua economia

capitalista com o socialismo chinês. No entanto, a China, com a atual política de abertura para o capitalismo, enfraqueceu esse argumento, colocando em dúvida o futuro de Formosa como nação separada do restante da China. Apesar dessa estratégia chinesa, inúmeras pesquisas de opinião pública, realizadas nos últimos anos em Taiwan, mostraram que um contingente maior da população não se considera mais chinesa e não quer de maneira alguma voltar a fazer parte da China.

Em Taiwan se destacam grupos de empresas familiares de pequeno e médio portes, além de empresas nacionais de grande porte. Também abriga multinacionais dos EUA e do Japão.



Taipei, capital de Taiwan.

Hong Kong

Em uma situação bem cômoda, Hong Kong, com uma área de apenas 1.067 quilômetros quadrados e com 7 milhões de habitantes, tem uma posição original na medida em que não é um Estado independente. Hong Kong tem uma

renda *per capita* e uma qualidade de vida em geral muito maior que o restante da China, mostrando ser uma cidade moderna, com uma vida econômica própria e independente de Pequim.

A China, sabiamente, não pretendeu anexar Hong Kong ao seu sistema de governo e à sua economia porque isso poderia provocar a fuga de capital e um retrocesso econômico. Resolveu, então, dar-lhe certa autonomia, principalmente com relação à sua política econômica. O governo chinês tem organizado um Conselho Administrativo nessa área, com a participação de representantes locais e autoridades chinesas, para que, no caso de ocorrer uma mudança administrativa, isso não venha a causar descontentamento na população e muito menos fuga de capital. Afinal, grande parte da economia de Hong Kong é dependente da confiança dos investidores internacionais.



O volume de exportações em Hong Kong atingiu 390 bilhões de dólares em 2010.



Durante as negociações com o Reino Unido para a devolução de Hong Kong (imagem), a China se comprometeu a não interferir nessa cidade durante pelo menos 50 anos, ou seja, até 2047.

Hong Kong tornou-se um centro financeiro mundial, um dos principais portos do mundo em movimentação. A cidade ainda abriga mais de duas mil multinacionais e tem destaque, além do setor financeiro, nos de eletroeletrônicos, vestuário e plásticos.

Novos Tigres

Cingapura possui um dos portos mais movimentados e modernos do mundo, e quase a totalidade de sua população é urbana. O destaque da economia fica por conta do setor petrolífero, eletrônico e financeiro.

Com o rápido crescimento econômico dos Tigres, a economia dos países vizinhos foi impulsionada e, assim, surgiram os **Novos Tigres Asiáticos**, que correspondem a Tailândia, Malásia e Indonésia. As Filipinas e o Vietnã são considerados os **Novíssimos Tigres Asiáticos**.

Novamente, o elevado grau de crescimento econômico apresentado por essas nações se deve à abundante quantidade de mão de obra barata e qualificada disponível no mercado, leis trabalhistas frágeis e pouco atuantes e incentivos tributários, o que tornou a produção mais barata e, conseqüentemente, mais competitiva no cenário internacional.

Dentre os Novos Tigres, a Indonésia, além de potência regional, é considerada uma economia emergente do Sudeste Asiático. É o país mais extenso na área, embora em terras descontínuas, e um dos mais populosos do mundo, com aproximadamente 261 milhões de habitantes (dados de 2016).



O território da Indonésia é formado por um grande arquipélago, com mais de 16 mil ilhas, sendo as principais Java, Sumatra, Bornéu e o oeste da Nova Guiné. Apesar da diversidade étnica, a maioria da população é muçulmana e está fortemente concentrada na Ilha de Java, onde se localiza Jacarta, a capital, e outras duas maiores aglomerações urbanas e industriais: Surabaya e Bandung.

O país, mesmo distante do Oriente Médio ou do norte da África, áreas tradicionalmente petrolíferas, integra a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep) e tem sua economia dependente das exportações de petróleo.

A Indonésia enfrenta diversos conflitos étnicos e separatistas em algumas ilhas do arquipélago. Conflitos religiosos envolvendo muçulmanos e cristãos das Ilhas Molucas, além das minorias das ilhas do norte de Sumatra, Papua e oeste de Nova Guiné, que reivindicam maior autonomia e têm pressionado o governo central.

O turismo é uma importante atividade que tem se desenvolvido entre os indonésios, particularmente em Bali, pequena ilha a leste de Java, reduto de uma minoria hinduísta tida como extremamente exótica aos olhos dos ocidentais.



Em dezembro de 2004, a Indonésia foi o país que mais sofreu as consequências do tsunami na região do Pacífico.

Tigres e suas condições de vida

No campo econômico, os Tigres Asiáticos se diferenciam das demais economias emergentes porque, entre outros fatores, o desenvolvimento econômico realizado por esses países e por Hong Kong foi acompanhado pelo desenvolvimento social.

Cingapura, Coreia do Sul, Taiwan e Hong Kong apresentam altas rendas *per capita*, uma distribuição social de renda não muito concentrada, elevada expectativa de vida, baixos índices de analfabetismo e de mortalidade infantil, em condições semelhantes às das “economias do Norte”. Quanto a isso, porém, estão em uma situação limítrofe, já que não possuem instituições democráticas que lhes deem a estabilidade e o padrão de vida elevado que caracterizam os países desenvolvidos.

A abundante força de trabalho e os índices de alfabetização existentes nos anos de 1970 se tornaram muito importantes para o rápido crescimento industrial dos Tigres, cujas economias estão voltadas basicamente para o abastecimento das nações mais desenvolvidas do mundo.

A jornada de trabalho nesses países é intensa, muito maior que nos países capitalistas desenvolvidos. Além disso, sua população vivia, até pouco tempo, sob um regime político autoritário, sem eleições democráticas, e submetida a sérias restrições ao direito de greve.



A média semanal de trabalho nos Tigres Asiáticos varia de 48 a 53 horas. O descanso ocorre aos domingos, e as férias são tiradas uma vez por ano, com uma duração de apenas 14 dias.

Salário pago aos trabalhadores industriais dos Tigres Asiáticos (salário médio em dólares por hora)				
País	1975	1985	1995	2005
Coreia do Sul	0,29	1,11	6,13	10,62
Cingapura	0,714	1,84	5,95	8,59
Taiwan	0,35	1,39	5,31	5,81
Hong Kong	0,73	1,66	4,56	5,17

Salário pago aos trabalhadores industriais dos países selecionados (salário médio em dólares por hora)				
País	1975	1985	1995	2005
Estados Unidos	5,16	10,24	13,56	18,32
Japão	2,67	5,49	20,02	18,08
Brasil	*	*	3,80	2,78
México	1,33	1,42	1,50	2,35

ARBEX JÚNIOR, José. *Revolução em três tempos: URSS, Alemanha, China*. São Paulo: Moderna, 1993.

BENKO, Georges. *Economia, espaço e globalização*. São Paulo: Hucitec, 1996.

CHESNEAUX, Jean. *A Ásia Oriental nos séculos XIX e XX*. São Paulo: Pioneira, 1976.

HIRATA, Helena (org.). *Sobre o “modelo” japonês*. São Paulo: Edusp, 1993.

HOBSBAWM, Eric J. *A era do capital*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

HOBSBAWM, Eric J. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914–1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LIMA SOBRINHO, Barbosa. *Japão: o capital se faz em casa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

LIMA, Oliveira. *No Japão: impressões da terra e da gente*. São Paulo: Topbooks, 1997.

PASSINI, Elza Yasuko. *Japão: que país é este?* Belo Horizonte: Lê, 1998.

PERALVA, Osvaldo. *Um retrato do Japão*. São Paulo: Moderna, 1993.

SPENCE, Jonathan. *Em busca da China moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

VICENTINO, Cláudio. *Rússia, antes e depois da URSS*. São Paulo: Scipione, 1995.

Anotações

Apesar de viverem sob restrições, a qualidade de vida da população nesses países — mesmo da classe trabalhadora — é, sem dúvida, melhor que nos países do Sul. Quase toda a população possui casa própria, e o número de televisores e de outros eletrodomésticos por família é bem maior que na América Latina, na África e no restante da Ásia (com exceção do Japão). Possuem assistência médica gratuita, e as taxas de analfabetismo são baixas (2% em Formosa e na Coreia do Sul, 4% em Cingapura e 5% em Hong Kong).

Se comparada com a dos países do Norte, a média salarial é baixa, porém é maior que a dos países do Sul. O salário médio praticado nas indústrias dos Tigres é de U\$ 800 por mês, com uma variação do salário mínimo de U\$ 280 até U\$ 500. Lembremos que, no início de 2014, o salário industrial médio no Brasil era de U\$ 280, e o mínimo era de cerca de U\$ 185.



Os governos dos Tigres realizaram grandes investimentos em educação, reduzindo bastante o analfabetismo, além de investirem em universidades e centros de pesquisa para o desenvolvimento industrial. Isso promoveu a criação de tecnologia de ponta, como a indústria da informática.

Essa comparação serve para mostrar que também existe, nesses países, um modelo de desenvolvimento industrial baseado na exploração do trabalhador e nas exportações, daí a justificativa de serem chamados de **plataformas de exportação**. Contrariamente ao que ocorre no Brasil e em países da África do Sul, essa política salarial não resulta em uma expressiva concentração social da renda; pelo contrário, geralmente os salários subiram mais que a inflação durante mais de quinze anos seguidos, aumentando o poder aquisitivo da maioria da população com a consequente expansão do seu mercado interno.

Sudeste Asiático: problemas e perspectivas de uma região

O Sudeste Asiático é uma região fortemente marcada por sérios problemas socioeconômicos e pela desestabilização causada por guerras, como a do Vietnã e do Camboja.

No entanto, o século XXI desponta promissor, trazendo uma melhor perspectiva para os países dessa região, devido ao favorecimento de um desenvolvimento econômico em termos mundiais das áreas que compõem o Pacífico.

O Sudeste Asiático, também chamado de **Indochina**, é dividido em duas partes: parte continental e parte insular. Encontramos, na parte continental, os países Myanmar, Laos, Vietnã, Tailândia, Camboja, Malásia e Cingapura. Já na parte insular, região conhecida como **Insulândia**, estão os seguintes países: Indonésia, Brunei, Filipinas e Timor-Leste.

O mar se torna, portanto, muito importante para a região, pois, além da pesca e da navegação, os oceanos Índico e Pacífico exercem uma grande influência sobre o clima.



Uma característica marcante do Sudeste Asiático é a produção agrícola em áreas de terreno acidentado. Nelas são aproveitadas as curvas de níveis, onde são formados pequenos batentes: agricultura de terraceamento. Na imagem, plantação de arroz.



O rio de maior destaque na parte continental é o Mekong, com nascente no Himalaia, chegando a drenar parte da China, Mianmar, Laos, Camboja, Tailândia e Vietnã. Trata-se de uma importante via de transporte, além de ser utilizado na irrigação de campos de arroz. Não é à toa que é conhecido como **Potente Mekong**.

O Sudeste Asiático sofre influência dos ventos monçônicos, que, como você já estudou anteriormente, são constantes, soprando em sentidos contrários (terra-mar e mar-terra) durante todo o ano.

O clima apresenta duas estações bem definidas, em boa parte da região, com chuvas no verão e estiagem no inverno.

O Pacífico banha as costas do Japão, da China Oriental e da China Meridional e é a mais importante via de

acesso dessas nações, em virtude de os caminhos continentais serem cheios de obstáculos naturais, com desertos a oeste, terras frias e congeladas ao norte e elevadas cadeias de montanhas ao sul.

Com um grande contingente rural, o Sudeste Asiático reúne atualmente 536 milhões de habitantes. Esse enorme contingente trabalha em atividades primárias, sobretudo agrícolas. A rizicultura (cultivo de arroz) recebe destaque em virtude de sua importância como alimento básico da maior parte da população desse continente.

O continente asiático conta com uma predominante população jovem, com alta taxa de analfabetismo, elevados índices de mortalidade infantil, baixa qualidade de vida e conseqüente baixa expectativa de vida.

Por ser o maior território do continente, em comparação aos demais, a Indonésia se destaca também por um elevado número de grupos étnicos (aproximadamente 200 povos diferentes) e ainda por possuir uma população absoluta numerosa, cerca de 220 milhões de habitantes (número maior que o da população do Brasil). A Indonésia é o país com o maior número de adeptos do islamismo no mundo.

Conflitos e nacionalismos no Sudeste Asiático

O Sudeste Asiático é conhecido normalmente por notícias que retratam acontecimentos tristes, como enchentes, miséria, guerras civis, prostituição de crianças, corrupção nos governos, etc.

A pobreza, predominante em grande parte dessa região, é resultado da existência de inúmeras guerras, envolvendo os países desse continente. Por exemplo, o Vietnã esteve envolvido em uma guerra contra os Estados Unidos durante 15 anos, de 1960 a 1975, com uma estimativa de aproximadamente um milhão de mortos vietnamitas e 50 mil americanos. Apesar de o Vietnã ter regredido economicamente a um nível anterior ao da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos saíram moralmente dilacerados, amargando a primeira derrota militar da sua história, além disso com um gasto de 200 bilhões de dólares. Essa guerra tinha como objetivo a libertação do Vietnã do socialismo pelos Estados Unidos.

Ho Chi Minh tornou-se um grande líder vietnamita na luta anticolonialista e na defesa contra a invasão norte-americana. Seus compatriotas o homenagearam após sua morte, dando à cidade de Saigon, antiga capital vietnamita, o seu nome. Atualmente é o mais populoso centro urbano do país, com quase 4 milhões de habitantes em sua área metropolitana. A população do Vietnã é, em sua maioria, budista.

Mesmo com o fim do socialismo no Leste Europeu, o Vietnã ainda se mantém socialista, apesar de atualmente estar se abrindo em direção a uma economia de mercado, com grande estímulo para o consumo e realizando cortes nos gastos públicos.

Possui uma mão de obra barata e disciplinada, o que constitui um significativo fator de atração para o capital estrangeiro em alguns setores econômicos vietnamitas.

Nos anos 1970, foi a vez de o Camboja ser assolado por uma guerra civil, na qual o Kmer Vermelho, liderado por Pol Pot, com o objetivo de impor a ideologia comunista, dizimou 20% da população do país. Esse regime foi derrotado em 1979 por tropas vietnamitas.



Outro grave problema enfrentado é a corrupção política. Segundo a *Transparency International*, ao todo dez ex-presidentes desviaram dinheiro público de seus países para aumentar contas pessoais. Os dois primeiros do ranking são do Sudeste Asiático: Mohamed Suharto (fortuna de 15 a 35 bilhões de dólares), ex-ditador da Indonésia, e Ferdinand Marcos (fortuna de 5 a 10 bilhões de dólares), ex-ditador das Filipinas.

Há no Sudeste Asiático um país que fala a língua portuguesa: o Timor-Leste, um dos mais novos países do mundo. Esse país foi colônia de Portugal até 1975. Com a independência, foi anexado de forma violenta pela Indonésia. A intransigência da Indonésia foi tanta que chegou a ponto de proibir a população da ilha de falar o português, além de perseguir, torturar e prender aqueles que defendiam a independência da ilha. A ONU, não conformada com essa situação, organizou um plebiscito em que os timorenses teriam a oportunidade de escolher se queriam tornar-se um povo soberano ou continuar atrelado à Indonésia. Esse plebiscito foi aceito pelo governo indonésio. Mas, em 1999, após um referendo para sua emancipação, esse país foi parcialmente destruído pelo Exército indonésio e por simpatizantes, que não queriam sua independência.

Um quarto da população timorense foi massacrado e assassinado durante a ocupação indonésia nas mãos de milícias que espalharam o terror entre a população.

Diante disso, a ONU organizou forças de paz e teve papel importante na expulsão das tropas indonésias e na manutenção e reconstrução do país. A Austrália e o Brasil tiveram uma importante participação.



Em 2004, militares brasileiros foram enviados a Timor-Leste para integrar a força de paz da ONU.

A agricultura tem ocupado 90% da população ativa do Timor-Leste, com destaque para a produção e a exportação de café. De 2004 em diante, teve início a exploração de petróleo e gás natural no país.



Exercitando o que aprendemos

1] Descreva como é a distribuição da população pelo território japonês.

Sugestão de resposta: A distribuição da população japonesa é irregular, pois a maior parte do território do país não pode ser ocupada, uma vez que é coberta por um relevo montanhoso e florestas. Assim, a população está concentrada nos planaltos, nas planícies e nas áreas urbanas. Devido à escassez territorial, há também áreas ocupadas em terrenos conquistados ao mar.

2] Comente as implicações de o território japonês estar localizado no denominado **Círculo de Fogo do Pacífico**.

Sugestão de resposta: Em decorrência da localização do Japão na área do Círculo de Fogo, ocorrem muitos terremotos e erupções vulcânicas no país. Por conta disso, o governo japonês tem investido em tecnologias que reduzem os impactos dos abalos sísmicos, construindo edifícios que suportem melhor a ocorrência desses fenômenos.

3| O Japão precisa importar vários recursos minerais de que suas indústrias necessitam. Mesmo assim, esse país possui um dos maiores parques industriais do mundo. Explique por que isso acontece.

Sugestão de resposta: Depois da Segunda Guerra, o Japão investiu maciçamente em educação, ciência, tecnologia e infraestrutura, dando condições para o desenvolvimento industrial. Além disso, as indústrias japonesas possuem produtos altamente competitivos no mercado internacional, em decorrência da implantação da Política da Qualidade Total, do emprego em tecnologia de ponta e de automação em seus processos industriais.

4| Qual país do Sudeste Asiático é um importante produtor de petróleo e, por isso, integra a Opep?

Sugestão de resposta: A Indonésia, mesmo distante do norte da África e do Oriente Médio, é um dos 11 países integrantes da Opep.

5| Explique as possíveis razões que levaram a Indonésia a forçar a anexação do Timor-Leste ao seu território.

Sugestão de resposta: Além dos interesses econômicos, pelo fato de o Timor-Leste possuir jazidas de petróleo e gás natural em seu território, a Indonésia também tinha a intenção de, por meio do terror, desestimular as outras ilhas do arquipélago indonésio a tentar sua independência.

6| Explique como a adoção de valores japoneses contribuiu para o êxito econômico dos Tigres Asiáticos.

Sugestão de resposta: Valores japoneses como a cultura organizacional, a disciplina, o planejamento e o controle foram determinantes para o aprimoramento da indústria nesses países, o que facilitou uma aplicação completa ao modelo de plataformas de exportação.

7| Caracterize a economia japonesa.

Sugestão de resposta: Após a Segunda Guerra Mundial, a economia japonesa se desenvolveu muito rapidamente, com investimentos maciços na área industrial tecnológica e automobilística. Esse crescimento econômico/industrial foi acompanhado de recursos destinados às políticas sociais. A qualidade de vida da população e a cultura de empenho e disciplina nas ações ajudaram a firmar a industrialização no Japão. Atualmente, apesar da crise econômica que atinge todo o mundo, esse país é exportador de tecnologia e mão de obra qualificada, o que o coloca como a terceira maior economia do mundo.



Preparando-se para o vestibular/ Enem

1| Analise este mapa, em que está indicado o trajeto de um viajante que, de avião, partiu de Jacarta, na Indonésia, com destino a Moscou:



Com base em suas observações e conhecimentos geográficos, esse viajante fez várias anotações, em uma agenda, sobre as regiões sobrevoadas durante sua viagem.

Assinale a alternativa em que as anotações do viajante contêm informações geográficas **incorretas**.

- a. Levantei voo em Jacarta, cidade de um país que é um imenso arquipélago, de clima quente e úmido, revestido, outrora, de florestas e cuja população é predominantemente islâmica.
- b. Observei uma grande planície entre o Oceano Índico e uma grande cadeia de montanhas, que imagino se tratar do delta do Rio Ganges, com seus formigueiros humanos flagelados por enchentes frequentes.
- c. Suponho que esse sistema de cordilheiras e planaltos elevados, que acabei de cruzar, é o Himalaia, um

dos mais imponentes conjuntos montanhosos do mundo, onde vivem populações de tradição budista — caso dos tibetanos.

d. Julgo já estar próximo de Moscou, pois vejo extensos planaltos elevados, de clima temperado úmido, cobertos de florestas no passado, e com muitos lagos — inclusive o Aral, grande celeiro de cereais.

2| (FGV) Os países conhecidos como **Tigres Asiáticos**, que se destacam por uma grande pujança econômica, caracterizam-se, basicamente, por:

- a. exibirem elevados índices de produção de petróleo e aço.
- b. serem altamente industrializados, porém muito dependentes de matérias-primas.
- c. apresentarem economia baseada no setor primário com emprego de numerosa mão de obra.
- d. apresentarem elevada produção industrial destinada essencialmente ao mercado interno.

3| (UEMS–Adaptada) Os chamados **Tigres Asiáticos** (Hong Kong, Taiwan, Coreia do Sul e Cingapura) são países que tiveram grandes taxas de crescimento econômico nas últimas décadas.

Identifique e explique a política industrial adotadas por eles.

Sua política industrial está ligada às plataformas de exportação, as quais constituem zonas de produção voltadas para o mercado externo, gerando inúmeros tipos de produto. Esse modelo de plataformas só foi possível pela grande quantidade de mão de obra disponível e pelos incentivos fiscais oferecidos pelos países.

4| A Ásia Oriental agrupa os seguintes países: China, Japão, Coreia do Sul, Coreia do Norte, Taiwan, Hong Kong, Macau, Cingapura e Mongólia. Sobre esses países, assinale o que for **correto**.

- a. A Ilha de Taiwan, após muitos anos de guerra e de já ter pertencido ao Japão, hoje faz parte da China, como uma das principais províncias do país.
- b. A península de Macau é um país que conquistou sua independência da China há poucos anos.
- c. A divisão entre Coreia do Sul e Coreia do Norte é puramente regional, uma vez que ambas as localidades compõem o território de um único país.
- d. Hong Kong está atualmente incorporada à China e encontra-se na condição de região administrativa do governo chinês.
- e. O grupo dos Tigres Asiáticos é formado, atualmente, por China, Japão, Taiwan e Hong Kong.

5| (PUC) A indústria japonesa desenvolveu-se aceleradamente após a Segunda Guerra Mundial. Entre outros motivos, esse fato deveu-se:

- a. aos grandes investimentos de capitais norte-americanos em grupos industrializados japoneses.
- b. à presença, no país, de grandes reservas de carvão, petróleo e minério de ferro.
- c. à existência de grande mercado comprador representado pela China e pela Coreia do Sul.
- d. à localização privilegiada do país em relação aos mercados americanos e europeus.
- e. à existência, no país, de enormes reservas de ouro que permitiram elevadas exportações de capitais.

6| (UEL) “Pobre em matérias-primas e em fontes de energia, mas contando com numerosa mão de obra, este país tornou-se um dos mais industrializados do Globo após a Segunda Guerra Mundial.”

O texto refere-se:

- a. à Espanha.
- b. à Alemanha.
- c. ao Japão.
- d. ao Canadá.
- e. à Inglaterra.

7| (Ceperj) Foram denominados **Tigres Asiáticos** os países que passaram por um rápido processo de industrialização a partir da década de 1970. Com elevados índices de crescimento econômico, esses países estão entre os que mais têm incorporado novas tecnologias ao processo produtivo. Entre as medidas implantadas para estimular a industrialização, merece destaque:

- a. a diminuição de investimentos em setores como saúde e educação.
- b. o abandono de medidas protecionistas contra concorrentes estrangeiros.
- c. a manutenção de uma política de desvalorização cambial.
- d. o aumento do consumo interno por meio da diminuição de impostos.
- e. o incentivo às importações de bens de consumo não duráveis.

8| (UFPB–Adaptada) A rápida expansão econômico-industrial de Cingapura, Coreia do Sul, Hong Kong e Taiwan valeu a esses países o título de **Tigres Asiáticos**. O início da transformação radical dessas economias ocorreu a partir da instalação de filiais de indústrias norte-americanas e, principalmente, japonesas, que tiveram vantagens na nova localização. Entende-se, portanto, que a indústria é um fator determinante na organização do espaço geográfico.

Nesse sentido, marque (V) para verdadeiro e (F) para falso nas proposições relativas à localização de indústrias na região:

- a. (V) A adoção de valores japoneses, como a obediência, a disciplina, o trabalho e a cultura, possibilitou maior dedicação dos trabalhadores às suas atividades.
- b. (V) A mão de obra barata, abundante, qualificada e disciplinada, se comparada com a europeia e a norte-americana, tornou a produção mais barata e competitiva no mercado internacional.
- c. (F) Os investimentos em educação, regulados pelo Estado e financiados pelas empresas, são baixos em decorrência dos altos índices de analfabetismo.
- d. (F) Os governos democráticos desses países investiram maciçamente na indústria de base e na construção de infraestrutura necessária à circulação de mercadorias.
- e. (V) O Estado se encarregou de promover e garantir as condições para a instalação de indústrias, subsidiando as exportações, o que dificultou a concorrência de produtos estrangeiros.

9| (Cesgranrio) O Japão é o país capitalista que, nas últimas décadas, apresentou os maiores índices de crescimento econômico. A seu respeito, considere as afirmativas a seguir:

- I. Dentre os fatores que explicam o crescimento industrial japonês no pós-guerra, destacam-se os pequenos gastos militares e os baixos salários pagos aos trabalhadores, em comparação aos dos outros países desenvolvidos.
- II. O Japão utiliza seus amplos recursos hidráulicos por meio de inúmeras pequenas e médias hidrelétricas, montadas sobre o curso encachoeirado de centenas de pequenos rios.
- III. A maior parte da produção econômica é controlada por grupos, chamados Zaibatsu, que monopolizam a economia do país, altamente concentrada.
- IV. A sua produção agrícola é elevada, de técnica apurada, permitindo o abastecimento alimentar integral de toda a população, sem necessidade de recorrer às importações.

Estão **corretas** apenas as afirmativas:

- a. I e III.
- b. II e IV.
- c. I, II e III.
- d. I, III e IV.
- e. II, III e IV.

10| (Vunesp) Em 2011, um abalo sísmico de 8,9 graus na escala Richter formou um *tsunami* que causou enorme destruição em algumas cidades da costa nordeste do Japão, provocando, ainda, o vazamento de radiação na Usina Nuclear de Fukushima. Apesar de esse sismo ter ocasionado grande destruição, o Japão é um país preparado para o enfrentamento de terremotos, pois esse é um fenômeno comum naquela região. Isso acontece porque:

- a. existem muitos vulcões ativos no arquipélago japonês, cujas erupções provocam grandes tremores de terra.
- b. o deslocamento do eixo terrestre, provocado pelo *tsunami* de 2004, com epicentro na Indonésia, tornou comum a ocorrência de grandes terremotos nos países asiáticos.
- c. o excesso de intervenções humanas, principalmente a extração de minérios, água potável e petróleo, fez aumentar consideravelmente o número de sismos naquela região.
- d. o Japão localiza-se em uma região em que o campo eletromagnético da Terra sofre muitas perturbações devido a interferências dos ventos solares.
- e. o país está localizado sobre uma importante falha geológica, onde três grandes placas tectônicas se encontram.

11 | Esse espaço particular condicionou a formação de um determinado tipo de povoamento. O isolamento contribuiu para a formação de um povo singular, portador de uma língua singular [...]. A insularidade contribuiu para que as ilhas sofressem mudanças mais rápidas e profundas do que aquelas observadas nos países continentais, cuja evolução foi mais lenta [...].

Pitte, J.R. *Geografia*. São Paulo: FTD, 1998, p. 52. Adaptado.

Assinale a alternativa que indica o país descrito:

- a. Austrália. c. Japão. e. Coreia do Norte.
b. China. d. Grécia.

12 | (UEL) Com base nos conhecimentos acerca dos países denominados **Tigres Asiáticos**, considere as afirmativas a seguir.

- I. A denominação **Tigres Asiáticos** se refere ao modo agressivo com que esses países protegeram suas economias dos investimentos estrangeiros.
II. Os Tigres Asiáticos fecharam as relações econômicas exteriores e optaram por nacionalizar os meios de produção de bens e serviços.
III. O modelo econômico adotado pelos Tigres Asiáticos é essencialmente exportador, com uma política de baixos impostos e investimentos em tecnologia e educação.
IV. Hong Kong, Cingapura, Coreia do Sul e Taiwan têm em comum o acelerado desenvolvimento econômico, industrial e tecnológico apresentado a partir de 1970.

Assinale a alternativa **correta**.

- a. Somente as afirmativas I e II são corretas.
b. Somente as afirmativas I e III são corretas.
c. Somente as afirmativas III e IV são corretas.
d. Somente as afirmativas I, II e IV são corretas.
e. Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

13 | Até cerca de vinte anos atrás, o Japão dominava, de forma soberana, a geografia industrial do sudeste da Ásia. Todavia, nas duas últimas décadas, surgiram competidores, em escala ainda reduzida, à sua hegemonia econômica: Coreia do Sul, Formosa (Taiwan), Hong Kong e Cingapura. Esses Estados possuem vantagens de cunho geográfico que os auxiliaram a se colocar em posições econômicas privilegiadas. Julgue os itens a seguir, relativos a esses Estados, colocando **V** ou **F**.

- a. (**V**) A Coreia do Sul, situada em uma península que faceia o Japão e que é possuidora de grandes centros industriais (fabricando desde automóveis a pianos, computadores e calculadoras), e a Coreia do Norte (produtora de equipamentos pesados) teriam, juntas, melhores condições de competir com o Japão, graças à diversificação da produção e à facilidade de escoamento desta para o mercado internacional.
b. (**F**) Formosa, um gigante industrial localizado em uma ilha, produz bens que necessitam de importações maciças de matéria-prima de origem chinesa e que são distribuídos ao mercado internacional por intermédio da frota mercante da China.
c. (**V**) Hong Kong, colônia britânica localizada em território chinês, valeu-se de seu superpovoamento para criar indústrias com base em mão de obra facilmente disponível e barata e de sua localização costeira para efetuar a distribuição dos bens produzidos.

(EF09GE09) Analisar características de países e grupos de países europeus, asiáticos e da Oceania em seus aspectos populacionais, urbanos, políticos e econômicos, e discutir suas desigualdades sociais e econômicas e pressões sobre seus ambientes físico-naturais.

(EF09GE10) Analisar os impactos do processo de industrialização na produção e circulação de produtos e culturas na Europa, na Ásia e na Oceania.

(EF09GE11) Relacionar as mudanças técnicas e científicas decorrentes do processo de industrialização com as transformações no trabalho em diferentes regiões do mundo e suas consequências no Brasil.

(EF09GE12) Relacionar o processo de urbanização às transformações da produção agropecuária, à expansão do desemprego estrutural e ao papel crescente do capital financeiro em diferentes países, com destaque para o Brasil.

(EF09GE13) Analisar a importância da produção agropecuária na sociedade urbano-industrial ante o problema da desigualdade mundial de acesso aos recursos alimentares e à matéria-prima.

(EF09GE16) Identificar e comparar diferentes domínios morfoclimáticos da Europa, da Ásia e da Oceania.

(EF09GE17) Explicar as características físico-naturais e a forma de ocupação e usos da terra em diferentes regiões da Europa, da Ásia e da Oceania.

Considerações sobre o capítulo

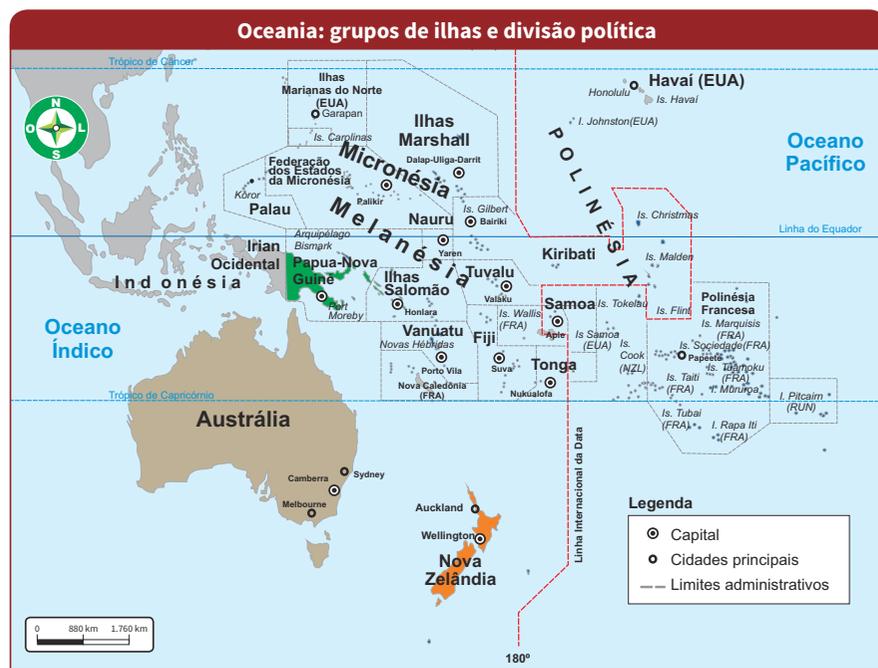
Neste capítulo, estudaremos um dos continentes mais isolados do mundo — a Oceania, que reúne uma multiplicidade de

Capítulo 16 Oceania

A distância e as complicações climáticas fizeram com que um dos continentes mais isolados do mundo, a Oceania — nome dado ao conjunto composto por Austrália, Nova Zelândia e milhares de ilhas situadas no Oceano Pacífico —, fosse um dos últimos a serem colonizados pelos europeus.

Com a posterior chegada dos colonizadores, essas regiões, antes ocupadas por nativos, tiveram grande parte do povo dizimado, enquanto os sobreviventes reivindi-

cam, até hoje, seus direitos. Neste capítulo, estudaremos as características físicas desse continente, como foi dominado e como tem sido sua exploração. Veremos que a Oceania tem se tornado palco de testes nucleares da França e dos EUA e trataremos dos problemas ambientais que a cercam: a existência de toneladas de resíduos tóxicos nos seus mares e os prejuízos causados pelo aquecimento global, que extermina corais e recifes da região, fundamentais para a manutenção do oxigênio na Terra.



Conceitos principais

Oceania; arquipélagos; ilhas; Austrália e Nova Zelândia: aspectos físicos, econômicos e populacionais; carência de água na Austrália; ocupação e colonização da Austrália e da Nova Zelândia; geopolítica da Oceania.

Conceitos complementares

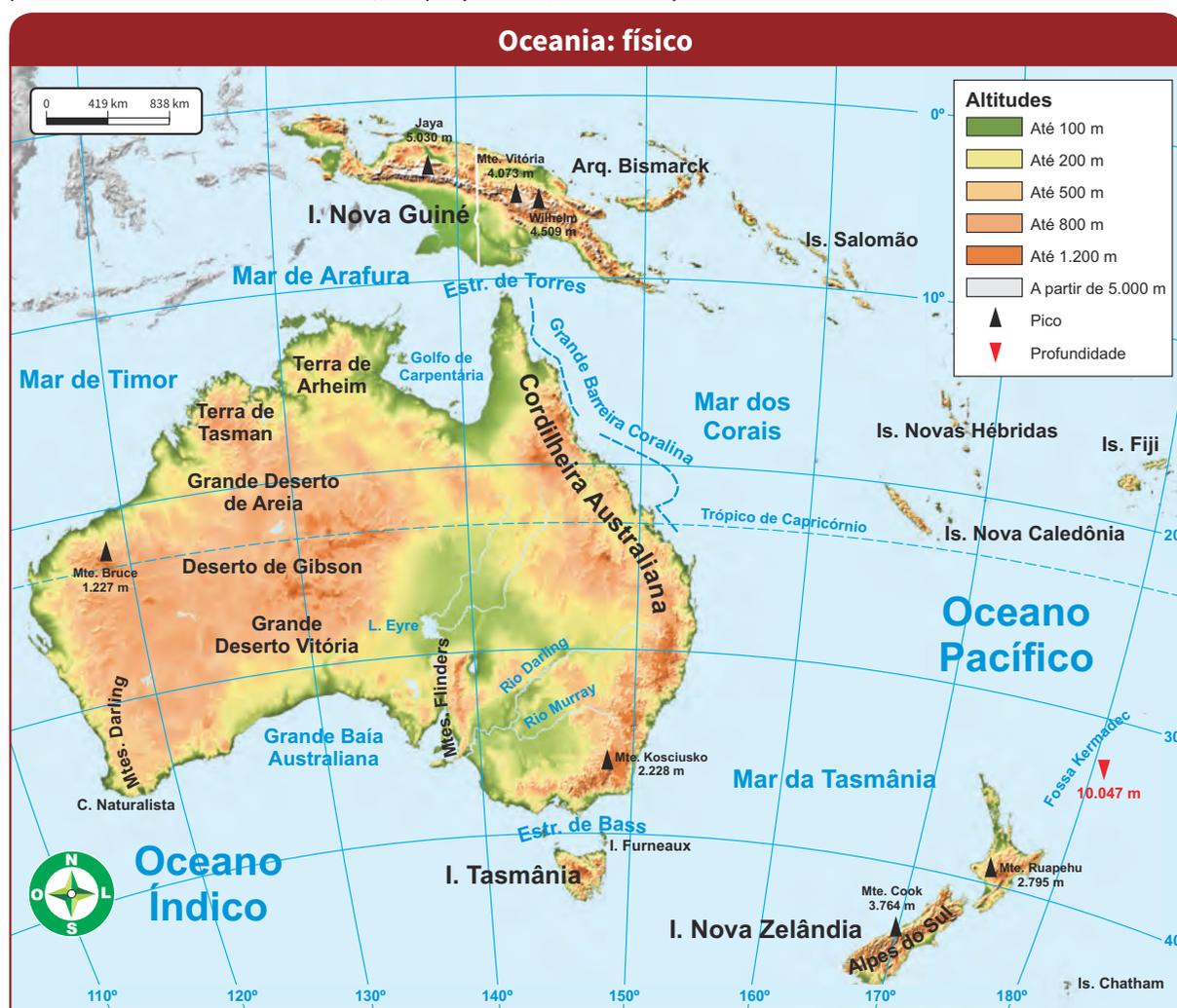
Melanésia, Micronésia e Polinésia; sucessivas e alternantes dominações; visões estratégicas; altas temperaturas; colônia penal; aborígene; Maori; índice pluviométrico.

Austrália

País (ou “continente-ilha”) do Hemisfério Sul, a Austrália localiza-se na Oceania e compreende o chamado **continente australiano** (menor área continental do mundo), a Ilha da Tasmânia e outras ilhas adjacentes nos oceanos Índico e Pacífico. Constitui-se, no seu trecho ocidental, de planícies. No setor oriental da ilha, suas formações mais elevadas chegam a 300 quilômetros do litoral, merecendo destaque o Monte Kosciusko, ponto culminante do país com 2.230 metros de altitude.

Aspectos físicos

O clima subtropical seco é bem característico da Austrália, embora se considerem áreas úmidas o centro da Ilha da Tasmânia, ao sul, e uma pequena área no nordeste. E é justamente nessa região que a maior parte da população reside, onde se localizam os Estados de Nova Gales do Sul e Vitória; a porção sul do Estado da Austrália Meridional (nas proximidades da cidade de Adelaide); e a porção leste, nas imediações da cidade de Brisbane.

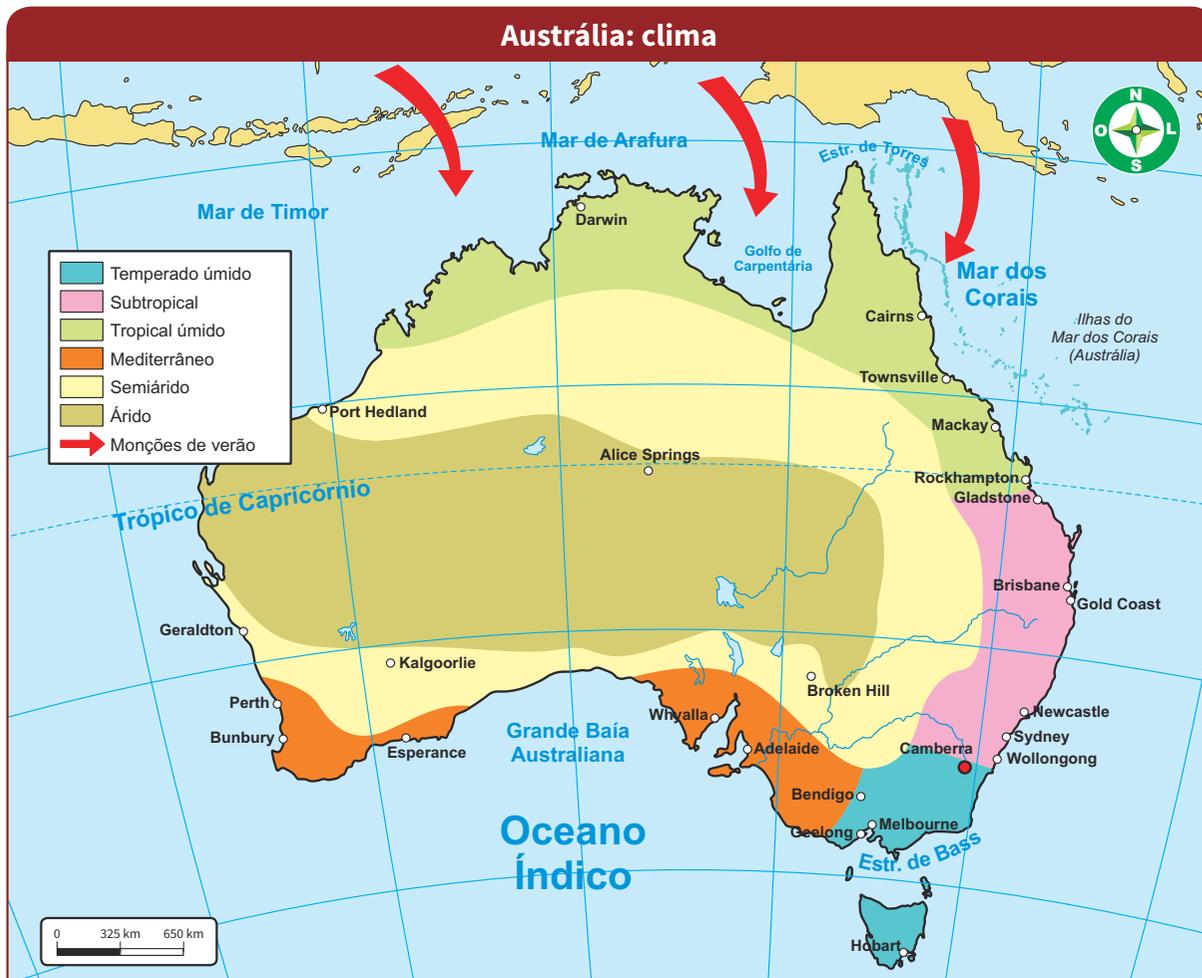


O índice pluviométrico chega a 2.500 milímetros anuais. No restante do território, 11% recebem mais de 1.000 milímetros anuais; 33%, menos de 500; e 30%, menos de 250. Na costa oriental, verificam-se chuvas de monção. Já nas porções central (Território do Norte) e oeste (Estado da Austrália Ocidental), o clima é árido e semiárido, ocasionando o aparecimento de vastas extensões de estepes e desertos. Nas áreas semidesérticas e desérticas, o povoamento floresceu, nas últimas décadas, graças à exploração mineral, embora sejam baixas as densidades demográficas: cerca de 1 hab./km² (Território do Norte) e de 1 a 5 hab./km² (Austrália Ocidental).

Devido ao predomínio do clima desértico ou semiárido (mesmo com algumas regiões com clima mais

ameno), a Austrália apresenta grande diversidade de flora e fauna — esta bem diferenciada das demais regiões do mundo devido à presença de marsupiais (animais com uma bolsa para as crias) como cangurus, *wallabees* e coalas, enquanto sua flora se destaca pelo reduzido número de formas e pela alta porcentagem de espécies endêmicas e outras exclusivas de cada área.

Mais de 80% das flores, dos mamíferos, dos répteis e dos sapos da Austrália são endêmicos, e o país é considerado rico em biodiversidade. As regiões leste e sudeste — onde havia maior concentração de áreas florestadas, com a ocorrência das matas subtropical e temperada — são hoje as mais urbanizadas e industrializadas do país.



Diálogo com o professor

- Questione o que os alunos sabem sobre a Oceania. Em uma conversa informal, verifique o conhecimento prévio deles e aproveite para problematizar as noções que possuem sobre os países que fazem parte do continente, as características de suas paisagens naturais, a economia e a cultura de seus diferentes povos.
- Com um mapa-múndi em mãos, identifique o espaço geográfico que corresponde à Oceania, comentando que a distância entre esse continente e a Europa contribuiu para retardar a sua integração ao processo de expansão colonial europeu.
- Ressalte que, em diversas ilhas da Oceania, ainda há povos vivendo como seus antepassados e que, na Austrália e na Nova Zelândia — onde a ocupação europeia foi mais intensa, em virtude de essas áreas oferecerem mais possibilidades de aproveitamento econômico — o choque com os colonizadores provocou uma redução acentuada da população nativa.

Anotações

Quanto à vegetação, destacam-se: savanas, no domínio climático tropical; vegetação rarefeita, mato ralo e gramíneas, nas bordas dos desertos; estepes secas, nos domínios climáticos desértico e semidesértico; florestas tropicais, nas regiões de clima tropical úmido; e florestas subtropicais, nas regiões de clima mediterrâneo (subtropical). Os corais e as madrepérolas se desenvolvem plenamente no território australiano, e, nos meses de setembro e novembro, desabrocham, aproximadamente, 6.000 variedades de flores na região oeste.

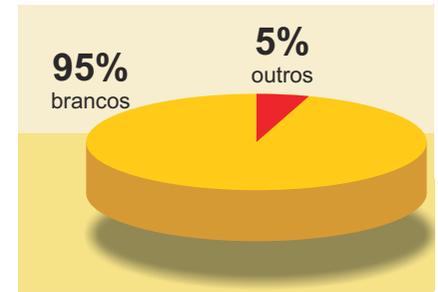
Os incêndios na Austrália estão cada vez mais constantes, fato que os ambientalistas atribuem à imensa quantidade de carbono produzida pelo país, combinado com o clima seco predominante na maior parte do território, que causa aumento da temperatura. Esses grandes incêndios têm acentuado ainda mais a escassez hídrica, colocando em risco a fauna e a flora nativas. A mudança climática também é apontada como responsável pelo aumento de fenômenos e de condições de clima extremos.



População

A Austrália possui cerca de 25% da sua população formada por estrangeiros. Descendentes de imigrantes irlandeses e ingleses formam a maioria da população, que se mudou para a região nos séculos XIX e XX. O governo atraiu imigrantes para o país devido à sua reduzida população, uma vez que o número de nascimen-

tos é cada vez menor (taxa média de crescimento populacional de 1,4% ao ano). Com aproximadamente 26,4 milhões de habitantes, somente 1% desse total é representado por aborígenes (366.436 indivíduos), enquanto 95% é constituído por brancos, com um restante restrito a grupos étnicos minoritários (chineses, indianos, vietnamitas, italianos, gregos, irlandeses, franceses e alemães). Com elevada expectativa de vida (homens, 74 anos, e mulheres, 80 anos), parte significativa da Austrália possui mais de 60 anos, enquanto há forte retração na porcentagem de crianças (taxa de fertilidade em torno de dois filhos por mulher).



Austrália: composição demográfica.



Pessoas lotando a Swanston Street, localizada no centro de Melbourne, na Austrália, durante o Festival *Noites Brancas*. O evento acontece anualmente no verão em algumas partes do mundo.

A densidade demográfica atinge 2,36 hab./km². A maior parte da população reside nas cidades, 85,4%. E as grandes concentrações populacionais se fixam no litoral sudeste e oriental e nas regiões de Adelaide e Perth. Observemos, então, as principais cidades Australianas e suas populações:

Maiores cidades da Austrália*		
Cidade	Estado	População (milhões de habitantes)
Sydney	Nova Gales do Sul	5,3
Melbourne	Vitória	5
Brisbane	Queensland	2,5
Perth	Austrália Ocidental	2
Adelaide	Austrália do Sul	1,4

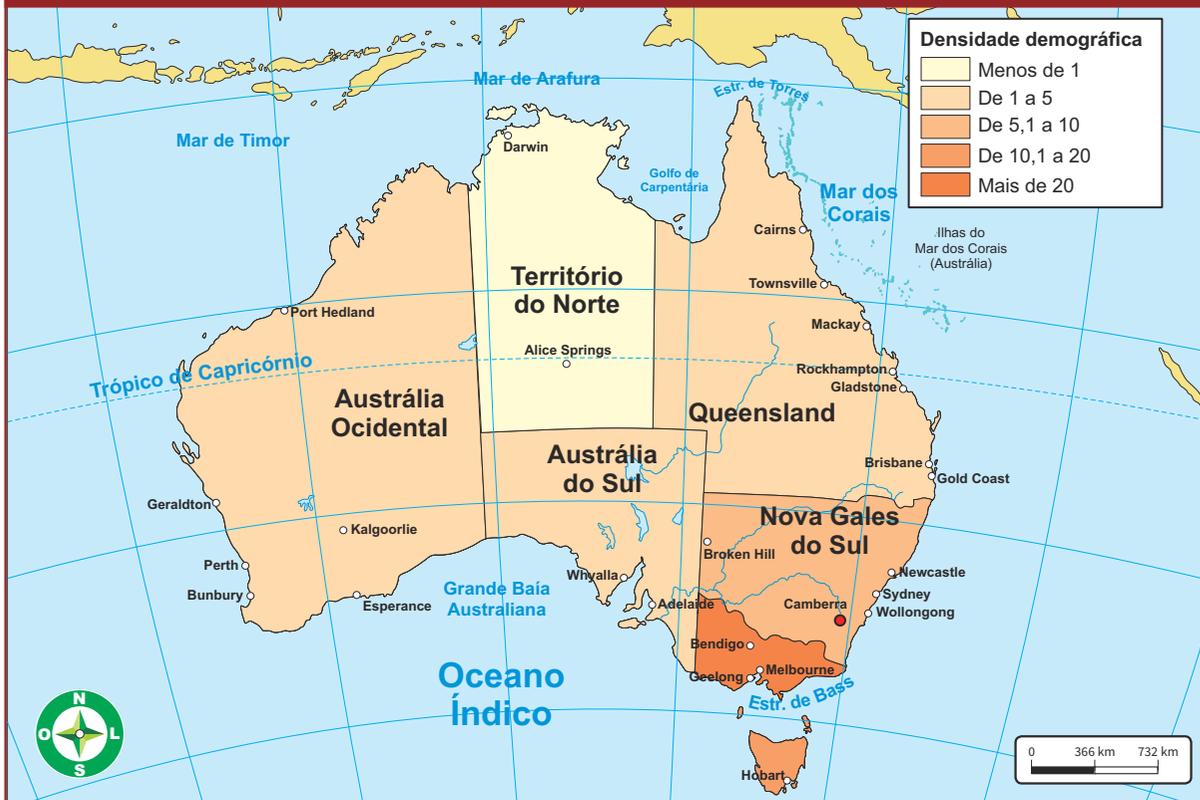
Fonte: Australian Bureau of Statistics. *Dados relativos a 2019.



Depositphotos

Sydney, cidade mais populosa e uma das principais da Austrália. Na foto, Sydney Opera House, uma das casas de espetáculo mais marcantes no mundo símbolo da cidade.

Austrália: densidade demográfica por unidade político-administrativa

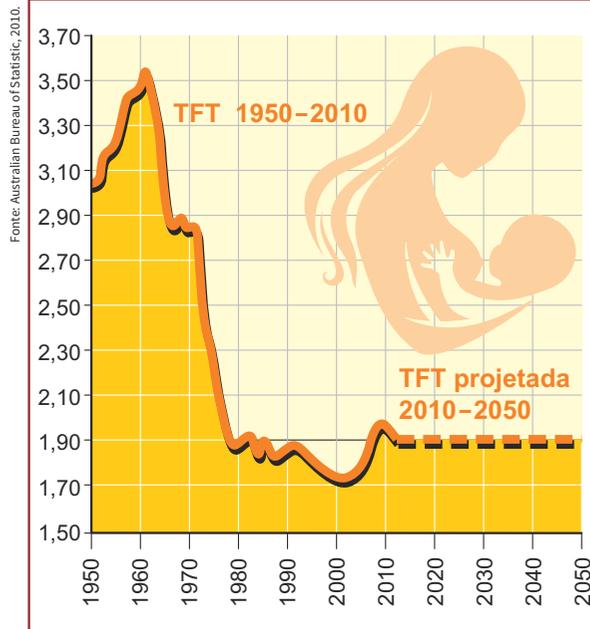


A Austrália é um país considerado altamente desenvolvido, com o segundo melhor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) mundial, o que significa um alto padrão de vida com bons níveis de educação, saúde e renda. Contudo, essas condições não são proporcionadas a todos, como os povos aborígenes.

O país registra um envelhecimento da população, caracterizado por baixas taxas de fecundidade e de mortalidade e aumento da expectativa de vida, como tem ocorrido com outras nações desenvolvidas no mundo. Apesar desse baixo crescimento natural, a população australiana, como já mencionamos, continua crescendo devido à imigração.

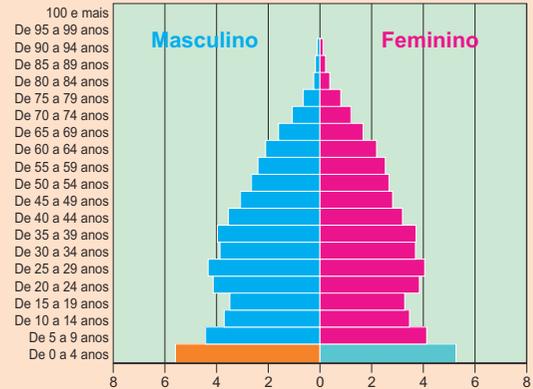
De acordo com os dados do Censo de 2011 realizado no país, a **taxa de fecundidade total (TFT)** da Austrália foi de 1,88 filho por mulher, resultado que voltou a se repetir em 2013. Em 2012, a TFT foi ligeiramente mais alta, chegando a 1,93 filho por mulher. Essa é uma tendência que se observa em todo o mundo, particularmente em países desenvolvidos.

Taxa de fecundidade total histórica e projetada da Austrália (1950-2050)

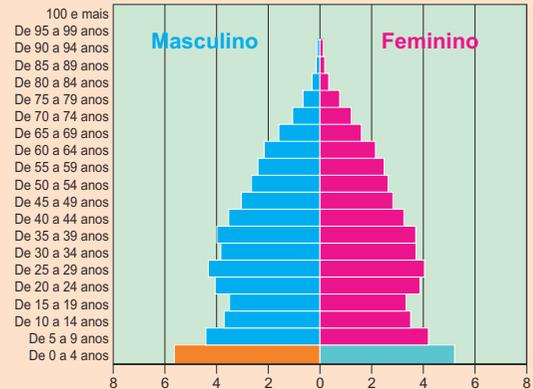


Desde 1976, a TFT da Austrália se mostrou abaixo do nível de reposição, mesmo com algumas oscilações.

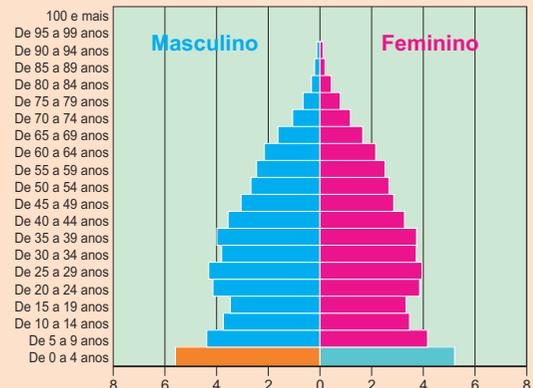
Pirâmide etária – Austrália em 1950



Pirâmide etária – Austrália em 1980



Pirâmide etária – Austrália em 2010



Na Austrália, existem excelentes serviços médicos, educacionais e de infraestrutura em geral. Por isso, a expectativa de vida dos australianos está entre as maiores do mundo e cresce continuamente, como mostram as pirâmides etárias.

Por outro lado, observam-se taxas de fecundidade mais elevadas entre a população aborígine. Outros indicadores também confirmam as mudanças demográficas na Austrália. A expectativa de vida tem crescido a cada ano.

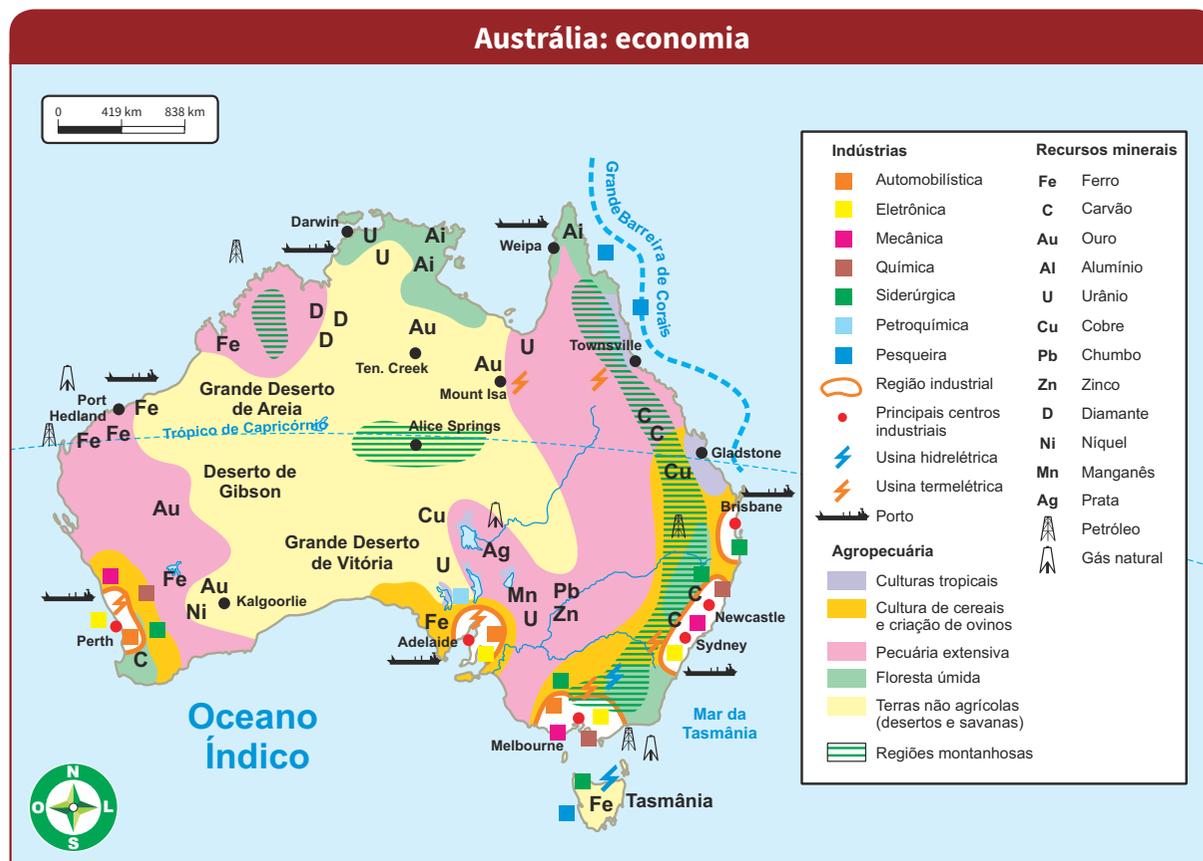
Economia

A economia australiana é bem estruturada, apesar de o país enfrentar grandes desafios naturais, como o fato de ter a maior parte do território ocupada por extensas áreas desérticas, o que dificulta o seu aproveitamento econômico.

Mesmo com uma população estimada em 23,4 milhões de habitantes, a economia australiana é bastante diversificada. No setor primário, por exemplo, destaca-se a produção de alimentos (gado, ovino e derivados) em fa-

zendas modernas; no setor industrial (área comandada pelas cidades de Sydney, Melbourne, Newcastle, Brisbane, Adelaide e Perth), está o arcabouço da economia, com atividades que exigem maior tecnologia, como a indústria de máquinas e equipamentos, as indústrias química, metalúrgica, siderúrgica, aeronáutica e petroquímica; e outras que não exigem tanta tecnologia (como nas áreas de vinhos, tabaco e trigo).

A principal região industrial do país é a sudeste, mais especificamente em Sydney e Melbourne, os maiores centros industriais australianos. No sudoeste, na Região Metropolitana de Perth, o crescimento industrial se acelerou nos últimos anos, fazendo expandir a urbanização. Nota-se, também, a expansão econômica da porção norte do país, especialmente do norte de Queensland e do Território do Norte, onde a exploração mineral e energética é



A Austrália exporta carvão mineral e variados gêneros alimentícios, mas depende da importação de petróleo para atender às suas necessidades internas. Com as últimas descobertas de petróleo em seu território, o país diminuiu consideravelmente a importação dessa fonte de energia.

Diálogo com o professor

- Chame a atenção dos alunos para o fato de o meridiano de 180°, que marca a linha internacional de mudança de data, ser o antípoda do meridiano de 0° (Greenwich). As terras situadas entre os meridianos de 0° a 180° a leste estão no Hemisfério Oriental; as de 180° a 0° a oeste se situam no Hemisfério Ocidental.
- Comente com os alunos que, até o final do século XVIII, a Inglaterra não se interessou pela colonização das terras da Austrália e da Nova Zelândia. Após a independência dos Estados Unidos, em 1776, em virtude de não poder mais enviar condenados pela justiça para a ex-colônia americana, a Grã-Bretanha decidiu enviá-los para a Austrália, transformando-a, de início, em colônia penal. Assim, o fato político que favoreceu o início do povoamento da Austrália por europeus foi a independência dos Estados Unidos.
- Explique que a exploração econômica da Austrália e da Nova Zelândia foi feita com base na pecuária de ovinos e caprinos (atividade importante nos dias atuais); exploração agrícola em pequenas propriedades (colonização de povoamento); e, principalmente, a mineração do ouro, que atraiu grande contingente de europeus.

significativa e a economia tem atraído novos investimentos, devido à maior proximidade com os países do Sudeste Asiático que fazem parte da Apec.

O setor de serviço, devido ao turismo, é um dos mais importantes; nas exportações, incluem-se bens alimentícios (carne e trigo, por exemplo) e minérios (bauxita, chumbo, níquel, manganês, ouro e prata). Com essa economia dinâmica e moderna, a Austrália encontra-se classificada entre as 20 maiores e mais avançadas economias do mundo, segundo o Fundo Monetário Internacional. Assim, a população economicamente ativa (mais de 40% da população total) divide-se do seguinte modo:



Após a Segunda Guerra Mundial, os australianos receberam grandes investimentos estrangeiros, o que provocou intensa internacionalização da sua economia. Vários setores (indústrias automobilística, farmacêutica e de cosméticos, petrolífera e de mineração) encontram-se em poder, sobretudo, de empresas ou de capitais britânicos, japoneses e estadunidenses.

Atualmente, a Austrália tem cerca de um terço de seu território marinho sob proteção ambiental, confirmando a necessidade de ações preventivas para resguardar a vida nos oceanos. Além de resguardarem seu espaço marítimo, os australianos têm empreendido grandes campai-

nhas e até mesmo ações judiciais contra a pesca de baleias pelo Japão, que alega fins científicos para justificar a caça a esses grandes mamíferos. Apesar das restrições, a produção pesqueira da Austrália se mantém bastante produtiva.

A maior preocupação dos australianos: a carência de água

Mesmo com vários poços artesianos (aproximadamente 7.500), a conservação e o suprimento da água são problemas comumente enfrentados pela Austrália. A Grande Bacia Artesiana, que se estende entre o golfo de Carpentária e o Lago Eyre, possui área de 1.600.000 quilômetros quadrados, e, embora suas águas sejam impróprias à irrigação contínua (pois são salgadas), podem ser aproveitadas pelas ovelhas.

O Murray e seus afluentes constituem o principal sistema hidrográfico da Austrália, participando com 88% de um total de 800 mil quilômetros quadrados irrigados. Aproximadamente dois terços desse território são utilizados para pastagens; e o restante, para plantações de frutas e cultivo de cereais. Nesse sentido, é bastante restrita a possibilidade de se expandir os mecanismos da irrigação australiana, principalmente em detrimento da salinidade da água obtida em poços artesianos e do desperdício. Nos territórios não irrigados, há vários aquedutos modernos (que transportam a água de reservatórios situados nas elevações para os locais de uso doméstico ou dos rebanhos) e milhares de pequenos tanques (alimentados por bombas movidas a motor ou moinhos de vento e por poços artesianos).

Nova Zelândia: aspectos físicos, econômicos e populacionais

Os maoris (povo de origem polinésia) possuíam até a ocupação britânica, em 1840, domínio sobre a Nova Zelândia. Entretanto, sua população reduziu, em apenas 56 anos, de 250.000 para 42.000 devido à chegada dos colonizadores e de crescentes conflitos. Somente após a ce-

Anotações

lebração de tratados de paz, deu-se início a uma era pacífica na região. Assim, em 1870, a Nova Zelândia tornou-se colônia britânica, e, em 1907, sua participação na Primeira Guerra Mundial conferiu-lhe autonomia política. Em 1947, após a Segunda Guerra, obteve sua independência, inserindo-se na esfera de influência dos EUA (em substituição à Grã-Bretanha, impossibilitada de manter-se na região).

A Nova Zelândia, situada no Pacífico Sul, é formada por duas ilhas principais, a do Norte e a do Sul (separadas pelo Estreito de Cook). A Ilha do Norte é mais povoada, com dois terços da população do país, e é onde estão localizados a capital e também o importante centro industrial do país, Wellington, com 381.900 habitantes, e Auckland, com 417.910 habitantes, a cidade mais populosa. Por sua vez, na Ilha do Sul, nas cidades de Christchurch, com 363.926 habitantes, e em Dunedin, ao sul da ilha, com 114.347 habitantes, sobressaem alguns centros industriais.



Auckland é a maior área metropolitana da Nova Zelândia. Embora Wellington seja a capital, Auckland é a cidade mais importante, além de ser a mais populosa, e a capital financeira do país.

Nova Zelândia: indústria e utilização do solo



O país se destaca como exportador de lã e de carne, fato explicado pela elevada média de cabeças de gado ovino e bovino por habitante. O rebanho de bovinos, por exemplo, é de cerca de 9,6 milhões de cabeças (2,5 cabeças por habitante), enquanto o de ovinos aproxima-se de 40 milhões de cabeças (média de 10,5 cabeças por habitante). A agricultura (cultivo de batata, milho, trigo, aveia, centeio e frutas) destina-se a abastecer o mercado interno e externo.



A Nova Zelândia é hoje um grande produtor de vinhos e está inserida no seleto grupo dos países produtores de vinho de qualidade. As vinícolas se espalham pelas duas ilhas.



Relevo

O relevo acidentado, a latitude e a maritimidade influenciam o clima da Nova Zelândia. No mapa *Nova Zelândia: relevo*, podemos visualizar importantes montanhas e estreitas planícies litorâneas (Canterbury, Otago e Invercargill, nas Ilhas do Sul, e os Alpes neozelandeses, pontos culminantes do país: Monte Cook, com 3.764 metros, e o Tasman, com 3.499 metros). Lagos, vales de vertentes abruptas e fiordes constituem uma paisagem pitoresca, enquanto vulcanismo e terremotos, na Ilha do Norte, marcam seu relevo, sendo o vulcão Ruapehu, com 2.797 metros, o ponto culminante dessa ilha.



Na imagem, vulcão Ruapehu coberto de neve, no norte da Nova Zelândia.



Estrada para o Monte Cook, destino popular entre turistas e montanhistas, em razão de sua altitude.

Embora a Ilha do Norte não seja tão montanhosa quanto a Ilha do Sul — cortada por uma cordilheira —, ela apresenta maior vulcanismo, contando inclusive com fontes hidrotermais e **gêiseres** (fontes de água quente que lançam água e vapor verticalmente, em intervalos variáveis).

Esse sistema geotérmico ativo na Ilha do Norte é responsável pela existência do campo de gases de Wairakei — uma usina de energia geotérmica que é fonte de energia alternativa, renovável e relativamente limpa. Assim, o calor interno da Terra é aproveitado para aquecer espaços residenciais, industriais e comerciais, além de ser útil para a geração de energia elétrica.

A utilização desse calor é de grande importância para um país localizado na zona temperada do globo, com clima temperado oceânico predominante, mas com temperaturas amenas na porção norte e mais frias ao sul. As altitudes elevadas do território e a grande influência de massas de ar vindas da Antártida tornam as temperaturas bastante amenas, especialmente na Ilha do Sul, mesmo nos meses de verão.

População

A população total, de 4,5 milhões de habitantes, é predominantemente urbana, pois 75% dos neozelandeses vivem nas cidades, sendo que sua densidade demográfica atinge 13,44 hab./km². É possível, então, analisarmos as maiores cidades neozelandesas a partir da tabela abaixo:

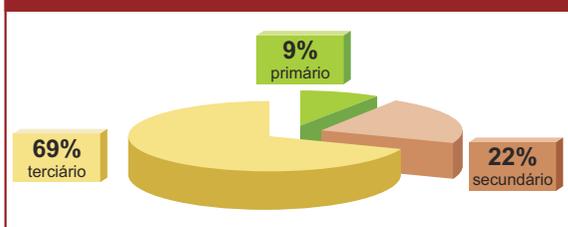
Maiores cidades da Nova Zelândia*

Cidade	Estado	População (milhares de habitantes)
Auckland	Ilha do Norte	417,9
Wellington	Ilha do Norte	381,9
Christchurch	Ilha do Sul	383,9
Hamilton	Ilha do Norte	152.641

*Dados relativos a 2021. Fonte: World population review.

Já as condições sociais da população colocam o país em uma posição de destaque no *ranking* mundial: taxa de analfabetismo de adultos inferior a 1%, esperança de vida de 78 anos, Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) igual a 0,944 (dados de 2019) e mortalidade infantil de menores de 1 ano por volta de 3% (dados de 2020). O crescimento vegetativo é lento, cerca de 0,9% ao ano, enquanto a taxa de fertilidade é de 2,1%. Os brancos constituem 74% da população total, os maoris representam 10% da população neozelandesa, e os demais 16% se referem aos polinésios e outros grupos minoritários. A população economicamente ativa está distribuída da seguinte forma:

Nova Zelândia: PEA por setor da economia



Os empregos gerados pelas indústrias de petróleo e gás na Nova Zelândia empregam aproximadamente 11 mil trabalhadores.

A Nova Zelândia é um país desenvolvido, onde a desigualdade social é pequena. Após a independência, ocorrida em 26 de setembro de 1907, foi instituído no país um Estado de Bem-Estar Social. Como acontece em todo país que faz essa opção político-econômica, os impostos são altos, mas os serviços oferecidos à população são de excelente qualidade. O resultado é a elevada expectativa de vida (em torno de 79 anos, em média, sendo 82 anos para as mulheres e 76 para os homens) e os bons indicadores educacionais (98% da população é alfabetizada e mais de 65% tem nível superior).

Atualmente, a Nova Zelândia vê com preocupação o rápido envelhecimento populacional, pois isso significa menos contribuintes e mais dependentes do sistema previdenciário. Para controlar as contas, alguns benefícios sociais foram restringidos pelo governo a outros cidadãos que não sejam neozelandeses ou que não tenham residência permanente no país.

Ocupação e colonização da Oceania

A Austrália, a Nova Guiné e a Tasmânia já foram, um dia, unidas por pontes terrestres e formavam um único continente durante os Períodos Glaciais. Somente em 6000 a.C., houve um aumento significativo de emigrantes, quando os nativos australoides (que devem ter chegado à Oceania há 60 mil anos, isto é, antepassados dos

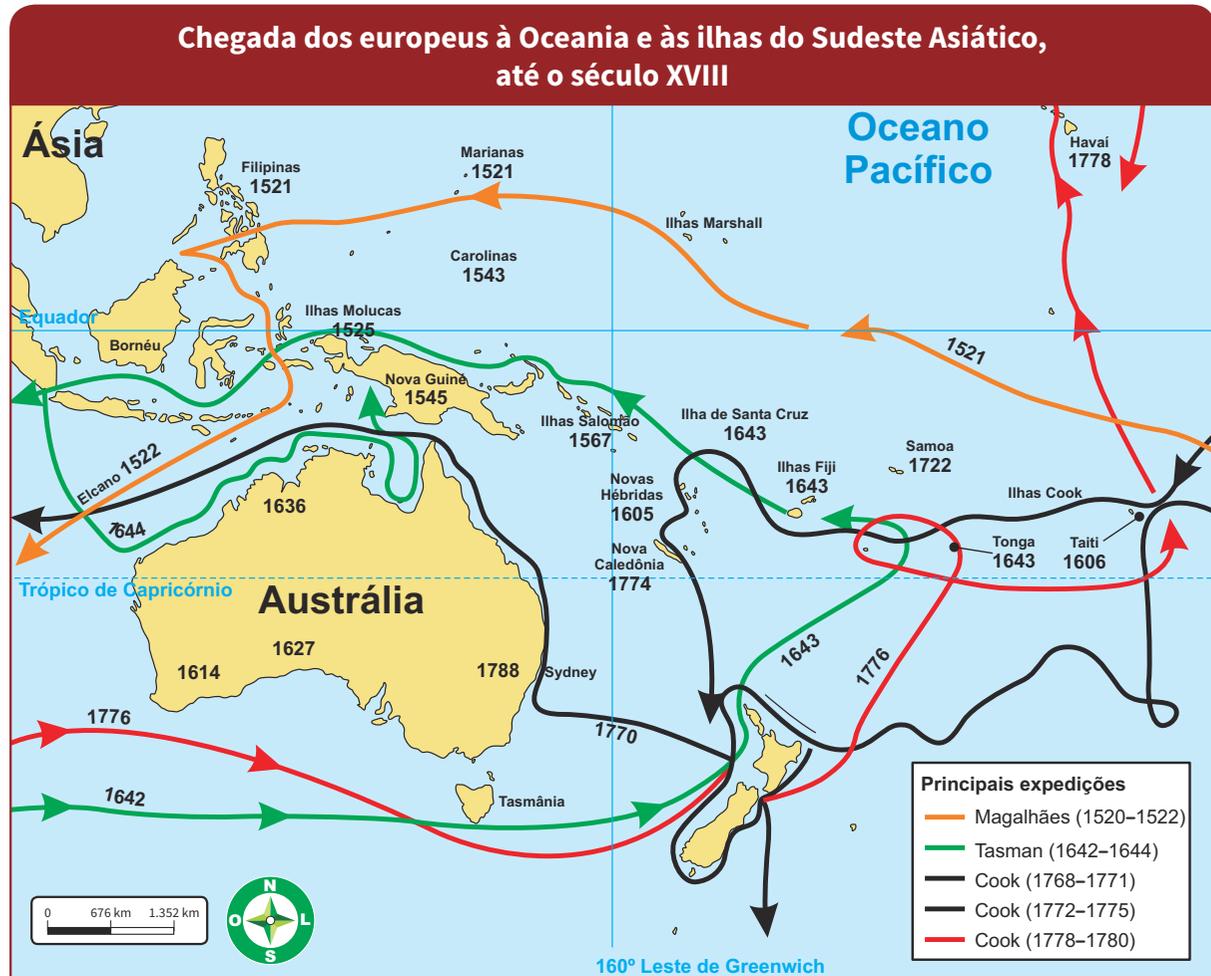
atuais papuas e dos aborígenes australianos) miscigenaram-se com austronésios (oriundos de Taiwan e que se espalharam pelas Filipinas e Índias Orientais até chegarem à Papua-Nova Guiné), originando, assim, a população heterogênea da Melanésia. Esses povos, por volta de 1500 a.C., chegaram à Fiji e, logo em seguida, à Samoa e à Tonga. Posteriormente, expandiram-se, ao norte, para o Pacífico Oriental (ocupando ilhas, como o Havai); ao sul, para a Nova Zelândia, ou *Aotearoa* (nome polinésio); e ao leste, para a Ilha de Páscoa (ou Rapa Nui).

Devido aos traços linguísticos e culturais, nota-se que a povoação das ilhas da Micronésia teve origens étnicas bem diferenciadas, como é o caso dos filipinos em Palau e Yap, tuvaluanos nas Ilhas Marshall e habitantes do arqui-

pélago Bismarck nas Ilhas Truk. Para localizar as ilhas, os austronésios guiavam-se somente pela direção do vento, localização dos astros e pelas características das ondas. Também dominavam a agricultura (encontrando subsistência no taro, no inhame, na batata-doce, na mandioca, na banana, no coco, na cana-de-açúcar e no arroz) e a cerâmica, símbolo da cultura lápita.

Austrália e Nova Zelândia

A Austrália e a Nova Zelândia só foram efetivamente integradas ao horizonte geográfico dos europeus nos séculos XVIII e XIX. África, Ásia e América foram incorporadas bem antes, séculos XV e XVI, conforme mapa a seguir.



A colonização da Austrália

Em 1776, após a independência dos EUA, a Grã-Bretanha não tinha para onde mandar seus criminosos e, segundo relato do capitão James Cook, optou, então, por enviá-los à Austrália, nova colônia inglesa. Assim, 717 pessoas desembarcaram, em 1788, nas proximidades da atual cidade de Sydney, fato que transformou a região em colônia penal e afastou imigrantes ingleses e irlandeses.

Para termos uma ideia do crescimento da economia australiana (para entusiasmo de Londres, que assistia ao desenvolvimento de sua colônia), em 1820 a população de origem europeia aproximava-se de 38 mil pessoas; em 1850, chegava a 405 mil; e, em 1860, ultrapassava 1 milhão.

Vejamos, então, três fatores que motivaram a conquista e posterior ocupação das terras da Austrália pelos ingleses:

- O **início da criação de ovelhas e carneiros**, devido às excelentes condições naturais do território e o consequente desenvolvimento de uma ativa indústria de lã.
- A **descoberta de terras de grande fertilidade** para o desenvolvimento da agricultura.
- A **descoberta do ouro**, por volta de 1850, em vários locais do território.



Após a chegada do colonizador inglês, 600 mil nativos foram mortos, reduzindo-se a população a 70 mil em 1940. Atualmente, estima-se que aborígenes australianos totalizem apenas 200 mil indivíduos.

James Cook (1728–1779) foi um navegador, cartógrafo e explorador britânico. Realizou três viagens pelo Oceano Pacífico; a primeira, entre 1768 e 1771, com o objetivo de observar o trânsito de Vênus pelo Sol. [...]

Com a ajuda de Tupaia, um taitiano que conhecia bem a geografia do Pacífico, Cook chegou à Nova Zelândia. Fez um mapeamento de toda a costa local e descobriu o estreito que mais tarde levaria seu nome. Em seguida, partiu rumo ao oeste para tentar chegar à Tasmânia. Por conta de imprevistos climáticos, contudo, acabou na costa sudeste da Austrália. Continuou na direção norte, bordeando e mapeando a ilha. Ao atravessar uma barreira de corais, o barco ficou bastante danificado e teve de ser reparado em uma praia próxima da foz do Rio Endeavour.

Disponível em: <http://operamundi.uol.com.br/conteudo/historia/23800/hoje+na+historia+1770+-+o+navegador+ingles+james+cook+descobre+o+territorio+da+australia.shtml>. Acesso em: 27/04/2018. Adaptado.

A colonização da Nova Zelândia

A conquista e a ocupação da Nova Zelândia iniciaram-se somente na primeira metade do século XIX, principalmente em função da resistência dos habitantes nativos, os maoris, violentamente massacrados pelos conquistadores. Daí o fato de o povoamento britânico ocorrer posteriormente ao da Austrália. Assim, três fatores (cria-



A Grande Barreira de Corais, na Austrália, é a maior formação desse tipo no Planeta, e acredita-se ser responsável pela maior parte da produção de oxigênio. Entretanto, nos últimos anos, o aquecimento das águas do Oceano Pacífico tem colocado em risco sua preservação.

Países em extinção

Com o nível do mar cada vez mais alto, ilhas paradisíacas do Pacífico sul estão desaparecendo. E os moradores estão se transformando nos primeiros refugiados do aquecimento global.

As ilhas paradisíacas do Pacífico Sul estão sumindo. Em poucos anos, algumas delas devem ficar desertas: cansados das frequentes inundações, os moradores estão indo embora. Entre as doze nações-arquipélagos da região, duas estão em alerta máximo. Com a elevação do nível do mar, os países de Kiribati e Tuvalu podem ser engolidos pelo mar, saindo do mapa de vez até o fim deste século. Hoje, quem mora nessas ilhas conhece paisagens bem diferentes das fotos turísticas. Marés altas provocaram inundações a toda hora. A água invade as casas e causa erosões. Com as raízes atacadas dia a dia pelas ondas, as palmeiras estão caindo. Quando a maré sobe, poças de água surgem repentinamente, espalhando o lixo pelas ruas de areia. Em algumas regiões, já é possível atingir água cavando apenas 1 metro de profundidade. O governo dos dois países já preparou um programa de emergência para arranjar alojamento para seus 115 mil moradores, os primeiros refugiados do aquecimento global.

O fenômeno é uma das provas dramáticas do aquecimento da Terra. Com a temperatura do planeta 0,7 graus Celsius maior no último século, as calotas polares derretem, e o nível do mar aumenta. No Alasca, as ruas feitas de gelo há séculos estão esburacando e derretendo. Na Antártida, placas de gelo do tamanho de cidades se descolam com frequência cada vez maior. O efeito é ainda mais incômodo para quem vive em

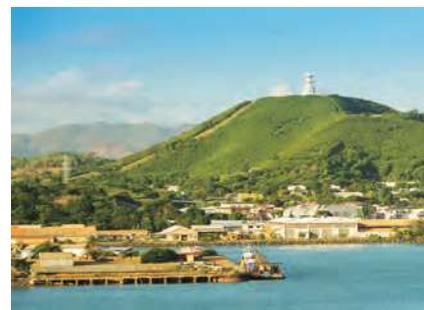
ção de ovelhas e carneiros, existência de terras férteis para o desenvolvimento da agricultura e descoberta de ouro, por volta de 1860) estimularam a imigração para a Nova Zelândia e o desenvolvimento de sua economia (da mesma forma que na Austrália). Uma colonização de povoamento — diferente da de exploração inserida na maior parte da América, a partir do século XVI, e na África e Ásia, com o neocolonialismo do século XIX — foi implantada na Austrália e na Nova Zelândia pelos britânicos.

Geopolítica da Oceania

Os espanhóis (pelo leste) e os portugueses (pelo oeste) foram os primeiros a aportar em terras da Oceania nos primórdios do século XVI. E lá partilharam a posse de amplas áreas do Pacífico, muitas delas sistematicamente atacadas por corsários e piratas holandeses e ingleses, o que favoreceu, nos séculos seguintes, a redução gradativa desses dois povos ibéricos na região. Já ao longo do século XIX, verificou-se, a partir do fim das guerras napoleônicas, a implantação britânica na Oceania, mais especificamente quando a França fixava sua presença na Polinésia. Na segunda metade do século XIX, Japão, Alemanha e Estados Unidos (potências emergentes) passaram a reivindicar a posse sobre arquipélagos e ilhas da região.

Percebemos, então, que a história da Oceania se caracteriza por uma série de sucessivas alternâncias de dominação entre as potências imperialistas, como foi o caso da Espanha, que perdeu seus últimos remanescentes coloniais em 1898, logo após derrota para os EUA durante a guerra hispano-americana, e da Alemanha, que perdeu todas as suas possessões coloniais após derrota na Primeira Guerra Mundial (1914–1919).

Assim, a vitória estadunidense na guerra do Pacífico, durante a Segunda Guerra Mundial (1939–1945), tornou os EUA a potência dominante na região, principalmente quando se observa, até hoje, a localização de sua principal base aeronaval, o Havaí. Durante a Guerra Fria, por exemplo, a Marinha estadunidense reinou de forma absoluta nas águas da Oceania. A França também se destaca por possuir posição privilegiada na região, em especial no arquipélago da Nova Caledônia e na região da Polinésia Francesa (onde se realizaram experiências atômicas submarinas repudiadas pela comunidade internacional).



Durante a Segunda Guerra Mundial, a Nova Caledônia (imagem), aliada da França, foi uma importante base contra o Japão.

Nova Zelândia e Austrália: visões estratégicas

Os rumos políticos e econômicos da Nova Zelândia costumam ser confundidos com os da Austrália, apesar de seu notável isolamento e de sua diferenciada evolução geopolítica. Os neozelandeses, mesmo aliados à Grã-Bretanha durante as duas guerras mundiais e, no período da Guerra Fria, aos EUA e à Austrália, por meio do tratado Anzus, possuíam ideias próprias acerca da função de seu país no contexto político regional.

Anzus (formada pelas iniciais dos nomes em língua inglesa de **A**ustralia, **N**ew Zealand e **U**nited States) é a sigla do tratado celebrado entre esses países, que formariam uma aliança militar defensiva no Pacífico Sul, com o intuito de revidar quaisquer agressões que viessem a sofrer e de impedir a difusão dos ideais socialistas na Oceania.

A Nova Zelândia vai de encontro aos ideais defendidos pelos EUA e pela França ao buscar uma aproximação do mundo polinésio, devido à sua posição geográfica e também pelos fortes vínculos existentes entre seu povo e a cultura maori (população autóctone do país). Das divergências com os EUA, podemos destacar: a contestação de algumas ilhas pela Nova Zelândia e a proibição de uso dos portos neozelandeses pelos navios norte-americanos com armas nucleares. Já com relação à França,

344 Geografia - 9º ano

lugares como Tuvalu, o quarto menor país do mundo, onde o ponto culminante tem 5 metros de altura e a largura das ilhas não passa de 500 metros. “Com todos os fatores que temos vivenciado, Tuvalu irá lentamente erodir nos próximos quarenta ou cinquenta anos”, afirma Taula Karea, cientista do centro meteorológico de Tuvalu. A ironia é que pequenas nações como essa contribuem pouquíssimo com a poluição ou com o aquecimento do planeta [...].

Até o século XIX, Tuvalu foi colônia espanhola, com milhares de habitantes levados ao Peru e à Bolívia como escravizados. Depois, os dois países se tornaram colônias britânicas — Tuvalu faz parte da monarquia britânica até hoje. Durante as batalhas do Pacífico na Segunda Guerra Mundial, Kiribati foi invadido pelo Japão. Depois, abrigou testes nucleares americanos. Aconteceram no local testes de bombas de hidrogênio que assustaram o mundo na década de 1950, por serem

temos uma forte oposição neozelandesa contra os testes nucleares franceses no atol de Mururoa, na Polinésia Francesa. Assim, suas ambições geopolíticas se dirigem muito mais à sua presença na vizinha Antártida.

Por sua vez, a Austrália manteve a preocupação com seu território durante a expansão naval da Alemanha (segundo as leis navais alemãs) e a tentativa de consolidação do império colonial germânico no Pacífico e na África, ameaça que somente acelerou a composição da Comunidade dos Estados Australianos, no ano de 1901. Durante as duas Grandes Guerras, o expansionismo japonês aumentou, com uma perigosa aproximação da Austrália (chegou-se a ocupar a vizinha Ilha da Nova Guiné e a efetuar alguns ataques aéreos ao norte

do território australiano), que só teve fim em 1945, após derrota nipônica.

Durante a Guerra Fria, uma nova ameaça surgiu em virtude da expansão dos regimes comunistas em diversos países asiáticos (China, Coreia do Norte e antigo Vietnã do Norte) próximos à Austrália. O resultado dessa ameaça foi a aliança australiana aos EUA, anteriormente ligada à Grã-Bretanha. Disso compreendemos sua incorporação ao pacto Anzus no início dos anos 1950 e seu apoio à intervenção estadunidense no Vietnã entre 1960 e 1970. Atualmente, o país busca novas relações internacionais, avaliando seu papel junto aos países do leste e do sudeste asiáticos, principalmente com os parceiros comerciais Japão, Coreia do Sul, Cingapura, Taiwan e China.

Com 85 caracteres, esse nome é um dos mais longos do mundo

Perto de Porangahau, na baía de Hawke, Nova Zelândia, encontra-se uma colina simples conhecida como **Taumatawhakatangihangakoauauotamateaturipukakapikimaungahoronukupokaiwhenuakitanatahu**, que significa “o local onde Tamatea, o homem com joelhos grandes, que escorregou, subiu e engoliu montanhas, conhecido como ‘comedor de terra’, tocou flauta para sua amada”. O povo local a chama simplesmente de Taumata Hill.

Tamatea foi um famoso chefe e guerreiro. Um dia, ao viajar por Porangahau, ele encontrou outra tribo e teve que lutar com ela para passar adiante. Durante a luta, o irmão dele foi morto. Tamatea ficou tão triste com a morte de seu irmão que permaneceu no local da batalha por alguns dias. Toda manhã, ele sentava na colina e tocava um lamento no que é chamado de **koauau**, ou **flauta maori**.

Disponível em: <https://www.newzealand.com/br/feature/the-longest-place-name-in-new-zealand/>. Acesso em: 27/04/2018. Adaptado.

O que causa estas longas e estranhas nuvens presentes na imagem? Ninguém tem certeza. Trata-se de um tipo raro de nuvem conhecido como **Morning Glory** (“Glória da Manhã”), que pode se estender por até 1.000 quilômetros e ocorrer a até dois quilômetros de altitude. Embora nuvens similares, em forma de rolo, tenham

sido vistas em lugares específicos ao redor do mundo, as que aparecem sobre Burketown — em Queensland, na Austrália — ocorrem previsivelmente a cada primavera.

Tubos de ar longos, horizontais e circulares podem se formar quando o ar frio e úmido em movimento encontra uma camada de inversão, uma camada atmosférica onde a temperatura do ar aumenta atipicamente conforme a altura. Esses tubos e o ar circundante podem provocar turbulências perigosas em aviões mesmo com o tempo claro. Nuvens **Morning Glory** podem alcançar uma velocidade de 60 km/h com pouco vento.

Fonte: Nasa.gov. Acesso em: 05/07/2018.



Foto: Wolfgang Schirrenstock.com

Sugestão de atividade

Produção de painel

Peça aos alunos que coletem imagens que mostrem a grande diversidade natural da Austrália. Sugira a eles que procurem fotografias em revistas e jornais ou consigam cartões-postais em agências de viagens.

Com as imagens pesquisadas, oriente-os a produzirem painéis com o mapa da Austrália ao fundo, setas de localização e legendas explicativas. Para produzir um mapa ampliado, auxilie-os no uso da técnica do quadriculado. A atividade pode ser realizada em grupos, os quais podem produzir painéis semelhantes. Outra opção é que cada grupo apresente um dos aspectos naturais da Austrália, havendo, assim, a produção de diferentes painéis.

Diálogo com o professor

Neste capítulo, tivemos a preocupação de fornecer, mesmo que sucintamente, as bases históricas do povoamento da Oceania pelos europeus. Para complementar essa abordagem, achamos bastante oportuno solicitar aos alunos que comparem as colonizações da Austrália e da Nova Zelândia com a da América, em particular com a do Brasil, ampliando, por conseguinte, a compreensão do processo histórico que marcou tais colonizações. Reiteramos, mais uma vez, a necessidade de romper com clichês, impressos no senso comum, de que, se o Brasil tivesse sido colonizado por ingleses, a realidade seria outra.

O subdesenvolvimento não decorreu do fato de o Brasil ter sido colonizado por este ou aquele povo. A questão, entre outras, está no tipo e no sentido de colonização implantados. Enquanto no Brasil a

5 mil vezes mais potentes que a bomba lançada em Hiroshima em 1945. Hoje, os dois países abrigam pescadores e artesãos.

VITOLA, Giovana. Países em extinção. In: *Superinteressante*. 235. ed. São Paulo: Abril. p. 5–55, jun. 2007. Adaptado.

Anotações

colonização portuguesa teve por base a exploração de tudo o que a terra pudesse fornecer para a acumulação capitalista metropolitana (a colonização de exploração), na Austrália e na Nova Zelândia, o sentido da colonização inglesa foi outro: teve por base o povoamento (colonização de povoamento). A Índia e a Birmânia (atual Mianmar), na Ásia, e o Sudão e a Nigéria, na África, foram colonizados por ingleses. O Senegal, o Mali e a Mauritânia, na África, e o Vietnã, o Laos e o Camboja, na Ásia, foram colonizados por franceses. A Indonésia, na Ásia, e o Suriname, na América, por holandeses. No entanto, esses países padecem com a condição de subdesenvolvimento.

Dicas de filmes

Encantadora de baleias

Direção: Niki Caro.

A garota Pai é a protagonista de uma história de encantamento, magia e quebra de imposições, por meio da qual entramos em contato com as tradições do grupo maori, da Nova Zelândia, sua cultura, suas danças, suas lutas e a resistência do grupo para manter vivas as tradições ancestrais. Esse filme nos dá a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre a Nova Zelândia.

Anotações

Aprofundar para conhecer

Sem registrar novos casos, cidades da Austrália e Nova Zelândia saem de *lockdown*

Países da Oceania são referência em suas medidas de enfrentamento contra o novo coronavírus.

Desde o início da pandemia, os países da Oceania são destaque em suas medidas de enfrentamento à proliferação do novo coronavírus. Com poucos casos registrados, tal ação permitiu que os locais retomassem a normalidade mais rápido.

Melbourne, segunda maior cidade da Austrália, permitiu a abertura de vários estabelecimentos em março de 2021, após as autoridades australianas não registrarem nenhum novo caso da covid-19. Com o fim das restrições, espectadores poderão conferir a final do *Australian Open*, uma das principais competições de tênis do mundo, que acontecerá no Melbourne Park. O torneio contará com cerca de 50% do público nas arquibancadas.

Novas medidas de restrições foram criadas após as autoridades que atuam na área de saúde detectarem 25 novos casos do novo coronavírus na região. Com isso, algumas medidas continuam em vigor, como o uso obrigatório de máscaras, e, até o mês de março de 2021, as residências poderão receber até cinco visitas por vez. Comércio e escolas voltam para o sistema de reabertura.

Em entrevista, o primeiro-ministro de Victoria, Daniel Andrews, comemora o efeito positivo que o *lockdown* teve na região. “Vamos completar esse período com as pessoas sendo capazes de transitar livremente porque esta medida emergencial curta e precisa funcionou”, declarou Andrews.

A Austrália é conhecida por ter um dos planos de enfrentamento ao novo coronavírus

mais severos do mundo. Após um surto no segundo semestre do ano passado (2020), as autoridades locais pensaram em restrições severas para conter esse aumento no número de contágio. Com tais medidas, a população chegou a ficar semanas sem registrar novos casos.

Uma das medidas escolhidas foi de que os visitantes fossem obrigados a cumprir um tempo de quarentena, pois, assim, o país teria um controle sobre infectados e possíveis transmissões. Os 25 novos casos de covid-19 detectados na Austrália foram de pessoas que passavam por esse confinamento obrigatório em um hotel no aeroporto.

A Nova Zelândia, referência no combate ao enfrentamento do novo coronavírus, registrou apenas 26 mortalidades de covid-19 em um país com 5 milhões de habitantes.

Disponível em: <https://saude.ig.com.br/2021-02-17/sem-registrar-novos-casos-cidades-da-australia-e-nova-zelandia-saem-de-lockdown.html>. Acesso em: 13/03/2021. Adaptado.





Exercitando o que aprendemos

1] Marque a alternativa que corresponde ao continente que se localiza no meio do Oceano Pacífico:

- a. África.
- b. Europa.
- c. América Central.
- d. Oceania.
- e. América do Norte.

2] Explique a formação dos atóis.

O recife começa a se desenvolver ao longo da orla costeira do vulcão. Conforme o cone do vulcão se abate ou o nível do mar aumenta, o recife continua a crescer verticalmente, de maneira a se manter próximo da superfície. O cone do vulcão desaparece completamente, e, em seu lugar, surge uma lagoa. Entretanto, o recife continua a crescer e a formar pequenas ilhas, pouco elevadas. Todo esse processo demora milhares de anos. A maior parte dos atóis se situa no Pacífico, pois esse é o oceano com maior atividade vulcânica do Planeta.

3] Justifique a afirmação de que na Oceania são encontradas espécies da fauna e da flora que não encontramos em outras regiões do Planeta.

Devido ao isolamento e ao fato de ser formado por milhares de ilhas espalhadas pelo maior oceano da Terra, há, nesse território, espécies muito específicas da fauna e da flora que, em boa parte dos casos, não são encontradas em outras regiões do Planeta, como os cangurus e coalas.

4] Analise as afirmativas e marque V para as verdadeiras e F para as falsas.

- a. (V) Com 8,5 milhões de quilômetros quadrados de extensão, a Oceania é o menor continente terrestre.
- b. (F) A Oceania é um continente formado por uma massa continental (Austrália) e por vários grupos de ilhas localizadas no Oceano Atlântico.
- c. (V) Com exceção da Nova Zelândia e da Austrália, a economia dos países da Oceania se baseia nas atividades primárias.
- d. (F) A Oceania está localizada totalmente ao sul da Linha do Equador, pertencendo, portanto, somente ao Hemisfério Meridional.

5] Discorra sobre as principais características da economia da Oceania, destacando as disparidades econômicas entre os países que a integram.

Sugestão de resposta: Os países que integram a Oceania apresentam grandes disparidades socioeconômicas. A Austrália e a Nova Zelândia são nações extremamente desenvolvidas, apresentando elevadas médias nos indicadores socioeconômicos.

A economia da Nova Zelândia se baseia na produção e exportação de lã. Outros destaques são a produção de carne bovina, leite e derivados.

A Austrália possui um diversificado parque industrial. Os segmentos mais expressivos são o têxtil, alimentício, siderúrgico e metalúrgico. Outro destaque da economia nacional é seu grande potencial mineral — o país possui jazidas diversificadas.

Já a economia dos países localizados nas ilhas do Oceano Pacífico se baseia na agricultura de subsistência, não havendo desenvolvimento industrial. Porém, nas últimas décadas, as belezas naturais dessas regiões têm atraído visitantes de várias partes do Planeta, impulsionando o turismo nessas nações.

Indicações para aprofundamento do tema

BRAUDEL, Fernand. Através do universo inglês. In: *Gramática das civilizações*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

COSTEAU, Jacques. *Austrália: a última fronteira*. Barcelona, Altaya, 1997.

KLINK, Amyr. *As janelas do Paratii*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

KLINK, Amyr. *Mar sem fim*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MAGNOLI, Demétrio et al. *Panorama do mundo 2*. São Paulo: Scipione, 1997.

O CORREIO DA UNESCO. *Austrália, terra de contrastes*. Rio de Janeiro: FGV, fev. de 1989. Ano XVII, n. 2.

O CORREIO DA UNESCO. *Papua-Nova Guiné, tradições culturais de uma jovem nação*. Rio de Janeiro: FGV, 1979. Ano VII, n. 12.

RIBEIRO, Wagner Costa. *A ordem ambiental internacional*. São Paulo: Contexto, 2001.

Anotações

6| A Oceania apresenta três conjuntos de ilhas, que são divididas em Micronésia, Melanésia e Polinésia. Conforme o texto e seus conhecimentos, aponte as principais características de cada um desses conjuntos de ilhas.

a. Micronésia e Melanésia.

A Micronésia consiste em um conjunto de pequenas ilhas agrupadas em diversos arquipélagos no Oceano Pacífico. Melanésia: está localizada no extremo oeste do Oceano Pacífico. Compreende as ilhas situadas a nordeste da Austrália e os territórios de Nova Guiné, Vanuatu, Fiji, Ilhas Salomão.

b. Polinésia.

Compreende as áreas que se estendem da Nova Zelândia ao Havaí. Essa região é habitada por cerca de 5 milhões de pessoas. As belezas naturais da Polinésia têm impulsionado o turismo nessa porção do Oceano Pacífico.

7| Justifique o fato de a população australiana continuar a crescer apesar das taxas de fecundidade e fertilidade verificadas no país.

Mesmo com a diminuição nas taxas de natalidade, o governo australiano promove, há décadas, a entrada de imigrantes no país a fim de favorecer uma maior ocupação e, também, ampliar a mão de obra disponível. Nesse sentido, a Austrália conta hoje com cerca de 23 milhões de habitantes concentrados nos grandes centros urbanos.

8| Considere o texto abaixo.

Seu território apresenta, na porção costeira leste e sudeste, suas maiores aglomerações urbanas. As elevações mais significativas, com importantes reservas de carvão mineral, correm paralelas à planície costeira oriental, interpondo-se às massas de ar úmidas e concentrando a precipitação nessas planícies. Os ventos secos que ultrapassam essa barreira vão para a região central, onde, em grandes planícies, desenvolve-se a pecuária bovina e ovina. Para o oeste, encontram-se grandes formações desérticas de areia e pedra. O extremo ocidental desse país tem uma cobertura vegetal do tipo savana-estepe, com pequena densidade demográfica.

Essa descrição refere-se à:

- a. Argélia.
- b. Argentina.
- c. Austrália.
- d. Armênia.

9| Caracterize o processo de povoamento do território australiano pelos ingleses.

A Austrália foi colonizada pelos ingleses e, por muito tempo, funcionou como colônia penal. Após a independência, os imigrantes passaram a receber incentivos para viver na Austrália e consolidar o povoamento do país, especialmente as mulheres, já que o número de homens era muito superior. Dessa forma, o país sempre se mostrou receptivo aos imigrantes e acolheu milhares de refugiados judeus. Prova disso é que a cidade de Melbourne concentra uma das maiores comunidades judaicas do mundo; fora de Israel. Além dessa, é possível encontrar grandes comunidades de imigrantes italianos, alemães, gregos, chineses, entre outras, que têm liberdade para manter e divulgar sua cultura, seus hábitos, etc. e promover o intercâmbio cultural com os australianos e demais grupos imigrantes.

10 | Caracterize a distribuição da população e das atividades urbano-industriais no território australiano.

A maior parte da população australiana vive nas cidades, aproximadamente 89,5%, em 2011. Os principais centros urbano-industriais são: Sydney, Melbourne, Brisbane, Perth e Adelaide. Ao norte, nota-se o crescimento ancorado na proximidade maior com novos centros econômicos emergentes da Ásia, favorecendo a ampliação do intercâmbio econômico da Austrália com essa porção do Planeta.

11 | Enumere alguns fatores que contribuem para o bem-estar da população neozelandesa.

Políticas de bem-estar social são desenvolvidas na Nova Zelândia, proporcionando elevados indicadores sociais. Logo, são oferecidos serviços educacionais, de saúde e de infraestrutura, em geral. A expectativa de vida da população nacional é uma das mais elevadas do Planeta: 80 anos. O país apresenta baixos índices de analfabetismo, e a mortalidade infantil é de apenas 4 óbitos a cada mil nascidos vivos. Além disso, o país é um dos que apresenta o meio ambiente mais preservado do mundo, o que também melhora a qualidade de vida da população.

12 | Aponte um desafio que deverá ser enfrentado pela sociedade e pelo governo da Nova Zelândia nos próximos anos do século XXI.

A Nova Zelândia, como os demais países desenvolvidos, também tem sofrido a redução das taxas de natalidade e fecundidade de sua população. Com uma população pequena, com cerca de 5 milhões de habitantes, se persistirem esses indicadores, essa nação enfrentará os problemas decorrentes do envelhecimento da população (carência de mão de obra, decréscimo populacional, transformações do mercado consumidor, etc.).



Preparando-se para o vestibular/ Enem

1 | (IFCE) É o fator que mais contribuiu para a ocupação das terras da Austrália e da Nova Zelândia no século XIX:

- a. a descoberta de terras de grande fertilidade para a agricultura.
- b. a descoberta de petróleo, por volta de 1950.
- c. o clima temperado em toda a sua extensão territorial.
- d. a mão de obra escrava no próprio território.
- e. o clima tropical em toda sua porção meridional.

2 | (UFU) Assinale a alternativa que identifica as principais características geográficas da Austrália.

- a. Os nativos australianos foram praticamente dizimados com a ocupação europeia, e os que restaram se encontram hoje totalmente assimilados à cultura dos brancos.
- b. Possui população rural reduzida, centros urbanos concentrados no sudeste do país, com base econômica derivada dos produtos agropecuários e da mineração.
- c. Possui 40% do seu território recoberto por florestas tropicais e importantes indústrias de produtos manufaturados.
- d. A maior parte do território é constituída por desertos, predominando população rural com economia baseada em recursos primários.

3 | (Unirio) Assinale a afirmação **incorreta** sobre a Oceania e os países que formam esse continente:

- a. O setor agropecuário na Austrália apresenta uma elevada participação nas exportações, e a pecuária constitui uma das principais fontes de riqueza.
- b. A Austrália possui uma das mais baixas densidades demográficas do mundo, e sua população concentra-se no litoral e nas regiões mais úmidas.
- c. A agropecuária na Nova Zelândia ocupa grande parte de seu território; é uma atividade muito importante

economicamente, responsável por grande parte das exportações de produtos industriais.

- d. Ao todo, a Oceania é formada por 4 grandes ilhas: a maior, que representa o território australiano; e 3 ilhas menores, que formam o arquipélago da Nova Zelândia e a Ilha da Tasmânia, que constituiu um país independente.
- e. Durante o processo de ocupação da Nova Zelândia pelos ingleses, a população nativa teve suas terras usurpadas, e grande parte de sua população foi dizimada. Hoje a população é predominantemente branca.

4| O termo **Oceania** costuma ser usado para identificar as terras emersas localizadas entre os oceanos Índico e Pacífico. Sobre elas, pode-se afirmar que:

- a. as ilhas da Polinésia, Melanésia e Micronésia são constituídas, predominantemente, por países que complementaram sua independência política na década de 1950.
- b. a Polinésia tem sido a área mais utilizada pelos EUA para a realização de testes atômicos, como os da década de 1970, que destruíram o atol de Mururoa.
- c. um traço cultural comum na Oceania é a completa adaptação das comunidades nativas aos padrões europeus e norte-americanos estabelecidos com a ocupação colonial, a partir do século XVI.
- d. Austrália, Nova Zelândia e Papua-Nova Guiné são considerados países independentes, apesar de terem como chefe de Estado a rainha Elisabeth II, do Reino Unido, ou alguém indicado por ela.
- e. em comparação aos outros continentes, a Oceania apresenta o maior número de possessões do tipo colonial, a exemplo do Haváí, Taiti e Tonga, controladas pelos Estados Unidos.

5| (CFTCE) Analise os fatores que contribuíram para a conquista e a ocupação das terras da Austrália e da Nova Zelândia no século XIX.

- I. A introdução da criação de ovelhas e carneiros, favorecida pelas excelentes condições naturais de certos trechos do território.
- II. A descoberta de terras de grande fertilidade para a agricultura.
- III. A descoberta de ouro, por volta de 1850.

IV. O clima temperado em toda a sua extensão territorial.

V. A mão de obra escrava no próprio território.

VI. O clima tropical em toda a sua porção meridional.

São informações **verdadeiras**:

- a. I, II e III. d. I, II e IV.
- b. II, IV e VI. e. I, V e VI.
- c. I, III e V.

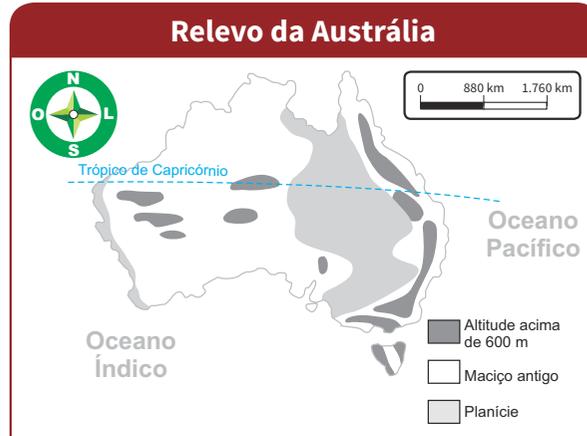
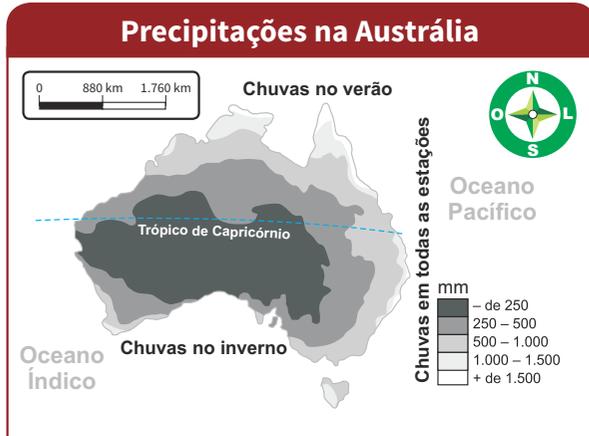
6| A posição da Austrália, em relação às rotas de navegação, foi um dos motivos que retardou a incorporação de seu território ao horizonte geográfico europeu. Sua ocupação só viria a ocorrer de modo efetivo a partir do século XVIII e seria marcada pela influência de fatores naturais, o que pode ser constatado pela:

- a. descoberta de jazidas de ouro que atraíram milhares de imigrantes a partir de 1850.
- b. existência de forte atividade madeireira nas áreas de vastas florestas de coníferas, na porção oeste do país.
- c. implantação de lavouras de exportação de cana-de-açúcar e cacau, devido à abundância de água em todo o território.
- d. ocorrência, no centro do país, de solos tropicais de alto potencial de aproveitamento para o cultivo de trigo.

7| (UFPE–Adaptada) A Austrália foi, em 2000, a sede dos *Jogos Olímpicos*, um evento de suma importância para os esportes. Esse país apresenta, dentre outras, as seguintes características geográficas, **exceto**:

- a. A maior parte da população economicamente ativa do país exerce atividades no setor primário.
- b. No interior do país, são encontradas importantes reservas de carvão mineral e minério de ferro.
- c. A Austrália é um país industrializado, onde se destacam as indústrias siderúrgicas, alimentícias e de material de transporte.
- d. A imigração para a Austrália se intensificou após a Segunda Guerra Mundial, com a chegada ao país de grandes contingentes de europeus.
- e. A maior parte do território australiano é dominada por um clima seco, mas no sudeste do país é encontrado um clima subtropical.

8| (Unicamp) A Oceania é um continente formado por um conjunto de ilhas e pela Austrália. Com base no texto e observando os mapas a seguir, responda:



a. Sabe-se que a Oceania pode ser compartimentada em três grandes conjuntos de ilhas, cuja importância estratégica ainda hoje é muito grande. Quais são esses três conjuntos?

Os três conjuntos são Micronésia, Melanésia e Polinésia.

b. Quais são as características do relevo australiano?

O relevo está dividido em três grandes unidades morfológicas: o planalto australiano, a oeste; a grande bacia central; e a cordilheira australiana, a leste.

c. Ainda sobre a Austrália, por que na zona norte as chuvas ocorrem no verão e, na zona sul, apenas no inverno?

Porque estão localizadas em zonas climáticas diferentes: a norte, na zona tropical, e a sul, na zona temperada.

9| (UFRGS) Considere as seguintes afirmações sobre a Austrália.

- I. A Austrália não recebe fluxos migratórios significativos, apesar de ser considerado um país industrializado.
- II. O subsolo da Austrália é rico em reservas minerais, entre as quais se destacam o ouro, o carvão mineral, o níquel e a bauxita.
- III. O setor terciário, que representa cerca de 70% da economia do país, vem se consolidando pela prestação de serviços qualificados e pelo desenvolvimento de tecnologia de ponta.

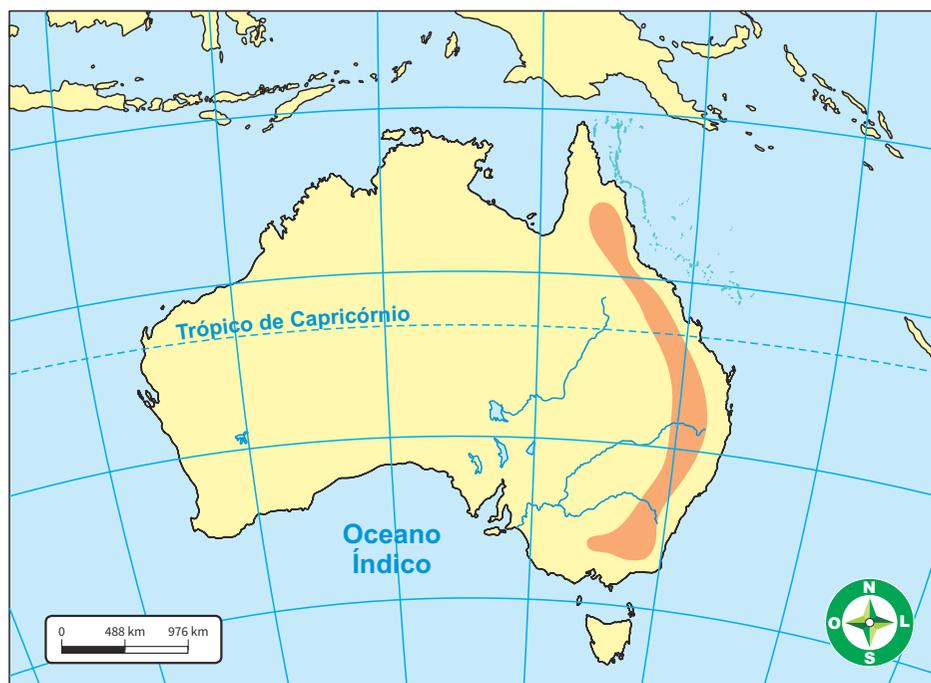
Quais estão **corretas**?

- a. Apenas I.
- b. Apenas II.
- c. Apenas I e III.
- d. Apenas II e III.
- e. I, II e III.

10| (CFTCE) A economia australiana recebeu grandes investimentos estrangeiros após a Segunda Guerra Mundial, o que provocou intensa internacionalização da sua economia. Vários setores de sua economia (indústria automobilística, farmacêutica, de cosméticos, petrolífera, de mineração) encontram-se em poder, sobretudo, de empresas ou de capitais:

- a. britânicos, japoneses e norte-americanos.
- b. chineses, brasileiros e franceses.
- c. japoneses, franceses e britânicos.
- d. norte-americanos, japoneses e alemães.
- e. britânicos, japoneses e chineses.

11| (Mackenzie) É característica do relevo da área destacada no mapa da Austrália a seguir:



- a. Planalto cristalino de baixa altitude e formas onduladas.
- b. Dobramento antigo onde se localizam as maiores altitudes do país.
- c. Planície aluvial com colinas e ondulações suaves.
- d. Dobramentos recentes com grande altitude.
- e. Planaltos sedimentares com formas tabulares.



**Família
Escola
Editora**

Juntos Formando Cidadãos

**LIVROS DE QUALIDADE E PREÇO JUSTO À DISPOSIÇÃO DOS
SEUS ALUNOS DESDE O PRIMEIRO DIA DE AULA.**

Conteúdo de qualidade.
Menor preço por página.
Responsabilidade social.
Proposta de trabalho sustentável.
Universalização do acesso aos livros.

CONHEÇA OS LIVROS DO KIT A.